

Singapura, uma questão de identidade?

de cidade portuária a cidade global

Dimas Fernando Gomez Santos
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
sob orientação do Professor Doutor Carlos Martins
Departamento de Arquitectura, FCTUC, Junho 2016



Singapura, uma questão de identidade?

de cidade portuária a cidade global

Agradecimentos

São curtas as palavras para manifestar a gratidão que sinto para com a minha família, amigos e orientador. Agradeço sinceramente ao professor Carlos Martins pelo apoio e consideração que sempre demonstrou. Aos amigos e amigas que me acompanharam neste percurso que guardo para a vida. Aos Combatentes. A Coimbra. À Daniela por todos os momentos. À minha irmã, ao meu irmão e à minha avó por tudo. Ao meu pai a quem dedico este trabalho.

Resumo

Singapura, cidade-estado com forte acento global, resulta de uma multitude de temporalidades que produzem e reproduzem um tipo de organização *sui generis*. O ritmo de desenvolvimento frenético do país nas últimas décadas derivou num estado de palimpsesto e num défice de património urbano e ambiental, destoantes da “tradição” ocidental do *stick with the origin*. Atualmente, e no decorrer das políticas agressivas implementadas nas décadas posteriores à independência, Singapura começa agora a olhar para si própria.

A imediata percepção deste organismo complexo a partir da sua materialidade aparente, é uma abordagem que, apesar de pecar por frágil, tem servido de base para as teses que sustentam a ausência de identidade de Singapura com a sua negligência face ao passado. Procura-se, no entanto, demonstrar que o passado surge como uma entidade acusmática que persiste nos processos que estruturam os seus contornos atuais.

Num estado assumidamente tateante e, por vezes, contraditório, onde se desvirtua qualquer sentido de linearidade histórica e cultural, procede-se então à dissecação da fórmula de Singapura. E será este um caso restrito ao Sudeste Asiático? Não será sim um denominador transversal à era da globalização? Todas estas indagações são analisadas dentro do prisma da mentalidade asiática própria de um país que se cristalizou com base numa cultura não apenas definida pelo que é mas também mediada por aquilo que não é, e pela forma como se constrói e relaciona com outras culturas. O problema é o facto de uma cultura não se relacionar apenas com outra cultura mas sim com uma tábua de categorias que determinam o próprio sistema relacional.

À luz de uma realidade que se pugna pela promoção de uma competitividade voraz pelo reconhecimento alheio, Singapura, mais do que o medo panótico de ser permanentemente observada, revela precisamente a inversão deste conceito: o temor último de não ser de todo observada.

palavras-chave: Singapura; cidade portuária; cidade global; desenvolvimento; identidade; place branding; arquitetura; urbanismo.

Abstract

Singapore, city-state with a strong global impact, results mainly from multiple temporalities that produce and reproduce a *sui generis* organization. The frantic development rhythm of the country in recent decades resulted in a state of palimpsest and in urban and environmental heritage deficit, dissonant of Western “tradition” of sticking with the origin. Currently, and deriving from aggressive politics implemented decades after independence, Singapore starts now contemplating itself.

The immediate perception of this complex organism from its apparent materiality, is an approach that, despite its frailty, has served as a base to the arguments that support the absence of Singapore’s identity, regarding its negligence of the past. However, this research intends to demonstrate that the past appears as an acousmatic entity that persists in the processes that shape their current form.

In an admittedly tentative and sometimes contradictory state, where it undermines any sense of historical and cultural linearity, this study proceeds to the dissection of Singapore’s formula. Is this a case restricted to Southeast Asia? Isn’t it a transversal denominator in the era of globalization? All these questions are analyzed within the prism of Asian mentality of a country that has crystallized on the basis of culture, not only defined by what it is, but also mediated from what it isn’t, and from how it is built and related to other cultures. The issue at hand is that culture can’t only relate to another culture, but also with a table of categories that determine its own relational system.

In light of the reality that advocates for the promotion of a voracious competitiveness for foreign recognition, Singapore, more than the panoptical fear of being constantly observed, reveals itself precisely as the reverse of this concept: the ultimate fear of not being seen at all.

keywords: Singapore; port city; global city; development; identity; place branding; architecture; urbanism.

Sumário

7	Resumo
11	Abstract
17	I Parte Introdução ao contexto histórico
19	1.1 Rotas marítimas: Singapura pré-colonial e colonial
21	1.2 Por um Estado independente
23	1.3 Os devires da independência
35	1.4 3 M's: multirracismo, materialismo e meritocracia
35	Multirracismo
43	Materialismo
47	Meritocracia
51	1.5 Perspetivas não ocidentais: a outra face
65	II Parte Singapura pós-colonial
67	2.1 Ano zero
69	2.2 UN Mission
73	Master Plan 1955
79	O problema da habitação
81	Renovação urbana
91	Ring City
99	2.3 Central Business District
105	Orchard Road
107	2.4 Housing Development Board: cidades satélite
121	2.5 Chinatown e Little India
127	2.6 Arquitetura e urbanismo: influência nas décadas de 60 e 70
133	Arquitetura tropical
139	2.7 Os SPUR

143	2.8 Do Master Plan ao Conceptual Plan
157	III Parte De cidade portuária a cidade global
159	3.1 Uma visão global
163	3.2 Cidade global: introdução ao conceito
175	3.3 Revolução do sistema portuário global
179	3.4 Porto de Singapura
181	3.5 Aeroporto de Changi
183	3.6 Um cluster transnacional
189	IV Parte Uma questão de identidade
191	4.1 Identidade: introdução ao conceito
197	Identidade, cultura e imagem
209	4.2 Singapura, missão e visão: place branding
225	Considerações finais
235	Bibliografia
253	Fontes de imagens

*Pois é o mais contrário que é,
ao mais alto grau, amigo daquilo
que lhe é mais contrário.*

PLATÃO, *Lísis*, 215e

I Parte Introdução ao contexto histórico



Localização geográfica de Singapura.

1.1 Rotas marítimas: Singapura pré-colonial e colonial

Localizada aproximadamente a 140 km a Norte da linha do Equador, a ilha de Singapura, situa-se no estreito de Malaca, na extremidade mais a Sul da Península da Malásia, separadas pelo estreito de *Johor*, Sudeste Asiático, na junção entre os oceanos Índico e Pacífico, zona historicamente marcada pela frequência das rotas de navegação e comércio.¹ Fazendo parte do cinto equatorial das florestas tropicais, o clima é equatorial, com percentagens elevadas de humidade, temperaturas altas e precipitação constante ao longo do ano.

A história moderna de Singapura, antiga *Temasek*, teve início no momento em que foi reivindicada por Sir Stamford Raffles da Companhia das Índias Orientais em 1819, como parte integrante do Império Britânico e que, cedo lhe reconheceu vantagem estratégica em relação a outras áreas adjacentes. Das principais motivações constam as já referidas vantagens geográficas para tratos comerciais, e interesses militares - frente costeira de águas calmas e posição protegida a Norte pela Península da Malásia que permitia um controlo privilegiado desta área de passagem. No período pré-colonial, Singapura caracterizava-se por ser uma zona remota com uma população na ordem das centenas de habitantes, sobretudo de origem malaia. A morfologia da ilha mantinha-se intacta e os maiores sinais de presença humana eram as suas aldeias piscatórias de perfil rural e os campos de plantação de borracha.

Assim, procedeu-se à colonização e transformação da ilha (outrora refúgio de piratas) de forma a tornar-se num ponto nodal de conexão e articulação das diferentes rotas e transações comerciais entre o Ocidente e o Sul da Ásia.² A real importância desta colónia, no âmbito do monopólio geopolítico britânico surgiu aquando do marco histórico que foi a abertura do Canal de Suez em 1869, construído por De Lesseps e que, segundo Edward Said *dissolvera a identidade geográfica do Oriente, arrastando-o (quase literalmente) para o*

¹ No séc. XVI, a exploração de além-mar está reservada às duas nações ibéricas, Espanha e Portugal; somente no século seguinte, intervêm as outras potências banhadas pelo Atlântico, França, Inglaterra e Holanda. (...) Os portugueses, no seu hemisfério, encontram territórios pobres e inóspitos (sobretudo na África Meridional) ou então, no Oriente, Estados populosos e aguerridos que não podem ser conquistados; assim, fundam somente uma série de bases navais, para controlar o comércio oceânico, e não têm condições de realizar uma verdadeira colonização em grande escala. Uma dos monumentos de registo da presença portuguesa no Sudeste Asiático é o Forte de Malaca localizado em Malaca, Malásia. BENEVOLO, L. (1983). *História da Cidade*. p. 475

² DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. (2008) *Singapore: an atlas of perpetual territorial transformation*. p. 6



Frente marginal, Tanjong Rhu, Singapura, 1847.
Cidade de Singapura, 1887.

Ocidente.³ Momento que motivou uma drástica mudança de paradigma na abordagem do outrora mundo obscuro e exponenciou o sistema das rotas comerciais em termos de velocidade, comunicação e segurança. Esta realidade permitiu definir novos contornos do mercado da concorrência consolidado naquela área, particularmente entre o Reino Unido e a Holanda. Um dos métodos utilizados pelos ingleses por forma a suprimir a concorrência e tornar Singapura um destino de referência no campo dos intercâmbios comerciais, foi tornar o porto livre de taxas. Tal estratégia promoveu o estatuto de desenvolvimento da ilha que, por sua vez, foi alvo de uma reestruturação ao nível de instalações e infraestruturas militares como forma de afirmação e defesa contra ataques de concorrentes comerciais nomeadamente, Holanda, Malásia, Indonésia e piratas. Nesta conjuntura, o porto de Singapura tornou-se um ponto charneira fundamental no universo do comércio marítimo global o que impulsionou um progresso e dinamismo substanciais. Fenómenos como a imigração começaram a tornar-se parte essencial desta moldura, encabeçada por chineses, indianos e malaios que, com o tempo, alterou de forma compósita a herança social, cultural, comercial e urbana da então cidade portuária.

1.3 Por um Estado independente

Em 1923, foi instalada uma base naval, à qual se seguiram duas bases aéreas da afamada RAF, *Royal Army Force*, permitindo o reforço do estatuto de principal Base Naval Britânica no Extremo Oriente. Apesar do reforço militar supra mencionado, tais ações não preveniram o Forte de Singapura de ser ocupado pelos Japoneses de 1942 a 1945, que prenunciou o colapso das potências Europeias na região. Momento histórico na curta existência da cidade que viria a afirmar de forma perentória um novo tempo, uma realidade onde não cabiam conceitos como colónias e impérios (no sentido clássico do termo). O período da ocupação e os anos subsequentes despoletaram uma vaga epidémica de indigência, crime, conflitos sociais, crises políticas e demográficas⁴, assim como despertou uma consciência crítica imbuída de instintos patrióticos e anticolonialistas que, mais tarde, viriam a ser o mote do movimento nacional independentista. *The Japanese occupation (1942-1945) filled me with hatred for the cruelties they inflicted on their fellow Asians, aroused my nationalism and self-respect, and my resentment at being lord over. My*

³ SAID, E. (2013). *Orientalismo*. p. 107

⁴ DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. *op. cit.* p. 5

*four years as a student in Britain after the war strengthened my determination of British colonial rule.*⁵

A ambição por uma nação independente representava uma nova ordem onde primava uma tábua de categorias basilares como a segurança pública, economia e progresso social de forma a rebater os fantasmas do passado. O governo que entrou em funções em 1959, o PAP - *People's Action Party*, liderado por Lee Kuan Yew, considerava que num plano a longo prazo, a solução mais condizente com os ideais referidos era a anexação à Malásia, que se veio a verificar em 1963 segundo a política, um país dois sistemas. Esta decisão revelou-se empiricamente inviável visto que nos anos subsequentes se gerou uma onda de conflitos raciais entre malaios e chineses (maioria étnica em Singapura), revelando idiosincrasias incompatíveis que, em última instância, e contra a vontade do governo da ex-colónia, levariam à irrevogável clivagem entre Malásia e Singapura.

A experiência traumática que foi testemunhar esta sequência de eventos, levou Singapura a acreditar na possibilidade de se tornar num Estado soberano, baseado na igualdade entre cidadãos independentemente da sua etnia, estatuto social, linguagem e religião.⁶

1.4 Os devires da independência

No tramo destes acontecimentos, em 1965, Singapura tornou-se num Estado independente que, apesar dos problemas de Terceiro Mundo, estabeleceu definitivamente a sua soberania entre os seus vizinhos Indonésia e Malásia, facto que culminou em 1971 com a retirada definitiva das forças britânicas. Numa região com questões geopolíticas sensíveis, num estado de latência global provocado pela Guerra Fria, foi acelerado o processo de definição do rumo que a recente cidade-estado queria seguir, como expõe Lee Kuan Yew:

*During the Cold War in the 1960s and 1970s, when it was far from the clear which side would win, we aligned ourselves with the West. The Cold War made for a simpler international environment. Because our neighbors were against communists, we enjoyed both regional solidarity and international support from America, Western Europe, and Japan.*⁷

⁵ YEW, L. K. (2000). *From Third World to First*. p. XIII

⁶ *Ibidem*. p. XVI

⁷ *Ibidem*. p. XV



Lee Kuan Yew, 1959.

Nos anos procedentes, apesar da situação desfavorável, o governo de Singapura iniciou um regime de reformas profundas nas estruturas da cidade-estado, manobras rigorosas que eliminaram a maioria das fragilidades materiais das épocas transatas. Mas a que custo? Atualmente, Singapura é considerada uma cidade global, com infraestruturas, equipamentos e PIB de Primeiro Mundo, uma verdade que se estabeleceu num período cronológico diminuto, em comparação com o desenvolvimento secularizado das cidades Ocidentais. No entanto, *it will take another generation before our arts, culture, and social standards can match the First World infrastructures we have installed.*⁸

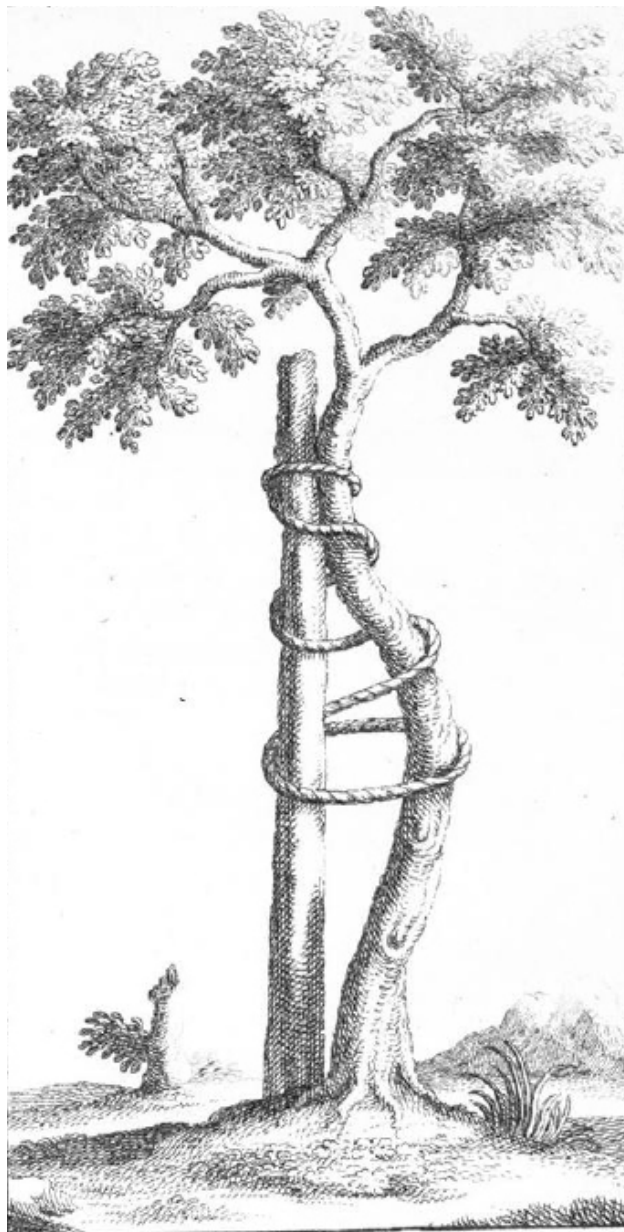
A cidade-estado de Singapura desde então tem-se vindo a construir com base num reconhecido alinhamento de proposições que regeram os seus modelos de desenvolvimento social, económico, político e urbano. Estes dominadores inauguraram uma sociedade que se redefiniu por entre fatores exógenos e endógenos, reflexo da abertura à economia global e da persistência dos valores asiáticos, fatores que promoveram um estado de progressiva transformação do território.

Desde a formalização da sua soberania em 1965, Singapura foi alvo de um plano de reestruturação totalitário que previa um novo conceito de cidade, erradicando a herança histórica onde persistiam complexos e traumas inerentes ao colonialismo inglês e à ocupação Japonesa (1942-1945) em plena Segunda Guerra Mundial. Esta fórmula progressista de desenvolvimento estava alicerçada num conjunto de valores fundamentais fabricados pelo PAP, partido político liderado por Lee Kuan Yew, que se sustentava nas noções de despreendimento do passado, autopreservação e progresso da nação. Assim, apelou-se ao espírito de sacrifício e à exaltação do progressismo explosivo para legitimar um conjunto de políticas totalitárias que iriam perdurar ao longo dos anos. Esta construção política foi apoiada pela imputação de um estado *orwelliano*, com um senso de sobrevivência e apoteose omnipresentes, sob a bandeira dos 3 M's *material well-being, multiracialism, and meritocracy*⁹. Estes foram os princípios de suporte das utopias que viriam a definir a génese e a matriz de desenvolvimento de Singapura no seio de uma confluência histórica, social, económica, geográfica, geopolítica e ideológica, conceitos que condimentaram a imagética da cidade-estado.

Destarte, esta representação de cidade produziu, de acordo com Daniel Bell,

⁸ *Idem.*

⁹ BELL, D.; DE-SHAFITT, A. (2011). *The Spirit of Cities*. p. 80



“Frontispiece of Orthopædia”,
Nicolas Andry, 1743.

uma forma de individualismo extremo que minaria todo o esforço de construção de um verdadeiro espírito patriótico e comunitário.¹⁰

O discurso produzido incide sobre a intenção de converter a cidade de terceiro mundo num exemplo de primeiro mundo, com um sistema operativo de crescimento contínuo, onde segurança e prosperidade ressoam em cada esquina.

No plano do entendimento do quadro que tem regido o modelo urbano de Singapura deve-se começar pela análise dos projetos utópicos que principiam a narrativa do Estado de Singapura. Neste ponto, é necessário referir a génese ocidental que provou a base destas estruturas numa plataforma sempre muito laboratorial e experimentalista. A noção de tempo e a consciência do risco sempre foram realidades de destaque partilhado na complexa equação que foi construir uma cidade a partir do grau zero, sem espaço para a herança ou para uma definição histórica como orientação. A conceção moderna de *tabula rasa*, substanciada pela integração dos processos tecnológicos, suportou uma mudança de paradigma, um *shift* formal, que materializou uma condição ideológica de emancipação e rompimento com qualquer tipo de atavismo disfuncional, legitimando a importação de culturas e arquiteturas exógenas.

Assim, conceitos como *Island, Garden City, Housing, Leisure, Travel, and Technology*, preconizaram uma ambição clara em produzir uma matriz ideológica, enquadrada num contexto histórico, político e económico, onde as ideias proliferaram, assim como o público (maioritariamente apolítico) para qual as mesmas se dirigiam.¹¹ Por outro lado, estas ambições podem ser vistas como decorrentes de um processo de modernização, aliado a um complexo de inferioridade, sintomáticos das condições precárias da época pós-colonial e da necessidade de criar um ambiente propício ao investimento estrangeiro. Daí, e na perspetiva de estabelecer uma correlação semiótica com os *standards* internacionais, adviram algumas das leis e práticas mais eloquentes onde constam a higienização do ambiente, o combate à criminalidade e corrupção ou as campanhas ecológicas de plantação de árvores. Esta tentativa de extinguir o “caos” degenerou em leis bastante específicas como a proibição da pastilha elástica, cuspir ou grafitar a práticas punitivas como chicotadas por vandalismo e à pena de morte, levando a cognominações como *nanny state* ou *Disneyland with the Death penalty*.¹²

¹⁰ *Idem.*

¹¹ SENG, E. *Utopia or Euphoria? Six Sites of Resistance in Disneyland and Singapore*. p. 39

¹² Estas práticas legislativas revelam um paradoxo incontornável face à ideologia de Confú-



“Bishan Park”, Singapura.
Ramboll Studio Dreiseitl.

*(...) it is managed by a regime that has excluded accident and randomness: even its nature is entirely remade. It is pure intention: if there is chaos, it is authored chaos; if it is ugly is a designed ugliness; if it is absurd, it is willed absurdity.*¹³

Como foi referido, as medidas instauradas, além de visarem uma resposta formal aos problemas do subdesenvolvimento da ilha – poluição, falta de água, criminalidade, precariedade do meio urbano - procuraram propagandear uma mudança radical de paradigma. Áreas de recreação, habitação, comércio e indústria, foram alvo de um plano intensivo de saneamento e arborização. Uma manobra, dir-se-á compensatória, em abono da expansão territorial que desbastou uma considerável percentagem da flora (costeira e interior) da ilha. A faixa costeira a Sudeste de Singapura, foi a que sofreu a maior transformação do ambiente, por vias do zonamento industrial. No sentido oposto, no centro da ilha, foi estabelecida uma reserva natural de 164 hectares – *Bukit Timah Nature Reserve* -, que permaneceu com a moldura vegetal inalterada. É evidente que, esta realidade não foi produto de uma casualidade, mas sim, de uma estratégia geral de estruturação do território. Estratégia essa que, coordenada pelo Ministério do Desenvolvimento Nacional, permitiu a difusão de mais de sessenta parques pela cidade (alguns do período colonial), contemplando uma área total de 20 km². De destacar, como parte da herança colonial, os parques, *Fort Canning Hill*, *Government Hill*, *Bukit Larangan (Forbidden Hill)*, *Bishan Park* e o *Botanic Garden*.¹⁴ Num contexto mais atual, o *East Coast Park* e particularmente o *Gardens by the Bay*, são os parques que corporizam o imaginário do governo para a Cidade Jardim Tropical.

Neste registo, e juntando o apelo à participação pública nos processos de

cio que tem uma aversão ao intervencionismo jurídico. *Os ritos desempenham na sociedade civilizada o papel atribuído às leis num meio social em que a moral entrou em colapso. Deste ponto de vista, a inflação da codificação jurídica e a proliferação da atividade judicial constituem realmente a medida paradoxal da brutalização e da falta de regras morais de uma sociedade. (Este paradoxo parece ter escapado à escola mais ativa do confucionismo moderno, o governo de Singapura, no seu ingénuo mas um tanto equivocado entusiasmo, promulgou recentemente leis para fazer aplicar a moralidade confuciana: se se sentirem negligenciados pelos seus filhos adultos, os pais podem agora levar os seus impiedosos rebentos a tribunal!) Dai a hostilidade confuciana em relação ao próprio conceito de lei. (...) quando uma nação precisa de se reger por um sem fim de novas leis (...) em geral é porque perdeu os seus valores básicos e deixou de estar cimentada por tradições comuns e por convenções civilizadas. Uma atividade legislativa desenfreada e intervenções judiciais permanentes constituem um sintoma de enfermidade global de uma sociedade.* LEYS, S. In CONFÚCIO. (2010). *Os analectos de Confúcio*. p. 187, 188

¹³ KOOLHAAS, R.; MAU, B. (1995). *S, M, L, XL*. p. 1101

¹⁴ DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. *op. cit.* p. 22



“Gardens by the Bay”, Singapura,
Wilkinson Eyre e Grant Associates.
Cartaz promocional de Singapura, década de 50.

plantação de árvores ao longo das redes viárias e pedonais, Lee Kuan Yew explicita os motivos e circunstâncias políticas que preconizaram a ambição de tornar Singapura numa *Garden City*.

Visiting CEOs used to call me before they made their investment decisions. I thought the best way to convince them was to ensure that the roads from the airport to their hotel and to my office were near and spruce, lined with shrubs and trees. When they drove into the Istana domain, they would see right in the heart of the city a green oasis, 90 acres of immaculate rolling lawns and woodland, and nestling between them a nine hole golf course. Without a word being said, they would know that Singaporeans were competent, disciplined, and reliable, a people who would learn the skills they required soon enough. American investors soon overtook those of the British, Dutch, and Japanese.¹⁵

Nas palavras de Eunice Seng, o conceito de *Garden City* que já tinha sido configurado de acordo com os propósitos de persuasão colonialista, era agora reajustado para os propósitos de revolução urbana.¹⁶ Nesse sentido, o discurso do governo considerava a população de Singapura uma população na sua generalidade de imigrantes que, desvinculada das suas origens, devia procurar reformular os velhos costumes e valores em nome do progresso da cidade. Os maus hábitos deveriam ser erradicados das práticas quotidianas pois, eram vistos como obstáculos à prosperidade e aos *standards* de primeiro mundo, de onde provinha a grande percentagem do investimento e do turismo. Assim, a encenação da paisagem idílica segundo o mote *clean and green*, teve um efeito catártico não só na cidade como também na região.

No other project has brought richer awards to the region. Our neighbors tried to out-green and out-bloom each other. Greening was positive competition that benefitted everyone- it was good for morale, for tourism, and for investors. It was immensely better that we competed to be the greatest and cleanest in Asia.¹⁷

A esta listagem, podem-se adicionar parques temáticos, como é o caso do Jardim Zoológico, e áreas direcionadas explicitamente para o lazer, onde se des-

¹⁵ *Ibidem.* p. 62

¹⁶ SENG, E. *Politics of Greening: Spatial Constructions of the Public in Singapore*. In LIM, W. S. W.; J.-H. C. (2012). *Non West modernist past: on architecture & modernities*. p. 154

¹⁷ *Ibidem.* p. 177

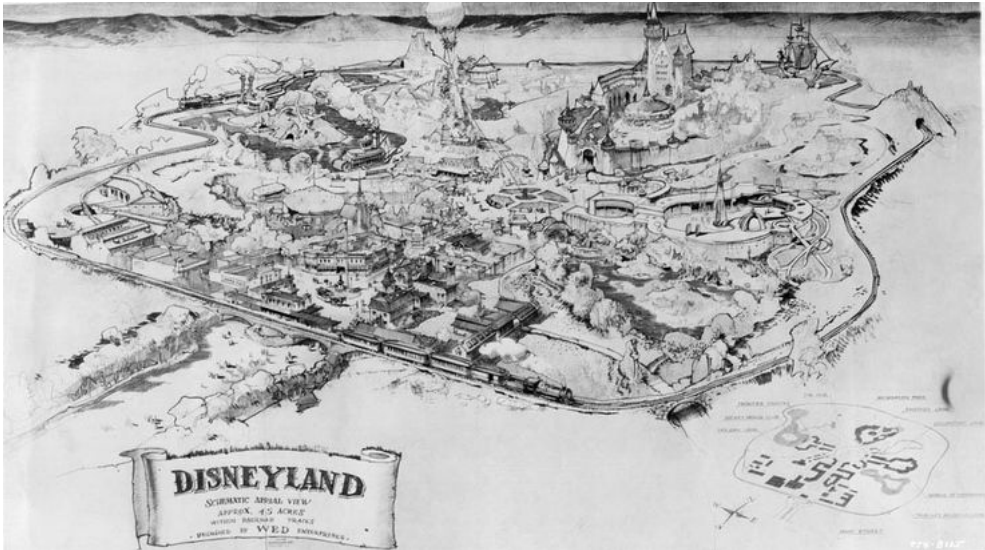


Imagem esquemática de Sentosa, Singapura.
Imagem esquemática da Disneyland, Herb Ryman, 1958.

taca *Paulau Sentosa*, a “ilha da tranquilidade”. A ilha de *Sentosa* é um caso de estudo peculiar dada a metamorfose total do *facies proprium* da mesma. Localizada perto do núcleo urbano, este microcosmos faz jus à denominação de *Disneyland* de Singapura. Antiga base militar do império britânico, a ilha foi expandida e transformada numa plataforma de entretenimento, tendo recebido uma panóplia de equipamentos onde se incluem museus, *resorts*, hotéis, marinas, praias artificiais com areia importada e campos de golf.¹⁸ O referente histórico da ilha, o *Forte Siloso*, outrora a estrutura de defesa militar contra a invasão japonesa na Segunda Guerra Mundial, é agora um museu e uma das principais atrações da ilha dado o seu peso histórico e simbólico.

A magnitude destes procedimentos envolveu uma escala de fabricação e reestruturação do território que só poderia existir aliada a uma proporcional modulação da consciência popular, perpetrada pelo sistema educativo¹⁹ e a um inexorável controlo dos *media*. Esta escala de perpétua transformação do espaço público, numa constante redefinição do ambiente, teve reflexos mais profundos do que o carácter efémero que resultou destas ações. O estado de permanente transformação espacial não é, segundo Rodolphe De Koninck ingénuo, podendo ser um instrumento de repressão social, política e económica (...) *the manipulation of the environmental and the repeated erosion or ephemeral character of all spatial bearings at the local level allow for only one level of territorial allegiance: that of the Republic of Singapore. The constant redefinition of these spatial and environmental bearings, while associated with other forms of monitoring, and not necessarily the result of a concerted decision, is not a mere consequence of changes accomplished in the political, economic and social spheres, but rather a tool. Spatial instability and territorial alienation at the local level foster social docility or at least assent.*²⁰

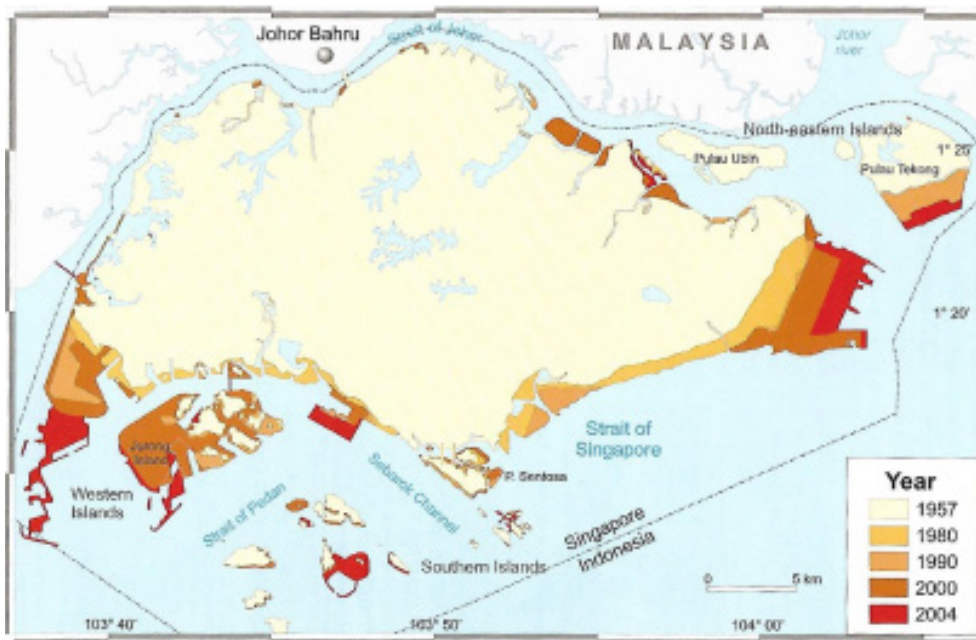
Num país onde o ritmo de transformação se processa a uma velocidade excessiva, parar parece ter-se tornado imoral, ou como manifesta Gonçalo M. Tavares, parar é pecar.²¹ O movimento é assim assimilado como sinónimo de progresso e vice-versa, uma única unidade de ação que peca por não encontrar o ponto de equilíbrio ou melhor, a velocidade adequada ao equilíbrio das

¹⁸ *Ibidem.* p. 72

¹⁹ *To overcome the initial indifference of the public, we educated their children in schools by getting them to plant trees, care for them, and grow gardens. They brought the message home to their parents.* YEW, L. K. *op. cit.* p. 176

²⁰ DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. *op. cit.* p. 1, 2

²¹ TAVARES, G. M. (2013). *Atlas do Corpo e da Imaginação.* p. 114



Mapa do crescimento do território de Singapura entre 1957 e 2004.

forças. Tavares, levanta então uma questão pertinente. *Qual a velocidade que possibilita o progresso sem que o resto que sobra do movimento gere, por caminhos não controláveis, catástrofes que atrasem mais do que aquilo que se consegue avançar?*²² Este é, um referencial que merece reflexão não só dentro do contexto de Singapura mas da cidade contemporânea: a capacidade de definir o ritmo certo perante uma cacofonia de velocidades individuais distintas.²³

Singapura surge assim como uma sublimação política, que procura a hegemonia de um ambiente totalmente planeado²⁴ onde a condição de instabilidade morfológica permanente contrasta, de forma categórica, com a constância da oligarquia regente.

1.4 3 M's: multirracismo, materialismo e meritocracia

Multirracismo

Desde a sua génese, Singapura sempre se sedimentou como uma sociedade plural resultante da intrínseca miscigenação, consequência do facto de ser um ponto charneira das rotas comerciais do Sudeste Asiático, no interstício entre os oceanos Índico e Pacífico. Esta forma de estar (o multirracismo) foi reforçada pelo governo que por sua vez incentivou o fortalecimento da vertente moral desta realidade. O compromisso deste fator com os domínios morais permitiu criar um forte espírito comunitário, sem as divisões e discriminações raciais que foram uma realidade nos princípios da década de 60. Paralelamente, este princípio permitiu ao governo a liberdade para construir o corpo e o espírito da cidade, com uma base social estável que de outra forma não seria possível.

Apesar da fina espessura histórica e da homogeneidade cultural fomentada pela narrativa distópica da cidade soberana que cortou as raízes com o passado, podemos encontrar exatamente no multirracismo o argumento que

²² *Idem.*

²³ Gonçalo M. Tavares levanta no entanto um dilema: *O dilema da liberdade: a velocidade exata e obrigatória retira liberdade – possibilidades e variantes na ação individual – e há, classicamente, uma associação entre liberdade e felicidade: desde sempre se assumiu que quanto mais liberdade eu tenho, mais possibilidades de ações estão ao meu dispor, e mais feliz eu posso ser. (...) poderá no entanto defender-se o contrário(...).*TAVARES, G. M. *op. cit.* p. 115

²⁴ SENG, E. In LIM, W. S. W.; J.-H. C. *op. cit.* p. 154



Mesquita "Masjid Sultan", Arab street, Kampong Glam, Singapura.
Templo "Sri Veeramakaliamman", Little India, Singapura.

refuta este dogma. Singapura não carece de uma cultura nacional; esta desenvolveu sim uma morfologia paramétrica que se vem metamorfoseando segundo diferentes ordens voláteis. Este estado de aparência criou um complexo identitário que tem influenciado o discurso político da última década, orientado para a construção de uma identidade idiossincrática que represente a singularidade de Singapura no mundo. Em face dessa contingência, é visível uma procura incessante de algo a que a cidade-estado se possa agarrar para justificar a sua presença geopolítica e, nesse sentido, os atores de Singapura procederam a uma alquimia na busca do “ideal sintético” de identidade por via da “manipulação genética” de fatores como a cultura, linguagem, sociedade e o ambiente.²⁵ No entanto, esta predeterminação genética da cultura consigna uma estaticidade inviável à realidade do Sudeste Asiático. Nesta ponto Geoffrey Benjamin refere: *It should be noted, however, that the individual, especially in South-East Asia, is not necessarily limited to a sole unvarying ethnic identity from birth; choice is frequently possible, sometimes from moment to moment.*²⁶

O culto do multirracismo, como uma das pedras basilares da fundação da cidade-estado, sedimentada em conceitos de integração e partilha de valores e sentimentos de quatro culturas diferentes, despoletou uma cadeia de entendimentos que desvirtuam qualquer nível de compreensão dialética da questão. Numa sociedade com uma forte consciência étnica, a perceção de cada realidade tem tendência a ser enquadrada num discurso determinista, onde os estereótipos ainda prevalecem e onde a nação macro é ainda compreendida numa lógica faccionária não holista, numa demarcação clara entre raças. Assim, *Singapore national culture is seen as no more than a congeries of essentially autonomous constituent “cultures”.*²⁷

Entre os principais constituintes étnicos encontram-se chineses, malaios, indianos e outros, CMIO (termo elucidativo de uma narrativa estereotipada). Dentro desta esfera, podem identificar-se um sem número de dualidades que comprovam ainda a existência de preconceitos raciais; no entanto, a real problemática reside no modo de pensamento estigmatizado que alastra para outras categorias sociais como sublinha Benjamin: *What may usefully be commented here, though, is the ease with which other social stereotypes are*

²⁵ BENJAMIN, G. *The Cultural Logic of Singapore's 'Multiracialism'*. In HASSAN, R. (1976). *Singapore: Society in Transition*. p. 117

²⁶ *Idem.*

²⁷ *Ibidem.* p. 130



Fotografia sem título, do projeto Unphotographable,
Tay Kay Chin, 2002-2006.

*employed, in a matter of similar to that of ethnic labelling, as a substitute for more appraisals of reality (...) the result is that Singaporeans can frequently argue, for example, about the supposedly totally different attitudes to life of the Chinese-educated as opposed to the English-educated, conveniently ignoring the fact that very many groups of siblings who continue to live in the same households are split along these lines.*²⁸ Este modelo faccionário teve um desenvolvimento perverso que nasceu de uma lógica de castração e que se traduziu na manifestação última da autenticidade e tolerância multicultural de Singapura. Abdicar de certas liberdades em nome de uma causa transcendente, a sobrevivência da nação.

A contínua categorização da autenticidade étnica, ênfase das diferenças culturais, incita não somente a uma aparente demarcação cultural como obriga a uma constante reiteração destes valores de uma forma quase opressiva. A realidade transforma-se assim num espetáculo cultural digno doutras ficções projetadas como é o caso da *Disneyland*, uma hiper-realidade invasora controlada pelos agentes governativos em abono da bandeira americana da “felicidade permanente” edificada em exemplos como o da *Celebration City* em Orlando, Florida.

Por outras palavras, este discurso apela aos chineses a tornarem-se mais chineses, os malaios mais malaios, os indianos mais indianos, uma lógica fabricada no sentido de que quem visite Singapura se identifique diretamente com determinada fação (ou ficção). E é aqui que se entra num capítulo culturalmente sensível na medida em que a aquiescência e recetividade do Estado para com as diferentes etnias tem motivações estratégicas. Se, por um lado, existe um apelo aos valores asiáticos relativos à moralidade confucionista, ao conceito de família e à língua; por outro, política e economicamente, qualquer paralelismo com o sistema chinês (comunismo) entraria (teoricamente) em rutura com os ditames ocidentais praticados em Singapura (neoliberalismo).²⁹ Assim, como no caso dos indianos, um sistema de castas seria publicamente contraproducente para com o conceito de meritocracia igualitária difundida pelo Estado. Da mesma forma, no caso dos malaios, a propagação do Islão

²⁸ *Ibidem.* p. 120

²⁹ A fórmula de Singapura era um caso de estudo peculiar no sentido em que aliava o melhor dos dois mundos. (...) em *Outubro de 1994, as autoridades comunistas organizaram em Pequim uma importante conferência internacional para celebrar o 2545º aniversário de Confúcio. O principal convidado de honra era o antigo primeiro ministro de Singapura, Lee Kuan Yew; aparentemente, os seus anfitriões pretendiam aprender com ele a receita mágica - supostamente herdada de Confúcio que permite aliar autoritarismo político e prosperidade capitalista.* LEYS, Simon, in *CONFÚCIO, op. cit.* p. 16



Encontro entre Lee Kuan Yew (cent. esq.), Richard Nixon (cent. dir.) e Henry Kissinger (dir.), Washington D. C., 10 Abril, 1973.
Encontro entre Lee Kuan Yew (dir.) e Mao Tse-tung (esq.) Beijing, Maio, 1976.

seria politicamente inviável numa nação secular. O caso mais curioso é o dos Euro-asiáticos que, de entre as quatro etnias dominantes, é a que se desenvolveu de forma endógena e, numa primeira vista, o que mais se aproxima de um ideal próprio da nação. No entanto, verifica-se um desfasamento entre este conceito e a realidade visto que este estádio é interpretado como uma afronta à *fortemente institucionalizada cultura multiétnica* que prevê uma cultura primária e outra secundária. Nestes termos, os Euro-asiáticos são categorizados como sendo europeus e tudo o que isso implica.³⁰

Nos desígnios do desenvolvimento da cultura multirracial surgiu a necessidade de criar um figurino que simbolizasse todo o comportamento desviante da estrutura estabelecida. Esta figura foi encarnada pelos valores Ocidentais de onde passaram a predominar todas as máximas que atrasavam o desenvolvimento da moralidade asiática. Este posicionamento dizia-se desprovido de uma carga histórica/geográfica (ressentimento colonialista) funcionando apenas como um dispositivo estratégico que remetia para uma entidade geopolítica tudo o que representasse obstáculo ao estabelecimento do multirracismo – decadência e hedonismo. No entanto, esta lógica cultural traduz-se empiricamente numa imagem inversa à da realidade; Singapura é manifestamente uma das cidades mais ocidentalizadas do Sudeste Asiático. Com efeito, pode afirmar-se que o Estado desejava adotar de forma mimética a tecnologia e as estruturas económicas do Ocidente sem, contudo, adotar as filosofias e estruturas sociais eurocêntricas como a democracia e os direitos humanos.³¹ Por outras palavras, pretendiam uma modernização sem modernidade.³²

Além disso, a dramatização deste discurso poderia culminar na sobrevalorização de outras culturas adjacentes. *A full appreciation of the riches of Chinese, Indian and Indonesian cultures is precluded by the fear at official levels that Singaporeans will too readily turn their attention to the affairs of the home countries.*³³

Em suma, Singapura balança entre um espetáculo multiétnico de cores e luzes que pintam um cenário de um mundo harmónico concentrado numa única dimensão.

³⁰ BENJAMIN, G. In HASSAN, R. *op. cit.* p. 123

³¹ KUROKAWA, K. (1977). In RODRIGUES, J. M.; [et. al.]. (2010). *Teoria e Crítica da Arquitectura - Século XX*. p. 694

³² LIM, W. S. W. (2012). *Incomplete Urbanism: A Critical Urban Strategy for Emerging Economies*. p. 4

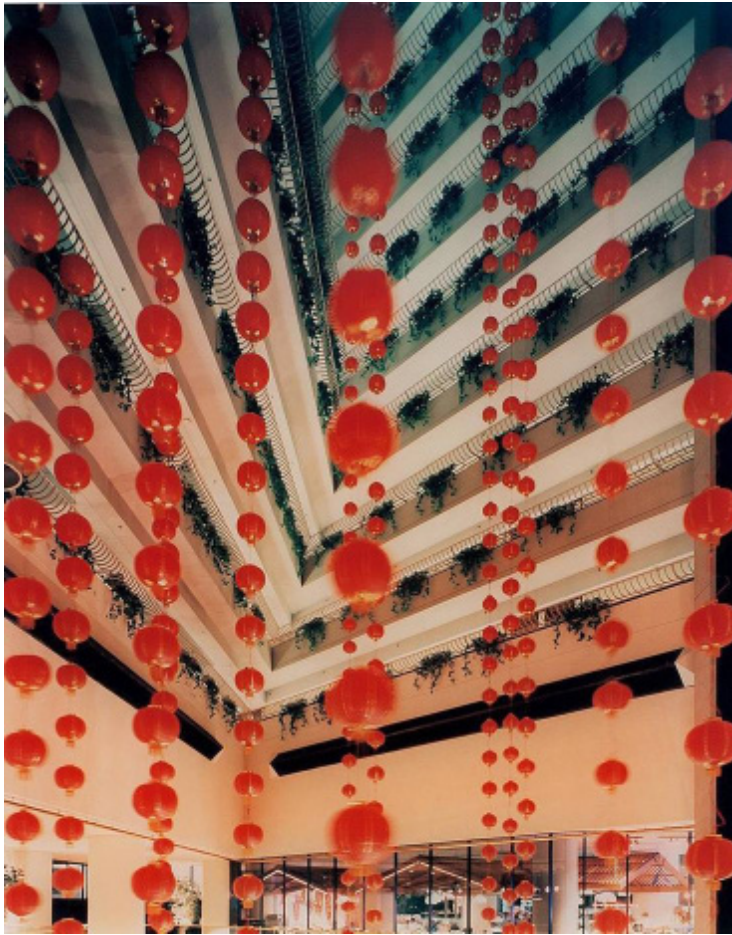
³³ BENJAMIN, G. In HASSAN, R. *op. cit.* p. 129

Materialismo

Um dos princípios basilares na construção da cidade-estado foi a garantia do bem-estar material dos habitantes por forma a criar uma base de desenvolvimento sólida. Dessa forma e sob tal perspetiva compreende-se a delegação das edificações morais para um segundo plano. Este estigma surgiu no seguimento das grandes dificuldades que o governo de Singapura encontrou nos primeiros anos de poder (narrativa muito preconizada no seio do diretório político da altura). Os casos mais flagrantes foram as revoluções de matriz étnica (malaios e chineses na sua maioria) e a instabilidade militar, territorial e política (ameaça do comunismo). Assim e de forma pragmática, perfilaram-se as linhas gerais que viriam a definir o sucesso do progresso económico da cidade-estado. A promoção de uma disciplina económica severa foi a condição para um novo começo na procura de um efeito catártico que, revolucionasse a morfologia da nação.

O modelo de desenvolvimento surgiu de um processo de sincronia de diferentes ações excecionais que, mergulhadas numa efervescência típica de uma sociedade emergente (e num modelo político autoritário), culminou na consumação do dito milagre económico. Este foi um processo transversal a várias nações do Sudeste Asiático sendo que cada uma continha as suas próprias idiossincrasias. No caso de Singapura, a sua especificidade inspirou o governo a adotar uma metodologia que viria a moldar um *sui generis* modelo de desenvolvimento e controlo de cidade. Com esta questão de fundo é importante proceder a um entendimento dos limites e barreiras que foram trespassados em nome de um suposto progresso onde constam a abertura do país para o investimento exterior (pasta inovadora na altura), a disponibilidade aos investidores estrangeiros de mão-de-obra barata (o que viabilizaria um retorno qualificativo que não seria possível de outra forma), a repressão política da oposição, a intervenção direta no espaço privado da população em nome de proposições económicas e o controlo e gestão do espaço urbano e territorial de toda ilha. O resultado desta administração tecnocrática centralizada foi definido pelo jornalista Cherian George como *the air conditioned nation, a society with a unique blend of comfort and central control, where people have mastered their environment, but at the cost of individual autonomy*.³⁴ Aos olhos do Ocidente é notória uma certa dificuldade em ler Singapura nos seus próprios termos. Os discursos sobre a cidade contemporânea tendem

³⁴ BELL, D.; DE-SHAFITT, A. *op. cit.* p. 86



“Singapore II”,
Andreas Gursky, 1997.

a recair invariavelmente para a repressão sociopolítica praticada na cidade-estado sendo que, segundo Koolhaas: *Singapore is clearly not free, but at the same time it is difficult to identify what precisely is unfree, how and where the exact repression occurs, to what extent its magnetic field - the unusual cohesion of its inhabitants - is imposed or, more ambiguously, the result of a “deal”, a perceived common interest: liberties suspended in return for the unlimited benefits of a roller coaster of development that, in 30 years, has only gone up.*³⁵

Assumida a consumação do milagre económico de Singapura, começou a surgir uma metástase pelo mundo sendo a China um dos principais precursores deste modelo de desenvolvimento baseado na abertura para o estabelecimento das corporações multinacionais para importação de capital, no aumento do emprego e na aposta em mão-de-obra qualificada.³⁶ Mas até que ponto estas nuances não se identificam na realidade ocidental, qual é a verdadeira medida da distância entre o Ocidente e o Oriente? Onde é que se define o limite geopolítico? Como manifesta Rem Koolhaas, estes conceitos não são mais que uma alegoria: *When the text was written, it seemed that Singapore would be the template for China’s development, but that turned out to be wishful thinking. To some extent it became the blueprint of our own environment: many of its themes now haunt us in our own backyard.*³⁷ Estas questões ilustram uma tendência global que, contudo, deve ser tratada num contexto que se situa amplamente na história, na cultura, e na realidade socioeconómica de cada país.

Avaliando os termos com que nos confronta a realidade de Singapura é, deveras importante entender a extensão destes atos, calculando as repercussões que têm ao nível da autonomia e liberdade da população. Esta questão atenta ao facto de se verificar uma disparidade entre a ideológica comunitária propagandeada pelo governo e os sintomas desta ação que se manifestam de forma causal num individualismo materialista extremo. A procura em satisfazer as necessidades materiais da população de forma opressiva e sistémica sob uma máscara paternalista e bem-intencionada, enuncia uma lógica de inflição de “felicidade” e “conforto”.³⁸ Reflexo sintomático desta neurose ideo-

³⁵ KOOLHAAS, R.; MAU, B. *op. cit.* p. 1015

³⁶ BELL, D.; DE-SHAFITT, A. *op. cit.* p. 88

³⁷ KOOLHAAS, R. (2010). *Singapore Songlines Ritratto di una metropoli Potemkin... o trent’anni di tabula rasa.*

³⁸ A lógica operativa e opressiva de imposição de felicidade é posta em causa no romance Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley, por uma personagem que se manifesta contra esse estado de coisas:

- *Mas eu gosto dos inconvenientes.*

lógica é expresso por S. Rajaratnam como *moneytheism* que se traduz no ideal dos cinco C's: carreira, condomínio, carro, club e cartão de crédito.³⁹

*Like most miracles, however, Singapore's economic miracle is also something of a mirage.*⁴⁰

Meritocracia

O governo de Singapura, *People's Action Party* (PAP), dirige os destinos da nação desde a sua origem em 1963, no período em que fazia parte da Malásia e a partir de 1965 quando se tornou num Estado independente. O processo eleitoral é feito sufragando a população mas é regido por termos pouco democráticos. Os votos podem ser inspecionados e a liberdade de expressão é controlada, assim como a imprensa. Os partidos da oposição são publicamente humilhados e coagidos através de ações judiciais e perseguições políticas num sistema de deslegitimação constante. Do ponto de vista ocidental, este sistema político pode ser caracterizado como um Estado autoritário mas o governo de Singapura prefere ser retratado não como um república democrática mas sim como uma meritocracia. Este sistema político é justificado pela dimensão territorial da nação e pelos recursos escassos e, portanto, quem governa deverão ser os melhores talentos, escolhidos de acordo com o seu mérito. Ideia que remete para um dos valores políticos incitados pelo Neo-Confucionismo e adotados na China durante dois milénios. Uma sociedade baseada no mérito e não na herança e prestígio materiais. O poder do Estado, representado pela elite, deve providenciar a estabilidade, a direção, o planeamento e controlo do bem-estar da nação.

The basic idea of meritocracy is that everybody should have an equal opportunity to be educated and to contribute to society and politics, but not everybody will emerge from the process with an equal capacity to make informed moral and political judgments. Hence, the task of politics is to identify those with above-average ability and to make

- Nós, não. Preferimos fazer as coisas confortavelmente.

- Mas eu não quero conforto-objeta - Quero Deus, quero a poesia, quero o autêntico perigo, quero a liberdade, quero a bondade. Quero o pecado.

- Em suma - disse Mustafá Mond - o senhor reclama o direito de ser infeliz.

- Pois bem, seja! - Eu reclamo o direito de ser infeliz. HUXLEY, A. (1979). *Admirável Mundo Novo*. p. 251

³⁹ BELL, D.; DE-SHAFITT, A. *op. cit.* p. 88

⁴⁰ *Ibidem.* p. 89

*them serve the community. If the leaders perform well, the people will basically go along.*⁴¹

A agenda educativa é vista como o mecanismo decisivo, capaz de institucionalizar a meritocracia política, e outras incumbências do Estado.⁴² O sistema educativo tornou-se portanto muito competitivo. E uma das suas principais funções é formar profissionais com um grande apetite para a política de gestão das grandes corporações, um grupo com uma ambição tecnocrática voraz (matéria-prima das grandes corporações).

Para comprovar a sua posição em relação às heranças genéticas, Lee Kuan Yew propagandeou políticas de incentivo à natalidade a mulheres formadas e a esterilização das menos educadas, prova das dissonâncias entre a realidade empírica e o plano das ideias da meritocracia.

Atentando à questão da igualdade de oportunidades, a disposição étnica revela um favorecimento clarividente da comunidade chinesa com uma representação política cada vez maior, visto a crescente proeminência de estudantes com um *background* militar na elite política e a institucionalizada discriminação dos malaios na área militar (devido à proximidade geográfica e relações sensíveis com a Malásia na altura da separação).

Por outro lado, há que referir que o sistema meritocrático aliado a uma pedagogia ultracompetitiva criou uma espécie de instabilidade comportamental na população jovem de Singapura. Este excesso de ambição construiu uma dinâmica individualista que se traduz num incessante medo de perder, despoletando comportamentos egoístas que minam as campanhas para uma sociedade comunitária e equilibrada. Por último, a fixação da família de Lee Kuan Yew no poder revela um nepotismo sistemático que não abona a favor do discurso da “igualdade de oportunidade para todos” tão difundido pelo governo.

Instead of forging a Singaporean nation composed of public-spirited citizens ready and willing to sacrifice for the common national good,

⁴¹ *Ibidem.* p. 99

⁴² *A prosperidade de um Estado moderno é evidentemente um fenómeno complexo, e não se pode atribuir a um único factor. No entanto, existe efectivamente um traço comum que caracteriza as diversas sociedades “confucianas”(...) trata-se da extraordinária importância que estas sociedades atribuem à educação. Qualquer governo, qualquer comunidade, qualquer família que se mostrasse despota a investir na educação dos seus uma tal quantidade de energia e de recursos, deveria necessariamente recolher vantagens culturais, sociais, e económicas análogas áqueles de que desfrutam hoje os vigorosos Estados confucianos da Ásia e certas minorias prósperas de imigrantes no seio do mundo ocidental.* LEYS, S. CONFÚCIO. *op. cit.* p. 28

*the government has effectively promoted an extreme form of individualism that justifies ultracompetitive and selfish behavior. And yet, somehow, a nation seems to have emerged from the wreckage.*⁴³

Desde metade da década de 80, tanto a Coreia do Sul como o Taiwan desenvolveram um forte movimento democrático e a formação de diversos grupos politicamente ativos, críticos e diplomáticos. O esquema de desenvolvimento autoritário legitimado com base nos resultados como o rápido crescimento económico foi de certa forma modificado ou mesmo demolido nestes países. Assim, o argumento da necessidade de estabilidade social como componente angular no processo de desenvolvimento, é rebatido pela realidade dos quatro tigres asiáticos, que iniciaram o seu processo de desenvolvimento com sociedades frágeis e situações políticas instáveis. E, no entanto, conseguiram crescer junto de democracias liberais, à exceção de Singapura, onde as firmes amarras governativas persistem.⁴⁴

1.5 Perspetivas não ocidentais: a outra face

No sentido de compreender a forma como se enquadram as doutrinas ocidentais e orientais em Singapura enquanto ex-colónia com uma pluralidade étnica impar, será importante introduzir problemáticas como o colonialismo e as sombras que esta realidade fez por representar, como estrutura homogénea sem espaço para dissidências.

*(...) a colonização é a força expansiva de um povo, é o seu poder de reprodução, é a sua ampliação e a sua multiplicação pelo espaço, é a sujeição do universo ou de uma grande parte dele à língua, aos costumes, às ideias e às leis desse povo*⁴⁵

Por regra, o processo de colonização começa, em primeira instância, com a identificação ou criação de motivos, invariavelmente invocados, que oscilam entre interesses comerciais, comunicacionais, religiosos, militares ou culturais.⁴⁶ Segundo Edward Said, *a teoria racial, as ideias sobre origens e classificações primitivas, sobre a decadência moderna, o progresso da civilização, o destino das raças brancas, (ou arianas) e a necessidade de territórios coloniais eram elementos da peculiar amálgama da ciência, política e*

⁴³ BELL, D.; DE-SHAFITT, A. *op. cit.* p. 104

⁴⁴ LIM, W. S. W. (2005). *Asian Ethical Urbanism: A Radical Postmodern Perspective.* p. 167

⁴⁵ MURPHY, A. apud SAID, Edward, *op. cit.* p. 257

⁴⁶ *Ibidem.* p. 116



“O encantador de serpentes”, 1879,
Jean-Léon Gérôme.

*cultura, cujo impulso, quase sem exceção, foi sempre no sentido de conduzir a Europa ou a raça europeia ao domínio sobre as partes não europeias.*⁴⁷ À força destes “impulsos”, o expansivo colonialismo europeu, que teve um incremento de atividade de 35% para 85% da superfície global, entre 1815 a 1914⁴⁸, ditou um exercício de poder, por meio de estratégias de opressão política, bélica, económica e cultural, que permaneceu inculcado na memória coletiva das colónias subservientes. África, Médio Oriente, Sudeste Asiático, todos lutam desde então por se libertar do engrelhamento psicológico e da imagética que persistiu mesmo após a “descolonização”. Nas décadas ulteriores ao imperialismo territorial, despontaram conjuntos de movimentos e matrizes não testadas que desafiaram exatamente esta entidade fantasmática que se fazia perdurar no imaginário global ou pela precariedade do meio físico ou pela estagnação cultural, social e económica que se verificava.

Norteados pela inversão do *status quo*, no século XXI assistiu-se ao equilíbrio da balança mundial por vias do crescimento económico abrupto de países emergentes como a China, vozes que passaram a ser ouvidas no eixo do poder global, invertendo a lógica da ordem do poder mundial, apesar das disparidades sociais e geopolíticas.

*In the context of the new world order, long-held psychological and cultural superiority as well as intellectual, artistic and political thought of the West being the master of the universe are being contested.*⁴⁹

No entanto, despontaram outras formas e técnicas de colonialismo e controlo hegemónico que não as práticas bárbaras e grotescas de outros tempos e, no debate teórico, Edward Said expôs de forma acutilante o *modus operandi* das lentes orientalistas, que confirmam a soberania política e a permanência mitológica do Ocidente, enquanto única entidade capaz de disseminar a civilidade no mundo. Este véu ideológico teve uma abrangência multidisciplinar, onde também se encerram disciplinas como a arquitetura e urbanismo que, na época colonial, impuseram estilos como símbolos alegóricos ao organismo dominante. Estas práticas seculares, encapotadas numa matriz cínica de compreensão, construíram uma representação artificial do Oriente, referindo-se ao próprio como uma entidade geopolítica homogénea, distante e passiva, imbuída numa nébula densa, onde os significadores orientais são relegados para

⁴⁷ *Ibidem.* p. 272

⁴⁸ *Ibidem.* p. 47

⁴⁹ LIM, W. S. W. (2012). *Incomplete Urbanism: A Critical Urban Strategy for Emerging Economies.* p. 13

um misticismo exótico desprovido da substância intelectual necessária para a civilidade. Neste sentido, a identidade do mundo oriental (...) *não era produto dos seus próprios esforços, mas sim de um conjunto de séries complexas de conhecimentos manipulados pelo qual o Ocidente identificava o Oriente.*⁵⁰ O caos, o selvagem, o exótico, o sensual, o outro, foram os predicados que substituíram o real empírico do sujeito oriental aos olhos da sociedade ocidental.

No plano do discurso teórico referente aos assuntos orientais, o que se verifica é uma visão enuviada relativamente ao modo como no Oriente se tratam questões como património, passado e eternidade; abordagens que divergem de forma antagónica dos *standards* urbanos ocidentais, postura com reflexo direto no campo da arquitetura.

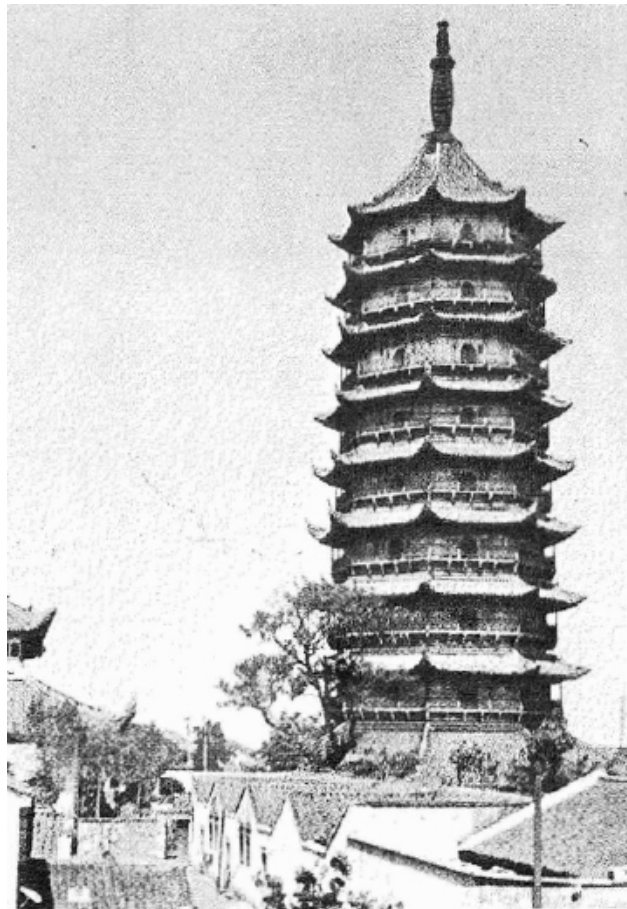
O caso particular da China evidencia precisamente a relação complexa entre as pessoas e a manifestação do passado, onde o culto da moralidade, do rito e dos valores ancestrais contrastam, numa postura quase de indiferença, com o seu património material. É então importante compreender de que forma a idolatria da não presença preservou o culto da história na civilização mais antiga do planeta, a mesma civilização onde se verifica uma ausência de monumentos ancestrais. Na história ocidental, forjada num estado de permanente despotismo e destruição, cada época deixou um volume considerável de referências urbanas transversais aos diferentes períodos cronológicos; desde a Grécia Antiga ao Império Romano, passando pelo período Gótico, com as suas catedrais imponentes, aos palácios ostensivos do Renascimento ou aos monumentos Barrocos, todos contribuíram como dispositivos de perpetuação da experiência humana na memória coletiva das cidades modernas.⁵¹ Como refere F. W. Mote, (...) *In our tradition, we tend to equate the antique presence with authentically ancient physical objects.*⁵²

No sentido oposto, na China, as cidades parecem padecer estranhamente de uma densidade icónica digna do seu percurso histórico bem como de um perfil tradicional. Pode atribuir-se este fator ao período da industrialização massiva que transformou largamente a paisagem urbana, ou à Revolução Cultural da era Maoista, onde se incitou à destruição sistemática do património histórico, já reduzido por sinal. No entanto, ambas são falsas questões no que diz respeito ao real sentido da forma de estar chinesa. *Thus the past that continues to*

⁵⁰ SAID, E. *op. cit.* p. 46

⁵¹ RYCKMANS, P. (1989). *The Chinese Attitude Towards the Past.* p. 2

⁵² MOTE, F. W. (1973). *A Millenium of Chinese Urban History: Form, Time, and Space Concepts in Soochow.* p. 49



Templo budista "The Great Pagoda, Pei-ssu T'a" em Soochow, Taiwan.

*animate Chinese life in so many striking, unexpected or subtle ways, seems to inhabit the people rather than the bricks and stones. The Chinese past is both spiritually active and physically invisible.*⁵³

Em verdade, num contexto lato, a Revolução Cultural, que ditou a prática de um filistino vandalismo radical, pode não ser vista como um caso excepcional, (...) *não existe nenhum fenómeno, por mais aberrante que seja, que não possa ser explicado na sua relação com outros fenómenos.*⁵⁴, mas sim como a expressão última do iconoclasmo perpetrado periodicamente ao longo de gerações. Pierre Rickmans, no seu ensaio *Chinese Attitude Towards The Past*, depreende que as disparidades entre a China e outras civilizações ancestrais começam por se revelar no tipo de abordagem aos princípios arquitetónicos. Desde o Egito até à era moderna, a postura ocidental assenta numa atitude ativa e agressiva na tentativa de desafiar a cadência do tempo através da adoção de materiais pesados e técnicas viradas para a preservação dos mesmos. Já a matriz chinesa prima por considerar este destino uma “derrota inelutável”⁵⁵. Assim, os construtores chineses consideram que a melhor aproximação à questão da eternidade seria contornando o próprio tempo, ao invés da terapia de choque tipicamente ocidental. Destarte, a sua arquitetura tradicional era por regra construída com materiais débeis e efêmeros que requeriam a reconstrução periódica do objeto arquitetónico, mero invólucro provisório, numa referência paciente à irredutibilidade dos processos de entropia. Leonardo Benévolo sustenta que o objeto por si próprio não dura mas a regularidade da sua manutenção concede um carácter ritualístico a todo o processo onde (...) *o acto constitutivo conta mais do que o objeto constituído.*⁵⁶

*Eternity should not inhabit the building, it should inhabit the builder. The transient nature of the construction is like an offering to the voracity of time; for the price of such sacrifices, the constructors ensure the everlastingness of their spiritual designs.*⁵⁷

A própria filosofia confucionista, ideologia dominante no país⁵⁸, apregoava os

⁵³ RYCKMANS, P. *op. cit.* p. 2

⁵⁴ SAID, E. *op. cit.* p. 163

⁵⁵ RYCKMANS, P. *op. cit.* p. 2

⁵⁶ BENEVOLO, L.; ALBRECHT, B. (2004). *As Origens da Arquitectura*. p. 224

⁵⁷ RYCKMANS, P. *op. cit.* p. 3

⁵⁸ *Durante mais de dois mil anos, os imperadores da China promoveram o culto de Confúcio e transformaram-no numa espécie de religião de Estado. Hoje já não há imperadores mas o culto, esse, mantém-se flourescente. Com efeito, o confucionismo de Estado deformou o pensamento do mestre para o adequar às necessidades do príncipe; a ortodoxia oficial fez um uso selectivo de todas as afirmações de Confúcio que prescrevem o respeito das autoridades,*

ditos do passado como sendo os primeiros vínculos com o futuro, não numa lógica conservadora, mas sim como os alicerces que sustentam a reinvenção. Deste modo, a tradição estaria sempre presente em cada ato de inovação, perdurando com o homem. Esta forma de efetivar a presença no mundo, descuidando o aspeto físico, não pode ser abordada como uma negligência gratuita para com a história; tem, sim, de se atentar a uma compreensão global das contingências particulares que moldaram a trajetória temporal. A própria arte chinesa sofreu da consequência de se tornar propriedade privada dos imperadores, privando a população de criar laços com o património material (propiciando o mercado das falsificações). Aquando da extinção das dinastias, procedia-se à destruição do palácio imperial e de todo o seu conteúdo onde se incluía o repositório artístico, *with one stroke, the cream of the artistic production of the preceding centuries would vanish in smoke*.⁵⁹ Esta lógica criou um fosso irreversível entre a população e a herança cultural, ocasionando um contínuo recomeço, um exercício cíclico de permanente engenho e recriação, que despertou um sentido de criatividade aguçado, que de outra forma poderia ter sido condicionado.

O espírito da nação não perseguiu o sentido da imobilidade das grandes construções ocidentais, símbolos da cultura e do racionalismo, não pela incapacidade técnica de construir as Acrópoles e os Panteões. A tectónica efémera dos templos chineses ilustra simplesmente uma forma diferente de encarar a história que não pela permanente idolatria do objeto físico mas sim pelo culto do tempo psicológico nos habitantes. Pode então depreender-se que a civilização chinesa não sustentou a sua história nos edifícios de pedra mas sim no cultivar das faculdades de se expressar pela palavra, “artefacto verbal” que ultrapassa o princípio da finitude, implícito ao mundo material.⁶⁰ O pensamento relativo ao passado e à imortalidade pertencia somente ao domínio da historiografia que, em termos práticos, era apenas e só do domínio da palavra escrita, a caligrafia, arte da perpetuação suprema.⁶¹ *The past was a past of words not of stones*.⁶² A tradição da construção com pedra era remetida para

ao passo que outras noções, não menos essenciais mas potencialmente subversivas, foram largamente escamoteadas (...) No séc. XX, para a elite progressista, a sua doutrina tornou-se sinónimo de obscurantismo e de opressão; todos os grandes movimentos revolucionários da nossa época foram ferozmente anticonfucianos- e, de muitos pontos de vista, não é difícil simpatizar com eles. Por maioria de razão poderia dizer-se que Confúcio n era confucionista. LEYS, S. In CONFÚCIO. *op. cit.* p. 16

⁵⁹ *Ibidem.* p. 5

⁶⁰ MOTE, F. W. *op. cit.* p. 10, 11

⁶¹ RYCKMANS, P. *op. cit.* p. 7

⁶² MOTE, F. W. *op. cit.* p. 51



Mapa de Souchow, Taiwan, 1229.
Templo de Ise, Japão.

os túmulos, muralhas ou pontes, sendo que a sua função era unicamente utilitária, diferindo dos propósitos transcendentais da prática ocidental. O sinologista Frederick W. Mote, no ensaio *A Millenium of Chinese Urban History*, refletindo sobre a cidade ancestral de Soochow constata que: *Chinese civilization seems not to have regarded its history as violated or abused when the historic monuments collapsed or burned, as long as those could be replaced or restored, and their functions regained. In short, we can say that the real past of Soochow is a past of the mind; its imperishable elements are moments of human experience. The only truly enduring embodiments of the eternal moments are the literally ones.*⁶³

Outro caso digno de referência, onde o significado da perenidade temporal nos métodos construtivos não tem o mesmo peso que no Ocidente, é a arquitetura tradicional japonesa. No Japão, a madeira é a principal matéria-prima na edificação dos templos que ostentam formas praticamente inalteradas ao longo do processo temporal. Esta prática é possível, não por via da preservação, mas por uma sistêmica reconstrução do objeto. Um caso que perdura ao longo de milênios é o *Templo de Ise*, edificação que funciona como um protótipo que, de vinte em vinte anos, é destruído e reconstruído exatamente com a arquitetura precedente, mas agora num terreno adjacente. Nesta lógica de sucessão, o conceito de original é subjugado pela transcendência do significado imaterial e ritual, num processo contínuo de transmissão.

Segundo Kisho Kurokawa, a filosofia da continuidade existe apenas nas culturas que assentam na construção em madeira e não nas culturas que baseiam as suas práticas na pedra, deformando a matéria e por consequência o tempo. *Em vez de usar o material de maneira a fazer pleno uso das suas características, as culturas baseadas na pedra processam o material e alteram-no fisicamente. Por exemplo, a pedra das esculturas, uma vez talhada, perde por completo a sua aparência de pedra. Neste sentido, as arquiteturas grega e romana teriam sido semelhantes se tivessem usado o aço e cimento ao invés de pedra.*⁶⁴ No Japão existe uma devoção ao estado germinal da matéria, com todas as suas rugosidades, texturas e assimetrias, numa aproximação ao primitivismo.⁶⁵ Conforme Levi Strauss, a diferença de aproximação destas culturas aos problemas apresentados, tem uma gênese filosófica. O pensamento oriental centra-se numa dupla recusa. A primeira, refere-se à recusa do sujei-

⁶³ *Idem.*

⁶⁴ KUROKAWA, K. (1977). In RODRIGUES, J. M.; [et. al.]. *op. cit.* p. 696

⁶⁵ LÉVI-STRAUSS, C. (2012). *A Outra Face da Lua.* p. 59

to. O *eu*, que constitui uma evidência centrífuga no pensamento ocidental, é continuamente negado pelo hinduísmo, taoísmo ou budismo. Estas doutrinas defendem que o *ser* é uma entidade provisória, erigida no cerne de fenômenos biológicos e psíquicos, destinados à inevitável erosão do tempo. A expressão de René Descartes “penso logo existo” é literalmente intraduzível em japonês. A segunda recusa consiste na negação do discurso enquanto ferramenta de apreensão da realidade, ou seja, a compreensão da natureza é um domínio que transcende a capacidade humana de reflexão ou expressão e, portanto, pouco resta senão aceitar esta condição e nada dizer sobre o real. Uma atitude aparentemente fatalista que contrasta com a filosofia ocidental, que se apoia na razão como ferramenta última da apreensão do mundo, *um discurso bem construído coincide com o real, atinge e reflete a ordem das coisas*.⁶⁶

O culto do *eu* no Ocidente determinou uma postura distinta em relação à forma de se estar no mundo, um referencial antropocêntrico de se impor e segregar o espaço. O caráter destas práticas é visível na ação exercida sobre a matéria, onde o homem ocidental revela uma tendência inelutável para moldar o meio envolvente, quer seja a família, um país ou uma sociedade⁶⁷

Singapura distingue-se como sendo uma entidade recetora mais do que emissora, um país de rotas e não de raízes. Esta constatação encerra em si uma permeabilidade a diferentes influências que expõem um país de um pluralismo cultural efervescente que impossibilita a cristalização sóbria de uma identidade inerte e unânime, mas sim um espetáculo de proto-formas heteróclitas, símbolos do constante devir.

Com a exposição destes exemplos, mais do que manifestar uma oposição binária entre as abordagens Ocidental e Oriental, dividindo o mundo em duas metades distintas, o que se procura é refutar a percepção estática sobre o caso de estudo onde comumente habitam máximas agrilhoadas à experiência ocidental. Com efeito, procura-se fomentar um exercício de paralaxe, para que o leitor tenha uma visão abrangente e mais desapaixonada do caso apresentado.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 63

⁶⁷ *Ibidem*, p. 65

II Parte Singapura pós-colonial



Boat Quay, Singapore River, Singapura, década de 60.

2.1 Ano zero

1959 foi o ano zero do nascimento da Singapura contemporânea; foi o ano em que a cidade se libertou da governação de 140 anos do Império Britânico consumada com a chegada de Sir Stamford Raffles à ilha. Lee Kuan Yew, representante do partido *People's Action Party*, foi o eleito para governar o rumo do novo Estado independente.

A situação da nação era precária com um crescimento urbano descontrolado, bairros ilegais que proliferavam de forma infeciosa, com um centro histórico desqualificado e ameaçado por uma *Chinatown* sobrepoblada, um outrora enclave colonial que se consumia sem esperança num futuro digno. Estas condições eram dramatizadas pela demografia e desemprego galopantes, pela falta de habitações qualificadas e as precárias condições de higiene que, aliados ao clima tropical, degeneravam em doença. Toda esta realidade norteadas por uma economia estagnada e a ameaça dos seus vizinhos mais próximos motivou o governo da agora independente Singapura a adotar medidas drásticas por uma reestruturação baseada fundamentalmente num programa de industrialização massiva financiada pelo capital de multinacionais. (...) *Singapore was a non-industrial entrepôt there were not enough jobs.*⁶⁸ A sobrevivência foi então mote para esta campanha de modernização que se sedimentou essencialmente na atração de potenciais investidores e na disposição de mão-de-obra barata e qualificada para as indústrias da manufatura e turismo.

Relativamente ao crescente aumento demográfico que se verificava nos inícios dos anos 60, o governo respondeu com um massivo programa de habitação social que, na década de 90, resultou no alojamento de cerca de 95% da população. Esta revolução urbana significou uma mudança de paradigma na ilha que passava de um domínio rural para uma cidade de estatuto global. E esta abordagem aplicava-se, *mutatis mutandis*, a uma série de nações do Sudeste Asiático que apresentavam invariavelmente altos índices de crescimento e rápida industrialização entre as décadas de 1960 e 1990 - Hong Kong, Coreia do Sul, Taiwan e Singapura – os proclamados quatro tigres asiáticos, que (...) *partilham de uma herança comum de cultura confucionista*⁶⁹, são exemplos deste fenómeno.

Singapore is an apotheosis of urban renewal, a built answer to the shift from country to city which was thought, 30 years ago, to force

⁶⁸ FURLUND, E. B. (2008). *Singapore, from third world to first world country*. p. 5

⁶⁹ LEYS, S. In CONFÚCIO. *op. cit.* p. 28

*Asia to construct in 20 years the same amount of urban substance as the whole of Western Europe.*⁷⁰

Contudo, a necessidade de estabelecer a nação independente nos quadros geopolíticos levou à assimilação de políticas pragmáticas viradas para o progresso económico, político e social, secundarizando a progressão de outros domínios entre os quais o da cultura.⁷¹ A modernização, onde se incluíam a industrialização, a habitação pública e a provisão de infraestruturas, era vista não como um meio mas como um fim.

A definição da identidade nacional, que poderia ter sido orientada por coordenadas como a tradição, a diversidade multicultural e a memória coletiva, fontes de uma hipotética realidade pluralista são, por contrário, essências que se têm vindo a erodir com o tempo. No plano deste retrato é visível a destruição perpetrada em zonas históricas não protegidas, invólucros de cultura, valores e história.⁷²

Na ausência de exemplos a seguir na formação das nações recém-independentes e em desenvolvimento, houve uma tendência sistémica para a adoção de soluções coloniais ou de modelos Eurocêntricos já estabelecidos.⁷³

2.2 UN Mission

Em 1955 foi iniciado um programa de desenvolvimento urbano encabeçado pela HDB (*Housing Development Board*) e pela EDB (*Economic Development Board*), entidades responsáveis pela requalificação do núcleo central da então colónia de Singapura. Em 1957, esta zona comportava aproximadamente 800.000 habitantes, número que, em meados de 1962 ascendia a 1.73 milhões. A curva de crescimento populacional verificava um índice de crescimento constante desde 1947.⁷⁴

Na altura, a cidade deparava-se com problemas de expansão e de degradação do centro urbano assim como um paralelo aumento do valor dos terrenos. Contribuindo para o agravamento da situação, os sistemas de transporte eram

⁷⁰ KOOLHAAS, R.; MAU, B. *op. cit.* p. 1017

⁷¹ LIM, W. S. W. (2005). *Asian Ethical Urbanism: A Radical Postmodern Perspective*. p. 134

⁷² *Ibidem.* p. 134, 135

⁷³ *Ibidem.* p. 143

⁷⁴ ABRAMS, C.; KOBE, S.; KOENINGSBERG, O. (1963). *Growth and Urban Renewal in Singapore*. p. 23

Restricted

November 1963

GROWTH AND URBAN RENEWAL IN SINGAPORE

Report
prepared for the Government of Singapore
by
Charles Abrass
Susumu Kobe
Otto Koenigsberger

Appointed under the
United Nations Programme of Technical Assistance
Department of Economic and Social Affairs.

15-632

Relatório dos enviados das Nações Unidas,
"Growth and Urban Renewal in Singapore", 1963.

precários ou inexistentes, particularmente no centro onde se concentrava o maior potencial económico e populacional.

Face ao incremento desta realidade, em 1963, três representantes das Nações Unidas, Charles Abrams, Susumo Kobe e Otto Koeningsberger, redigiram um relatório denominado *Growth and Urban Renewal in Singapore* para o governo de Singapura que visava ser o eixo do desenvolvimento e renovação urbana da ilha. O documento predicava três problemas incontornáveis: a taxa de crescimento demográfico acelerado, a expansão urbana rápida e descontrolada, e o congestionamento viário no desgastado núcleo urbano da cidade. Assim, o relatório incidiu sobre tais coordenadas no intuito de apresentar uma proposta alternativa ao *Master Plan* de 1955, através de um ideal de planeamento e desenvolvimento urbano controlado e sustentável.⁷⁵

Singapura, ao contrário de outras cidades europeias e asiáticas, não se tinha sedimentado com base num ambiente físico povoado por uma população que procurava fugir ao meio rural, numa lógica de transformação acelerada. Por outro lado, também não era uma cidade com um forte acento nostálgico, aquando da relação da memória coletiva com a realidade dos tempos transatos (época colonial e ocupação japonesa) que, não suscitavam um qualquer sentido saudosista de anterioridade. Para além das já assinaladas questões históricas, o desenvolvimento expansivo e descontrolado que marcara a dimensão física de muitas cidades no século XIX foi, no caso de Singapura, freado pelas condicionantes territoriais (rios *Katang* e *Rochor*, montes e pântanos) que dificultaram a expansão costeira do tecido urbano. Apesar de alguns pontos de baixa densidade advindos do paradigma utópico da Cidade Jardim de Ebenezer Howard⁷⁶, na sua maioria a cidade de Singapura sempre se destaca-

⁷⁵ *Sustainable urban development is more than just providing a pollution-free, ecologically balanced environment. The concept is multi-faceted, encompassing economic, environmental, social, and political dimensions.* KEUNG, J. In YUEN, B. (1998), *Planning Singapore: From Plan to Implementation.* p. 11

⁷⁶ Na época colonial o conceito anglo-saxónico de Cidade Jardim foi pensado como a solução evidente para responder à realidade de Singapura. Sucintamente, o modelo de Ebenezer Howard, tratava-se de um esquema de organização social e urbana caracterizado pelo encaqueamento das vantagens dos meios rural e urbano. Este modelo de inícios do século XX, compreendia um espaço central circular com jardins rodeado por edifícios públicos e uma estrutura urbana de baixa-densidade; um cinturão verde em redor funcionava como mecanismo de controlo. Este sistema surgiu como resposta às condições precárias de sobrelotação, saúde pública e sanitária da cidade industrial e, assim sendo, impunham-se limites à expansão urbana e demográfica. De carácter pitoresco, o primeiro modelo de cidade jardim em Singapura foi inaugurado em 1923, de seu nome *Wah Garden City*. Este projeto comportava uma área verde central numa propriedade com 12 acres. Elaborado pelo arquiteto L. Choon Hong, comportava mais de 20 *terrace houses* e 23 bungalows de estilo europeu em lotes individuais distribuídos pela propriedade. Estes esquemas e tipologias, que interpretavam

ra pelos aglomerados urbanos densos e concentrados.⁷⁷

O programa prescrito pela *UN Mission* não visava apenas uma lógica paliativa mas sim uma intervenção profunda e estrutural que iria tornar Singapura na primeira cidade asiática a ser alvo de um plano intensivo de renovação urbana. *This programme is not intended to be an exercise in conservation or restoration, but a bold attempt to modernize and develop the city centre in preparation for the role Singapore will have to play (...)*⁷⁸

Longe de ser um mero campo de experimentalismos acupuntóricos, o que se pretendia era uma renovação urbana visceral com o objetivo de modernizar a ilha, com vista a renovar o seu papel económico e geopolítico na Federação da Malásia e no Sudeste Asiático; contudo, a probabilidade de insucesso era um espectro inerente a toda a equação.⁷⁹ *The programme of the government of Singapore will be looked upon as a test case of the feasibility of urban renewal in a fast growing Asian city. If it succeeds in its economic objective of stimulating investment in improvement and reconstruction and its social objective of improving living, working and traffic conditions in the central area, other cities will follow Singapore example. If it fails, the cause of urban redevelopment will suffer a serious set-back.*⁸⁰

Master Plan de 1955

O *Master Plan* de 1955 (aplicado em 1958), criado à imagem do *Town and Country Planning Act* de 1947 em Inglaterra, fomentou um diagnóstico profundo das condições topográficas, económicas, sociais e urbanas de Singapura por forma a se engendrar um plano de regulação e controlo da utilização do território da então colónia britânica.⁸¹ O plano foi requisitado pela *Singapore Improvement Ordinance* e foi elaborado e tutelado pelo *Singapore Improvement Trust* (SIT)⁸² que, de cinco em cinco anos, procedia à devida revisão e

o ideal doméstico britânico, encenaram a resposta ao problema de habitação em Singapura revelando-se no entanto pouco consentâneos com a realidade de Singapura. *These "garden" estates anticipated Singapore's housing development in the following decades, which would unfold along the formation of identities, along class and racial lines (...)*. SENG, E. In LIM, W. S. W.; J.-H. C. *op. cit.* p. 144-146

⁷⁷ ABRAMS, C.; KOBE, S.; KOENINGSBERG, O. *op. cit.* p. 8

⁷⁸ *Ibidem.* p. 9

⁷⁹ *Idem.*

⁸⁰ *Ibidem.* p. 192

⁸¹ *Ibidem.* p. 45

⁸² O *Singapore Improvement Trust*, formalizado em 1927 pelo governo colonial britânico, sucedeu a *Singapore Improvement Ordinance* como organização governamental responsável

atualização. Este plano de ação que vigorou durante oito anos fundou as bases do planeamento, desenvolvimento e regulação da urbanidade da ilha. Dadas as alterações que o plano base foi sofrendo, verificaram-se algumas contingências significativas das quais há a referir o aumento da densidade urbana em *Queenstown* que passou de um núcleo habitacional com 30.000 habitantes para uma comunidade com cerca de 255.000 habitantes em 1962. De forma similar, *Toa Payoh*, que providenciava núcleos de habitação coletiva, estava programado apenas para um plano de baixa densidade.⁸³ O relatório das Nações Unidas não negando algumas das principais valências do *Master Plan* de 1955, como o facto de ter forçado as autoridades locais a basear as suas políticas urbanas em inquéritos quantitativos e não na mera especulação, considerou que este deveria ser repensado de forma a ir ao encontro do contexto social, económico e político que em muito se tinha alterado (em particular nas previsões de crescimento demográfico que se vieram a revelar demasiado conservadoras).⁸⁴

No entanto, aquilo que o *Master Plan* atentava como benéfico em Inglaterra e nos países nórdicos, revelou-se descontextualizado noutras partes do mundo. A generalidade dos *Master Plans* convencionais, assentava em premissas e assunções apenas verdadeiras na Europa e não em outras regiões como em particular o Sudeste Asiático. Concretamente, os pontos referenciais implícitos à aplicação de um *Master Plan* visavam: um lento e estável progresso social e económico; o privilegiar de iniciativas individuais e do Estado em matérias do foro das subestruturas económicas; e uma sociedade essencialmente conservadora e unânime em questões de fundo como a preservação das estruturas institucionais e patrimoniais do passado. No entanto e ironicamente, mesmo em Inglaterra, algumas destas noções verificaram-se pouco condizentes e empiricamente conservadoras face à realidade, como foi o caso da primeira alínea na medida em que a mudança se provou mais rápida e profunda face às previsões baseadas nos índices de desenvolvimento dos anos 30 e do pós-guerra.⁸⁵ No mesmo sentido, verificava-se em Singapura uma transformação social ainda mais drástica quando comparada com qualquer exemplo europeu.⁸⁶ O segundo ponto aplica-se em parte à realidade de Singapura

pelo controlo e gestão territorial de toda a ilha à exceção das propriedades com programas militares. Posteriormente viria a ser sucedida pela *Housing Development Board*. SENG, E. In LIM, W. S. W.; J.-H. C. *op. cit.* p. 146

⁸³ ABRAMS, C.; KOBE, S.; KOENINGSBERG, O. *op. cit.* p. 43

⁸⁴ *Ibidem.* p. 44

⁸⁵ *Ibidem.* p. 46

⁸⁶ *Ibidem.* p. 47

nos termos em que a prosperidade económica se sedimentava nas iniciativas privadas de investimento. O terceiro ponto é de todos o que mais destoava da realidade de Singapura ou de qualquer outra nação emergente visto que estes países ao visarem uma perspectiva de revolução vanguardista tornam contraproducente o assumir de uma postura conservadora baseada em mecanismos retrógrados de planeamento e conservação.

*New nations look to the future and cannot be fundamentally conservative in their outlook. They cannot accept as their ultimate planning objectives the preservation of things as they were in the past. Unlike Europe, their thinking is not influenced by romantic notions about the “happy life of the good old days”. They think of the past as of a period of stagnation, of servitude and famine. The purpose and objective of their planning is change and evolution not preservation of what exists.*⁸⁷

Segundo os representantes das Nações Unidas, o *Master Plan* de 55 tinha que ser levado em consideração dadas as questões importantes que levantou, podendo permanecer ainda como um importante instrumento de controlo; no entanto, a questão do controlo já não era de todo suficiente. Em 1963, assistia-se ao crescimento acelerado de uma cidade em constante mutação, uma cidade onde o governo nas matérias do foro do planeamento urbano admitia que o objetivo tinha deixado de ser a preservação mas sim o pragmatismo do crescimento económico e a consecutiva melhoria da qualidade de vida. Nesta lógica, Singapura necessitava não de um instrumento de controlo sobre a localização de equipamentos e infraestruturas mas sim de um programa de ação que regulasse a cadência de todas as operações e que, paralelamente, correspondesse às pulsões do investimento público e privado, apontando a um sistema de complementaridade mais do que de competição individualista.⁸⁸ Tendo assim consciência do erro que seria a abolição de um sistema de planeamento que resultou, foi identificada a necessidade de definir um período de transição que precederia à implementação do novo programa e que iria operar dentro de uma lógica de revisão periódica. Em razão da instabilidade de uma época onde normalmente as previsões pecavam por defeito a revisão periódica era vista como essencial. A título de exemplo, em 1972 previa-se em Singapura uma população na ordem dos 2 milhões de habitantes, número que em 1967 já tinha sido ultrapassado.⁸⁹

⁸⁷ *Idem.*

⁸⁸ *Ibidem.* p. 48

⁸⁹ *Ibidem.* p. 49, 57



Imagem aérea de Singapura, década de 60.

No relatório da *UN Mission* propunha-se ainda um forte investimento na habitação social sendo que, no planeamento, entre os fatores a ter em conta, constavam a localização, a área dos quartos, o número de pisos, a proximidade das infraestruturas e serviços de transporte público, centro comerciais, escolas, parques, a relação com os equipamentos de emprego, a mistura de etnias, grupos religiosos e com diferentes rendimentos e a capacidade de pagamento de rendas por parte dos inquilinos. A recolha destes dados previa regrear com um grau de precisão considerável todas as particularidades relativas ao abrigo, emprego, comunicação (transportes públicos e privados) e ao estado de bem-estar social (educação, saúde, recreação e atividades comunitárias) de Singapura.⁹⁰

O problema da habitação

A questão da habitação pública foi, sem dúvida, um domínio sensível nos quadros do governo, onde se integravam vetores decisivos à constituição da cidade. Num olhar atento sobre o estado da nação, denota-se que se via enquadrada numa situação geopolítica beligerante, com uma população multirracal, uma economia instável, sem recursos naturais, com infraestruturas urbanas precárias ou inexistentes, e problemas de ordem pública e securitária. Numa clara resposta a estas condicionantes, o governo procurou institucionalizar um sistema de valores, onde se preconizava um espírito de igualdade e um forte sentido patriótico, premissas que se queriam espelhadas no sistema de saúde público, no corpo militar, na educação, e na habitação social. O programa de habitação social, aspirava a ambições mais profundas que a mera resolução técnica – em 1959 menos de 9% da população usufruía desta tipologia. Procurava-se também incrustar no consciente da população um sentido de posse e consecutiva pertença a um projeto de nação, com assento comum. Como manifesta Lee Kuan Yew:

My primary preoccupation was to give every citizen a stake in the country and its future. I wanted a home-owning society. I had seen the contrast between the blocks of low-cost rental apartments, badly misused and poorly maintained, and those of house-proud owners, and was convinced that if every family owned its home, the country would be more stable. (...) I believed this sense of ownership was vital

⁹⁰ *Ibidem.* p. 49,50



Tecido urbano do centro histórico, Singapura, década de 60.

*for our new society which had no deep roots in a common historical experience.*⁹¹

De evidenciar que, como consequência destas práticas, em 1988 cerca de metade das habitações construídas eram propriedade privada, percentagem que em 2005 subiu para 94% da população num universo de 880.000 apartamentos.⁹²

Renovação urbana

Como princípio, será importante introduzir as bases e objetivos do conceito de renovação urbana nos quadros da *UN Mission*, conceito definido para além além da questão da *tabula rasa* e da construção massiva padronizadas no modernismo. Segundo o relatório *Growth and Urban Renewal in Singapore*, mais do que a gratuita demolição e reconstrução, este conceito predicava três premissas incontornáveis: conservação, reabilitação e reconstrução. Na abordagem destes três desígnios na premeditação de um plano de renovação urbana, a instância estatal responsável poderia então deliberar não apenas o desenho do novo ambiente como devia, no caso de Singapura, envolver as instituições privadas no processo de desenho urbano e no preenchimento dos requisitos da vida urbana.⁹³ Aliás, o relatório indicava que caso o governo quisesse ser bem-sucedido teria de agir coordenadamente e sem hesitações no que toca à procura de apoios de entidades extra estatais para o financiamento da primeira fase do programa. A *UN Mission* recomendava portanto a abertura das negociações entre as diferentes agências no incentivo à mobilização dos recursos necessários à renovação urbana de Singapura. Tratando-se de um processo bilateral entre o aparelho público e o privado a possibilidade do investimento ser maioritariamente privado com o mínimo de intervenção pública não desvirtuava o conceito.

Apesar de ter sido cunhada nos Estados Unidos em 1949, a renovação urbana já vigorava na Europa à mais de dois séculos tendo tido um enorme impacto na morfologia de muitas cidades europeias devido ao facto de ser recorrente na reestruturação da cidade europeia. As práticas de renovação, na sua generalidade, funcionavam como instrumentos de modernização das cidades face a problemas como a degradação e desatualização das mesmas face à variação

⁹¹ YEW, L. K. *op. cit.* p. 95, 96

⁹² DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. *op. cit.* p. 30

⁹³ *Ibidem.* p. 116

dos usos, à necessidade de redimensionamento das artérias urbanas, às exigências dos sistemas viários, à higienização do espaço público e à remoção de obstáculos físicos ao progresso. Regra geral, os programas de renovação urbana que começaram a despontar estavam a cargo da entidade pública, à qual foi endossado o poder de expropriação e aquisição de propriedades privadas em nome do dito interesse público. Como exemplos históricos concretos destacam-se Paris, com o Plano de Haussmann e Glasgow (1866) onde grandes trechos de cidade foram demolidos para a construção de infraestruturas e equipamentos que fossem ao encontro dos paradigmas modernos.⁹⁴

A problemática relativa ao tráfego viário foi um dos fatores tidos em consideração no ímpeto de replaneamento e renovação urbana tanto na Europa do pós-guerra como em Singapura, visto que as estruturas urbanas não se encontravam preparadas para o influxo automóvel que aumentava consoante a curva de crescimento económico obstruindo as estreitas artérias urbanas.⁹⁵ *Both Europe and Singapore also continue to have housing pressures but it is the need for freer movement supplemented by the desire for new downtowns and sometimes preservation of historic and cultural assets that have accelerated European interest in renewal programmes and spurred their efforts to enlarge upon earlier slum clearance concepts.*⁹⁶

Na década de 50, dada a premência da reconstrução das cidades no pós-guerra, com a reforma de cidades inteiras, o conceito de renovação urbana tornou-se transversal aos países em reconstrução que o disseminaram numa lógica tautológica de compulsiva proliferação de mecanismos como a legislação dos modelos habitacionais, o zoning, a habitação social, a remoção de bairros ilegais e desqualificados, o desenho de cidades satélite e a redação de *master plans*. O trato hiperbólico destas práticas “omnipresentes” fez despontar sintomas como a homogeneização da imagética das nações urbanizadas que, somada a variáveis tão instáveis como a migração, o crescimento demográfico, a expansão da cidade e a industrialização, incorreu em novos problemas como o surgimento de bairros pobres suburbanos, insanidade, criminalidade e problemas ao nível dos sistemas de comunicação.⁹⁷ Aquando da adoção do modelo de renovação urbana, verificou-se que problemáticas como o crescimento populacional, a migração, os bairros desqualificados e

⁹⁴ *Ibidem.* p. 105

⁹⁵ *Ibidem.* p. 115

⁹⁶ *Idem.*

⁹⁷ *Ibidem.* p. 105



Imagem aérea de Pruitt-Igoe, St. Louis, Missouri.
Demolição de Pruitt-Igoe processada entre 1972 e 1976.

disparidades entre o rendimento e renda divergiam consoante cada realidade tornando qualquer adaptação perigosa. Tomando o exemplo dos Estados Unidos, a renovação urbana concretizou-se em cidades que sofreram desde a década de 20 uma elevada taxa de migração por parte das classes média alta para os subúrbios, deixando para trás um lastro de habitações vazias. No caso dos países emergentes da década de 50, os problemas relativos à suburbanização ainda eram uma “tendência incipiente”⁹⁸; verificando-se precisamente um fluxo inverso decorrente da forte vaga de migração para os centros urbanos, sem capacidade para dar resposta a tamanha demanda.⁹⁹ Relativamente a Singapura, para além do supramencionado influxo e não refluxo para a cidade, tratando-se de uma ilha, não dispunha do território necessário para aplicar os métodos operativos americanos.¹⁰⁰ O crescendo destas problemáticas despertou consciências para a necessidade de delinear uma compreensiva reorganização física da cidade, por forma a exponenciar os graus de qualidade e eficiência e de modo a ir ao encontro dos padrões tipológicos da vida moderna e dos objetivos a que o governo se propôs.

A exposição destes fatores pesou na aquiescência do governo de Singapura do programa de renovação urbana redigido pelos peritos da *UN Mission*, que foi meticolosamente analisado e ajustado tanto às dinâmicas particulares do país como à interação de vetores como: comércio, finanças, turismo, habitação, escritórios, instituições governamentais, instalações militares, parques, equipamentos comunitários e recreativos e transportes.¹⁰¹

Uma das questões considerado de extrema sensibilidade em Singapura, foi a questão do deslocamento de grandes massas populacionais (calcanhar de Aquiles¹⁰² do programa de renovação urbana nos Estados Unidos). O deslocamento forçado ou incentivado de famílias e empresas de pequena escala da sua esfera de vivências e a procedente realocação em unidades de habitação modernas foi então aplicado de forma a causar o menor número de danos possíveis ao tecido social.¹⁰³

Não obstante, e independentemente da tábua de prioridades estabelecida, os peritos da *UN Mission* viam como certa, a inscrição profunda deste programa

⁹⁸ *Ibidem.* p. 106

⁹⁹ *Idem.*

¹⁰⁰ *Ibidem.* p. 112

¹⁰¹ *Idem.*

¹⁰² *Ibidem.* p. 107

¹⁰³ *Idem.*

nas dinâmicas da cidade e, assim sendo, a abordagem prescrita não se deveria concentrar em partes autónomas mas sim no todo, cabendo ao governo a definição dos objetivos e a determinação da moldura legislativa necessária à implementação dos planos. *The whole must in turn be governed by defined objectives and by an overall policy in which the parts and the whole are treated together.*¹⁰⁴

À luz do que foi exposto, os objetivos da renovação urbana indicados no relatório, focaram-se telegraficamente em sete pontos nucleares:

1. A identificação das áreas a preservar;
2. A elaboração de um programa de melhoramento dessas áreas de modo a torná-las habitáveis;
3. Identificação das áreas que devem ser demolidas e reconstruídas;
4. A reformulação das barreiras burocráticas e legais por forma a aliciar o investimento privado e estrangeiro;
5. A elaboração de um programa de habitação que contenha uma análise aos componentes físicos e sociais como inquéritos e levantamentos antropológicos e sociológicos às diferentes comunidades, de forma a contribuir para a criação ou recriação de ambientes atrativos e funcionais ao clima social da cidade;
6. A definição de um programa de realojamento de habitantes deslocados pelo programa público de reconstrução;
7. O planeamento das áreas suburbanas que ajudem ao descongestionamento do centro urbano reduzindo a densidade para níveis praticáveis e ao mesmo tempo tornar Singapura uma ilha urbana atrativa e eficiente de acordo com os padrões progressistas.¹⁰⁵

No plano da realidade asiática, um dos fenómenos que se registava com relativa frequência consistia na migração dos núcleos rurais para os centros urbanos, inflacionada pelas diferenças salariais e da qualidade de vida entre a cidade e o campo, a superioridade dos padrões cosmopolitas e as oportunidades de emprego.¹⁰⁶ Neste sentido, e de maneira a evitar a proliferação de bairros ilegais e indigentes, considerava-se como inevitável ao crescimento

¹⁰⁴ *Ibidem.* p. 116

¹⁰⁵ *Ibidem.* p. 117

¹⁰⁶ *Ibidem.* p. 9

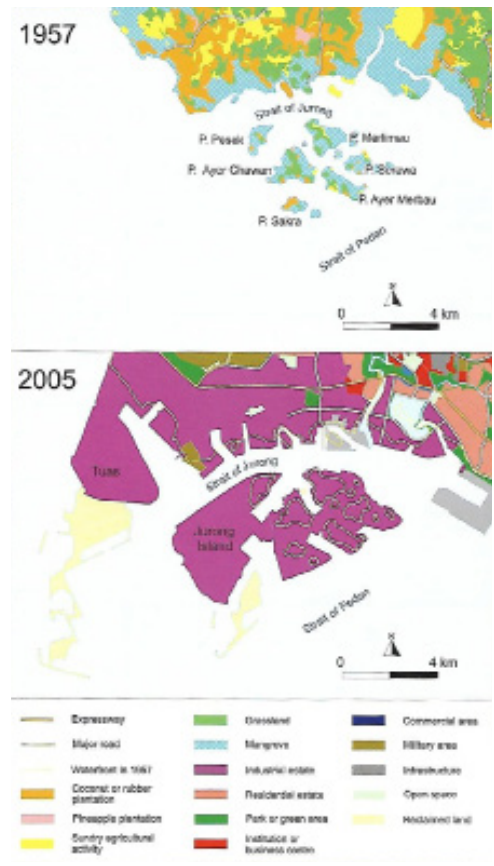


Imagem aérea de Jurong antes de 1962.
 Processo do desenvolvimento do território de Jurong entre 1957 e 2005.

e prosperidade da cidade a aceitação deste fenómeno através de um plano que providenciasse não a fratura mas a integração das famílias deslocadas.¹⁰⁷ Face a este posicionamento, os arquitetos a cargo do relatório em análise defendiam que se deveria iniciar não só um processo intensivo de renovação urbana como a construção massiva de blocos habitacionais (com vista ao realojamento de todas as famílias) e o reforço de políticas de promoção da redução do agregado familiar.¹⁰⁸

Este processo iria dirigir a distribuição da população pela ilha, o desenvolvimento do sistema de transportes, a criação de um centro industrial, as instalações portuárias e os centros de comércio que não se poderiam distanciar de uma relação frutífera com o centro histórico. Pese embora, o *Master Plan* de 1955 fosse considerado um plano adequado para uma cidade de média escala de baixa densidade, encontrava-se desatualizado, na medida em que não se enquadrava dentro das perspetivas expostas que perfilhavam a construção de uma metrópole. Singapura necessitava desta forma de um plano de ação atualizado e de acordo com as perspetivas de aceleração do crescimento populacional e urbano. O relatório fazia então referência ao estabelecimento de uma série de planos de ação que visavam reger e controlar os parâmetros de renovação e desenvolvimento urbano da cidade num regime de reexaminação periódico intercalado em intervalos regulares. Neste programa conceptual, incluíam-se planos de emprego, de habitação, comunicação, tráfego, estímulo à poupança, desenvolvimento das comunidades e das relações públicas,¹⁰⁹ sendo que o novo porto e as infraestruturas industriais de *Jurong* seriam incorporadas num primeiro plano de ação.¹¹⁰ *Jurong* foi portanto o projeto piloto de todas as ações futuras onde se incitaram políticas de apoio ao investimento e fixação da indústria e investimento estrangeiro e privado a ponto de assegurar a estabilidade necessária ao crescimento económico.¹¹¹ Este capítulo era de extrema vulnerabilidade dado que podia facilmente ser retardado ou invertido perante políticas administrativas bem-intencionadas mas mal dirigidas e executadas.

Para administrar a execução e mediação destes planos e estabelecer um padrão de coerência, os peritos anteciparam a necessidade de delinear um conceito que permitisse estabelecer uma linha de orientação, proporcionando a

¹⁰⁷ *Ibidem.* p. 70

¹⁰⁸ *Ibidem.* p. 148

¹⁰⁹ *Ibidem.* p. 11

¹¹⁰ *Ibidem.* p. 12

¹¹¹ *Ibidem.* p. 29

flexibilidade necessária aos objetivos de crescimento e mudança da sociedade e ao mesmo tempo se expressasse em termos acessíveis à população ao invés dos recorrentes meios técnicos e gráficos (mapas). O conceito que dirigiu o desenvolvimento de Singapura surgiu dos trâmites delineados pela *UN Mission* que obedece a três pontos fundamentais. O primeiro impele à aceitação da ilha de Singapura como uma única unidade. Um só complexo urbano onde se procuram integrar *open spaces* ao contrário da província ou de um país composto por dois elementos dicotômicos, a cidade e o campo. O segundo atenta ao assumir de Singapura como um complexo urbano limitado em recursos territoriais e nesse sentido não deve ser autorizado o desperdício de terreno ou o uso para exclusivo benefício individual em detrimento da comunidade. A expansão do território por meios artificiais foi uma necessidade prontamente assumida¹¹². E o terceiro ponto que incide sobre a situação de Singapura não apenas como uma limitação mas como uma oportunidade. Os benefícios da proximidade do mar para a indústria, transporte e recreação eram uma oportunidade que não deveria ser menosprezada mas sim potenciada. A concentração de núcleos urbanos ao longo da costa liberta o centro para funções essenciais à sobrevivência da cidade com a recolha de água potável, armazenamento de água doce e a regulação e drenagem das águas.¹¹³

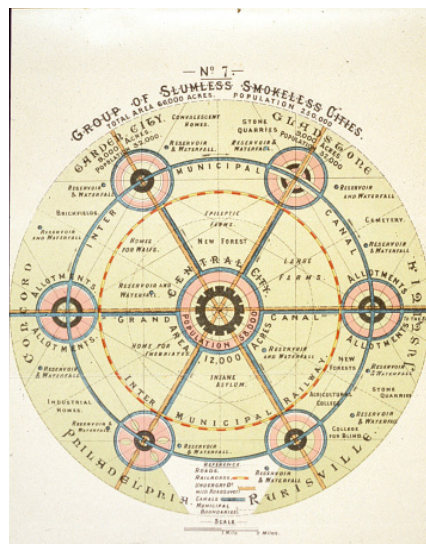
Assim, a exploração de potencialidades da ilha como as suas condições topográficas, geográficas e climáticas, a necessidade de criar agrupamento de núcleos habitacionais de caráter e tamanho distintos, e a tentativa de potencializar o mar como infraestrutura de transporte em massa, levaram os peritos da *UN Mission* a recomendar a adequação do conceito europeu da *Ring City* a Singapura.

Ring city

O conceito *Ring City*, baseia-se na ideia de um colar composto por núcleos urbanos distribuídos em redor de uma área aberta. Foi na Holanda que este conceito (*Randstad*) teve a sua expressão prática onde um grupo de cidades

¹¹² *Reclamation of new land through filling and drainage must be welcomed in an island city with fast growing population and limited land resources, but we must beware of the "bulldozer addicts" who are straining to flatten out every hill, fill in every valley and cover the resulting flat desert with a dull network of roads, factory sheds and regimented blocks of houses. It is more difficult, but also more rewarding to adjust the layout plans of new settlements to the land than to adjust the layout plans of new settlements to the land than to adjust the land to one's plans.* ABRAMS, C.; KOBE, S.; KOENINGSBERG, O. *op. cit.* p. 62

¹¹³ *Ibidem.* p. 61,62



Proposta dos enviados da UN Mission para a "Ring City" de Singapura, 1963.
 Esquema concetual da "Garden City", Ebenezer Howard.

composto por Amesterdão, Harlem, Utrecht, Delft, Dan Haag, Leyden, Dordrecht e Roterdão, formaram um perímetro circular em redor de um nódulo central de campo aberto. *This constellation is the result of historic forces to have distinct advantages over other forms of conurbation.*¹¹⁴ Dentro desta configuração, cada cidade do “anel” permanece como uma entidade compacta, preservando o seu carácter e individualidade ao mesmo tempo que os habitantes de cada cidade pode usufruir dos serviços disponíveis nas demais cidades do anel através das infraestruturas de comunicação (estradas que atravessavam campo aberto evitando zonas densamente urbanizadas) que as conectam de forma rápida e eficiente. Deste modo, a população pode disfrutar das vantagens de viver numa comunidade de média escala, em conjunto com as vantagens comerciais de uma extensiva conurbação. De ressaltar ainda o facto das cidades que formam a *Ring City* usufruírem apenas de um aeroporto situado na zona central garantindo assim o fácil acesso a qualquer um dos núcleos urbanos.¹¹⁵ Foi este o ideal de planeamento que os emissários da *UN Mission* recomendaram ao governo seguir, sendo que seria a *Housing and Development Board* (HDB) a entidade votada ao desenho e definição dos programas adequados a cada *New Town* da *Ring City* de Singapura. Mesmo que de forma enviesada e antagónica, este conceito partilhava de algumas das premissas formais do ideal de Cidade Jardim a começar pelo cinturão ou anel envolvente, a reserva de um espaço central e o controlo da expansão urbana.

*Each settlement should be specially designed to make the most of the physical features of its site, each should belong to a community comprising wealthy, middle class and poor citizens who take a personal pride in their settlement and component to preserve its beauty and enhance its amenities.*¹¹⁶

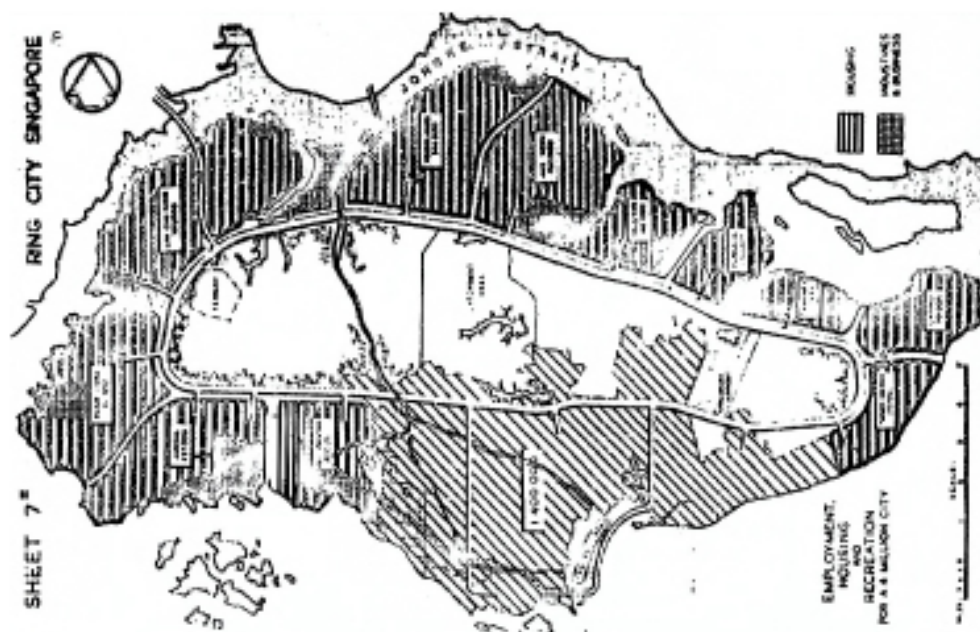
A matéria relativa à possibilidade de existirem discrepâncias formais entre as múltiplas *New Towns* era do ponto de vista da *UN Mission* uma falsa questão. A heterogeneidade (arquitetónica e sobretudo social) era aliás um dos propósitos defendidos pela equipa de peritos na medida em que a variedade de escalas, espaços, ambientes e classes quebrava a lógica monótona e tautológica dos preceitos estéticos modernos.¹¹⁷

¹¹⁴ *Ibidem.* p. 63

¹¹⁵ *Idem.*

¹¹⁶ *Ibidem.* p. 64

¹¹⁷ Faturalmente, na primeira fase de desenvolvimento urbano, vingou o utilitarismo e um colossal pragmatismo quantitativo tipicamente anglo-saxónico resultando numa semântica arquitetural uniformizada e pouco apelativa. *From time to time I intervened directly, as in May*



Proposta dos enviados da Un Mission para a “Ring City” de Singapura, 1963,
 Definição das zonas de habitação e recreação para uma
 cidade com 4 milhões de habitantes.

*Settlements should be encouraged to develop and cultivate trade, their own arrangements for manufacture and their own ideas for entertainment, sport, architecture and recreation, and should jealously guard their right to innovate against superimposed standardization.*¹¹⁸

A promoção do ambiente comunitário a partir de equipamentos direcionados para os novos bairros poderia ajudar a uma adaptação menos adversa aos novos ambientes.¹¹⁹ Pese embora a provisão de equipamentos comunitários visasse ativar a comunidade, era necessário um estudo primário do tipo de relações sociais e antropológicas existentes.¹²⁰ Estas abordagens eram vistas como tentativas de diminuir a probabilidade do surgimento de guetos sociais e económicos através de uma maior integração de classes sendo que escolas e associações comunitárias de bairro iriam ter um papel decisivo. Assim, criou-se a possibilidade de famílias com baixos rendimentos puderem auferir de unidades habitacionais e equipamentos de maior qualidade com o apoio de políticas subsidiárias.

Não obstante, outro dos aspetos visados consistia em assegurar a eficiência da intercomunicação entre as cidades satélite e o principal e maior núcleo urbano de Singapura através de infraestruturas viárias e do serviço de transporte rápido. O facto de se planearem as *New Towns* em redor do perímetro da ilha libertaria a área central para a construção de autoestradas internas, articulando a conexão entre os fluxos de trânsito viário e evitando, juntamente com outros mecanismos, a convergência das cidades satélite num único e continuo aglomerado suburbano.¹²¹ A preservação da região central da ilha como espaço aberto era uma das principais bandeiras do programa.

The determination of the Government of Singapore to contain encroachments and to preserve the beautiful open centre of the island must be widely publicized. It would be a mistake to leave the land inside the freeway ring as what British planners call white land, an area of undetermined use and unknown potential. On the contrary, the use of this particular area should be determined in great detail to

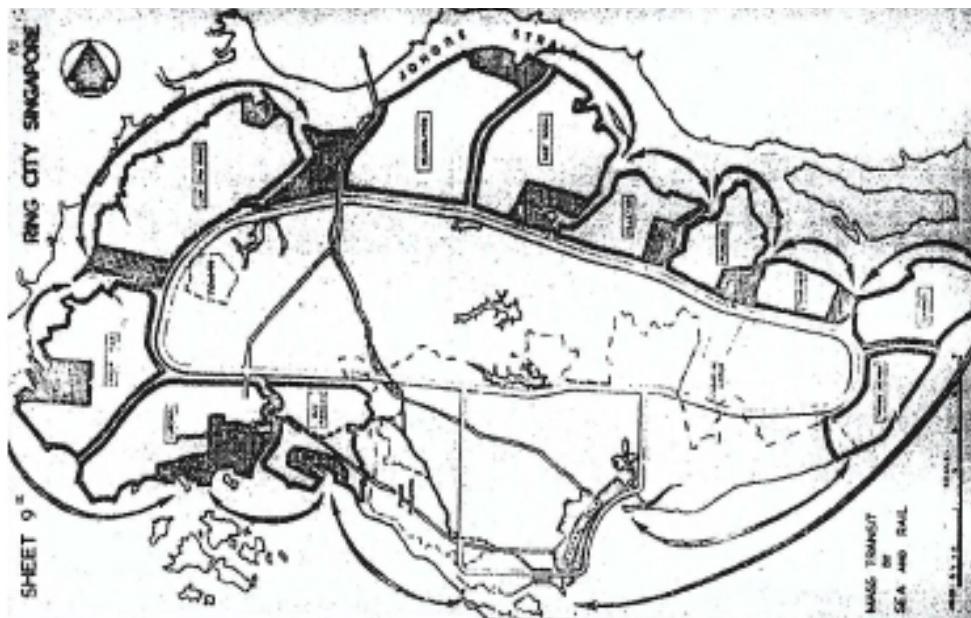
1974 when I asked the chief executive officer to improve the quality and vary the apartment designs and landscaping of new towns so that they would not look so unique. The architectural variations that followed gave distinctiveness and character to the new towns by exploiting unique site features such as undulating terrains and ponds. YEW, L. K. *op. cit.* p. 98

¹¹⁸ *Ibidem.* p. 67

¹¹⁹ *Ibidem.* p. 148

¹²⁰ *Ibidem.* p. 151

¹²¹ *Ibidem.* p. 65, 67



Proposta dos enviados da UN Mission para a “Ring City” em Singapura, 1963,
Definição do sistema de circulação rodoviário,
ferroviário (MRT) e marítimo.

*prevent investors from buying property if it in ignorance of the limitations imposed upon it.*¹²²

Singapura disfrutava de uma posição privilegiada relativamente a cidades de contexto semelhante visto que, historicamente, a sua superfície física tinha evitado as ferrovias suburbanas, deslocando-se diretamente do cavalo para a era do motor e dos sistemas de transportes rodoviários. Assim, o que se verificava na cidade era a prevalência do carro como meio de transporte predileto, num circuito padronizado de intercâmbios de fluxos entre o *Central Business District* (CBD) e o porto (num menor grau de intensidade).

A forma como foi estruturada a rede viária em Singapura possibilitava a entrada constante de carros no CBD que não tinha capacidade nem infraestruturas para suportar a circulação e o estacionamento de tantos veículos. Com esta realidade em perspetiva, a equipa das Nações Unidas viu como inevitáveis uma reforma drástica do sistema viário, a implementação de um sistema de estradas qualificado para servir funções específicas, assistido por equipamentos públicos, a construção de centros comerciais, circuitos pedestres, estacionamentos em pontos nucleares da cidade e um sistema de transporte de massas.

*Parking spaces and garages should be built in easily accessible places just outside the CBD and on all cities of it. This would discourage motorists from driving into the CBD, induce them to park their cars outside and cover the last few hundred yards of their journey on foot, by taxi or by public transport.*¹²³

O *Mass Rapid Transit System*, foi justamente definido como alta prioridade visto que iria libertar o CBD do massivo fluxo viário que se fazia sentir e trazer sem carro os habitantes dos núcleos residenciais para o centro histórico. À falta de alternativas ao carro, verificou-se uma inflação dos preços de arrendamento nas imediações da *Chinatown* e uma sobrepopulação das áreas circundantes que se deterioravam, requerendo a premência da renovação urbana.¹²⁴ Apesar da renovação urbana não resolver o problema da sobrepopulação, as probabilidades seriam reduzidas caso se disponibiliza-se à população (das classes mais baixas) um sistema de transporte alternativo, rápido e económico, que lhe permitisse viver mais longe do centro. O planeamento de um

¹²² *Ibidem.* p. 68

¹²³ *Ibidem.* p. 93

¹²⁴ *Ibidem.* p. 15



Central Business District, Singapura.

sistema urbano de transporte rápido coordenado era assim a pedra de toque do circuito comunicacional defendido pela *UN Mission* para Singapura.

Caso o governo decidisse agir em conformidade com o argumentário exposto no relatório, os peritos da *UN Mission* vincavam a necessidade de uma ação organizada apoiada por um grupo de especialistas colaborantes que regrassem os processos de forma criteriosa e coordenada caso contrário, muito dificilmente o relatório passaria do plano teórico. Paralelamente, a importância do planeamento, desenho e execução não deveria ser menosprezada.

Segundo Koolhaas, a exaltação destas doutrinas progressistas em modo de manifesto foi o gatilho para o que seria o princípio de um processo messiânico de reformas que culminaria na idealizada ilha urbana.

*The UN experts are the souffleurs of a revolution in urban renewal: their report whispers additional radicalities, suggests easy steps towards meglomania. (Twenty years later their diagram is realized: around a shrunken central preserve, the entire island turn into New Town.)*¹²⁵

A constante latência interpretativa ao longo do relatório articulou um carácter sugestivo do discurso particularmente atraente aos agentes envolvidos, dada a abstração dos quadrantes impostos. *It unleashes, legitimizes, exacerbates, amplifies, encourages, extrapolates the ambitions that the regime has so far not revealed so explicitly.*¹²⁶ Como tal, o relatório das Nações Unidas funcionou e funciona como plataforma giratória entre interesses individuais, de empresários e do partido regente por eles financiado.

2.3 Central Business District

O processo de transformação de Singapura num centro financeiro surgiu de forma relativamente natural na medida em que colmatava uma lacuna nos fusos horários do sistema financeiro internacional como constatou Dr. Winsemius, conselheiro económico do governo entre 1961 e 1984, (...) *the financial world begins in Zurich. Zurich banks open at 9 o'clock in the morning, later Frankfurt, later London. In the afternoon Zurich closes, then Frankfurt and London. In the meantime, New York is open. So London hands over financial*

¹²⁵ KOOLHAAS, R.; MAU, B. *op. cit.* p. 1029

¹²⁶ *Idem.*



Raffles Place, Singapura, década de 40. Ao fundo o Mercantile Bank, edifício histórico demolido em 1984 devido à construção da estação do MRT.
Raffles Place, década de 60.

*money traffic to New York. In the afternoon New York closes; they had already handed over to San Francisco. When San Francisco closes in the afternoon, the world is covered with a veil. Nothing happens until next day, 9:00 A.M. Swiss time, then the Swiss banks open. If we put Singapore in between, before San Francisco closes, Singapore would have taken over. And when Singapore closes, it would have handed over to Zurich. Then, for the first time since creation, we will have a 24-hour round-the-world service in money and banking.*¹²⁷

No entanto, não chegava apenas e só uma privilegiada localização geográfica; era necessário atrair a confiança dos parceiros macroeconómicos uma vez que, ao contrário de Hong Kong, Singapura já não se podia amparar na reputação financeira de Londres, nem dependia do Banco de Inglaterra. Na ótica de Lee Kuan Yew, em 1968, Singapura era ainda um país terceiro mundista e, portanto, tinha de arranjar forma de garantir a estabilidade necessária aos banqueiros estrangeiros, assim como *a good working force and living environment, efficient infrastructure, and a pool of skilled and adaptable professionals*.¹²⁸ A história do centro financeiro de Singapura é a manifestação do sucesso de uma ideia que se edificou a partir da construção de uma imagem de credibilidade, confiança e competência e de políticas económicas proactivas (comércio livre); *I have always considered this choice to be one of the most monumental in the history of Singapore*.¹²⁹ Em 1990, o centro financeiro de Singapura tinha-se tornando num dos maiores do mundo.¹³⁰

O *Central Business District* (CBD) é então definido como o centro nevrálgico de Singapura, constituindo o maior ativo em termos de índices de prosperidade e crescimento. *It is the life and pulse of the city, the hub of its enterprise, finance and employment, and the fountain head of its economic growth and potential(...)*¹³¹, contribuindo de forma decisiva para o desenvolvimento através de uma multitude de serviços que abrangem várias classes económicas. *Without it the city would be just, conglomeration of villages*.¹³² A concentração de atividades no CBD em redor do *Raffles Place*, gerou uma efervescência económica essencial à promoção das oportunidades e funções necessárias ao

¹²⁷ YEOW, L. K. *op. cit.* p. 71

¹²⁸ *Idem*.

¹²⁹ WINSEMIUS, A. apud HWEE, Y. L.; TURNER, B. (2015). *50 Years of Singapore-Europe Relations: Celebrating Singapore's Connections with Europe*. p. 147

¹³⁰ YEOW, L. K. *op. cit.* p. 73

¹³¹ ABRAMS, C.; KOBE, S.; KOENINGSBERG, O. *op. cit.* p. 119

¹³² *Ibidem*. p. 89



Construção do MRT, Raffles Place, Singapura, 1985.
Raffles Place, Singapura, 2007.

progresso de Singapura e, como tal, esta zona foi alvo de uma operação de renovação meticulosa.¹³³ Dito isto, um dos principais objetivos da intervenção no CBD seria então garantir através da renovação urbana (conservação, reabilitação e reconstrução) o aumento das percentagens de eficiência económica do centro financeiro.¹³⁴ O envolvimento do sector privado no processo não só acelerou os procedimentos como viabilizou que as classes dominantes se servissem da arquitetura enquanto instrumento de reforço do seu estatuto no meio físico assente na ideologia da inevitabilidade. Dos locais expropriados resultaria a construção de alguns dos edifícios mais icónicos da cidade, tornando real o que até então era visto como matéria do foro teórico. O resultado foi um somatório de protótipos que precederam as “torres de marfim” descontextualizadas símbolos congénitos das novas metrópoles.

A questão do espaço desde sempre constituiu um dos principais desafios ao crescimento do tecido edificado da área. *Singapore's CBD, moreover, is hemmed in on all sides by the sea and the port, by governmental and institutional lands, by the hills and by Chinatown. It has no room to expand except upwards.*¹³⁵ Fator que levou a *UN Mission* a classificar como um dos principais entraves ao crescimento do CBD o sistema de trânsito vigente. Nos termos do relatório em foco, *The present system of roads makes it possible for a relatively large number of motor cars to come in the CBD, but there is no adequate space for maneuvering or for parking. This is one of the most effective ways of killing the growth of CBD.*¹³⁶ Deste modo, o relatório indicava a premência da reestruturação do espaço urbano em particular da rede viária sendo que, para isso, seria inevitável a mudança do paradigma de deslocação que vigorava em Singapura. Este foi o mote para invocar a introdução do *Mass Rapid Transit System* que iria não só diminuir o fluxo de trânsito viário para o centro financeiro como iria proporcionar a possibilidade de pessoas empregadas no CBD, sem veículo próprio, a não terem de viver dentro do perímetro de acesso pedestre ao CBD. A ausência de alternativas viáveis ao carro fez com que as pessoas se tivessem que fixar perto do CBD, o que se veio a traduzir na inflação dos preços dos arrendamentos na *Chinatown*. *In most cities a rapid transit system brings masses of people into the CBD. But Singapore has no such means of transport and depends entirely on buses which in downtown areas are slow-moving, costly and at best very limited in*

¹³³ *Idem.*

¹³⁴ *Ibidem.* p. 119

¹³⁵ *Ibidem.* p. 91

¹³⁶ *Ibidem.* p. 90



Planta do processo de desenvolvimento urbano e programático de Orchard Road entre 1959 e 2005, Singapura.

capacity.¹³⁷ A existência do *Mass Rapid Transit System* possibilitaria, assim, não só a redução dos fluxos viários como iria permitir a possibilidade de se viver nas *New Towns*, uma vez que a introdução deste modelo de transporte iria garantir o acesso ao CBD (baixa da cidade), a partir de qualquer ponto da ilha, em menos de 40 minutos e com preços acessíveis, de 10.000 passageiros por hora num sentido e 20.000 nos dois sentidos, explorando as características de centralidade do centro financeiro.¹³⁸

Como sintoma da ausência de infraestruturas que resolvessem o caos do trânsito diário no CBD, foram surgindo alternativas qualificadas com mais espaço e condições de negócio como foi o caso da avenida *Orchard Road*. Testemunho sintomático desta realidade, a avenida, dada a proximidade do CBD, tornou-se foco de investimentos e serviços ligados à restauração, hotelaria, comércio e banca.

Orchard Road

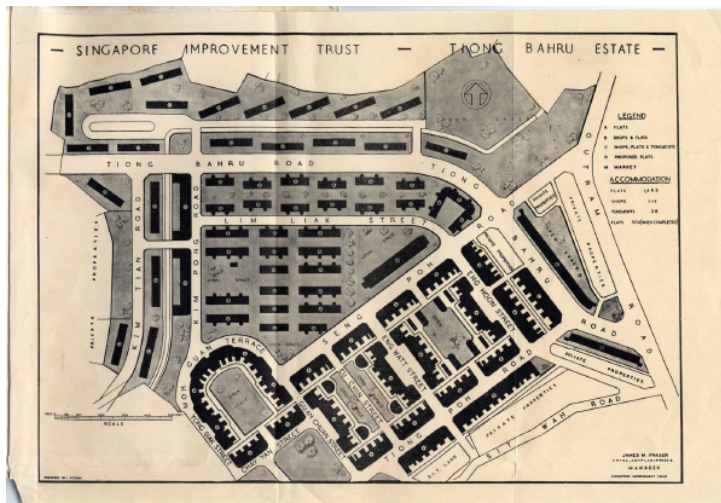
Pese embora Singapura, em finais da década de 50, ser considerada um destino turístico, no que toca a infraestruturas e equipamentos turísticos, havia uma displicência acentuada dado que haviam pouco mais que alguns hotéis exóticos como o hotel Raffles e o parque *Goodwood*, o que representava o fraco investimento num sector ainda pouco desenvolvido e embrionário. Os cinquenta hotéis, na maior parte sem licenças, ofereciam um total de 1.000 quartos, a menos de 100.000 visitantes por ano. No entanto, a transformação da urbe da ilha e a melhoria das infraestruturas de transporte, seguidas por uma campanha de promoção e construção de hotéis de luxo, resultou, trinta anos depois, em 150 hotéis licenciados, com um nível de oferta de 25.000 quartos.¹³⁹

O turismo tornou-se numa das principais fontes de rendimento da nação, e a construção de hotéis de luxo uma operação rotineira. Por forma a ganhar espaço para estes equipamentos e para um conjunto de centros comerciais, numa resposta direta às ambições do mercado turístico e dos próprios habitantes, foi criado um dos principais elementos urbanos, epítome da realidade efervescente de Singapura, a avenida *Orchard Road*. Ao longo de 5 km, a

¹³⁷ *Ibidem*. p. 91

¹³⁸ *Ibidem*. p. 99

¹³⁹ DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. *op. cit.* p. 76



Vista aérea e planta da urbanização Tiong Bahru projetada pelo “Singapore Improvement Trust”, 1948-1953.

avenida acomoda cerca de cinquenta hotéis, 25 dos quais sendo parte ativa da composição cénica da avenida ou das proximidades imediatas, perfazendo um total de 10.000 quartos.¹⁴⁰ Por forma a albergar toda esta megaestrutura turística, entre hotéis e centros comerciais, o perímetro urbano adjacente tem sido sistematicamente reformulado, uma prática rotineira das autoridades governamentais que têm do seu lado a estrutura legal que relega para o governo a capacidade decisória nos atos de expropriação e definição urbana de todo o território.

*By constantly “replanning” the rules of access to space, the Singaporean State is thus redefining territoriality even in its minute details. It is thus able to consolidate its control over civil society to an extent rarely known in history.*¹⁴¹

2.4 Housing Development Board: cidades satélite

No tramo deste sistema doutrinário, foi criada em 1960 a autoridade estatal *Housing Development Board* (HDB). Enquanto entidade responsável pela construção de habitação social de baixo custo para trabalhadores e pela organização e monitorização ativa dos processos de desenvolvimento urbano, tratava-se de um verdadeiro *Estado dentro de um Estado*¹⁴² que, segundo De Koninck, funcionava como um *upgrade* da entidade remanescente do período colonial, a *Singapore Improvement Trust*. O padrão que norteou os índices da HDB previa a descentralização da população e dos equipamentos a partir da construção de um perímetro urbano ao longo da extensão costeira, atualmente composto por 26 cidades satélite (*New Towns*), ocupando um total de 18.000 hectares do território, sendo que 30% da área se destinava exclusivamente a tipologias residenciais.¹⁴³ A densidade populacional de cada *New Town* variava entre o volume das torres de habitação e o tamanho das áreas recreativas. A par da expansão do tecido urbano, surgiram as infraestruturas de comunicação entre os diferentes núcleos, essenciais na viabilização do processo de dispersão, e no minorar dos problemas de posição relativa (tempo e distância) entre pontos.

A produção destes novos espaços urbanos, não só moldou toda a paisagem

¹⁴⁰ *Ibidem.* p. 99

¹⁴¹ *Ibidem.* p. 79

¹⁴² *Ibidem.* p. 30

¹⁴³ *Idem.*



Vista aérea e planta do bairro "Princess Margaret Estate" em Queenstown, primeira cidade satélite de Singapura, 1952-1958.

urbana da ilha como revelou o desenvolvimento de um aparelho ideológico do Estado que instrumentalizou a formulação dos projetos de habitação pública e dos *open spaces*¹⁴⁴ com o objetivo de controlar não só as esferas social, política e económica como também toda a dimensão pública.

*After Independence in 1965, I was troubled by Singapore's completely urban electorate. I had seen how voters in capital cities always tended to vote against the government of the day and was determined that our householders should become home owners, otherwise we would not have political stability.*¹⁴⁵

Num clima da experimentação propícia da época, *Queenstown*, localizada no centro Oeste da ilha, foi oficialmente a primeira *New Town* a ser construída. Visando um total de 160.000 habitantes, foi uma resposta sem precedentes com uma semântica marcadamente modernista, num contraste fraturante com as tradicionais tipologias da *shophouse* chinesa e indiana e os *kampongs* malaios. *Queenstown* foi o primeiro exemplo do ambiente que viria a ser o ADN da gênese urbana em Singapura nas décadas ulteriores. Um ambiente prolixo em equipamentos lúdicos, espaços verdes, torres de habitação¹⁴⁶ (com o piso térreo reservado para recriação ou comércio) e infraestruturas públicas, na linha dos planos de Le Corbusier como o *Plano Voisin*. De relevar o pragmatismo utilitário no processamento desta reforma visceral que apesar das proclamadas tentativas de criar uma noção de lugar, olvidou as implicações não-materiais de transição drástica, promovendo uma clara ausência de um léxico mediador, qual torre de Babel.

There were enormous problems, especially in the early stages when we resettled farmers and other from almost rent-free wooden squatter huts with no water, power or modern sanitation, and therefore no

¹⁴⁴ *Studies of architectural and urban forms of modernism have predominantly focused on the building masses and their interconnected elements; streets and even plazas have been co-opted for modern analysis. Yet little attention has been paid to open space and how as a modern conception it is instrumental in the formation of identities – that the purposeful creation of open space as a public good simultaneously conditions and maintains public consciousness and behavior.* SENG, E. In LIM, W. S. W.; J.-H. C. *op. cit.* p. 144

¹⁴⁵ YEOW, L. K. *op. cit.* p. 96

¹⁴⁶ *Queenstown "reflects the policy of... so-called "Total Environment"... A shopping centre... for each Neighbourhood... Town Centre with cinemas, emporium, restaurants, night-club, Japanese Garden... A sports complex is under construction in neighbourhood VI... Focal areas and open spaces around the housing blocks have been landscaped... The high-rise blocks... located near primary and secondary schools... frequent and efficient bus service criss-crosses the neighbourhood... A vigorous atmosphere is already evident... Queenstown can be said to have been "lived in".* KOOLHAAS, R.; MAU, B. *op. cit.* p. 1021



Vistas aéreas da primeira fase de construção da
New Town de Toa Payoh, 1965-1973.

*utility bills, into high-rise dwellings with all these amenities but also a monthly bill to pay. It was a wrenching experience for them in personal, social, and economic terms. The Malays preferred to be closer to the ground. They planted vegetables around the high-rise as they used to do in their kampongs. For a long time, many Chinese, Malays, and Indians walked up the stairs instead of taking the elevators, not because they wanted the exercise but because they were afraid of elevators. There were people who continued to use kerosene lamps instead of electric bulbs. Others carried on their old business as before, selling cigarettes, sweets, and sundry goods from their front rooms on the ground floor. They all suffered from cultural shock.*¹⁴⁷

O protótipo que se seguiu foi a cidade satélite de *Toa Payoh* (1966), construída de raiz num local virtualmente virgem, onde foram impostos sistemas viários, habitações, equipamentos públicos, complexos desportivos e parques verdes. Nos anos 60 este tipo de procedimento não era isolado, o que era invulgar em Singapura era a escala da intervenção; desta feita, a cidade foi pensada para um total de 180.000 pessoas.¹⁴⁸

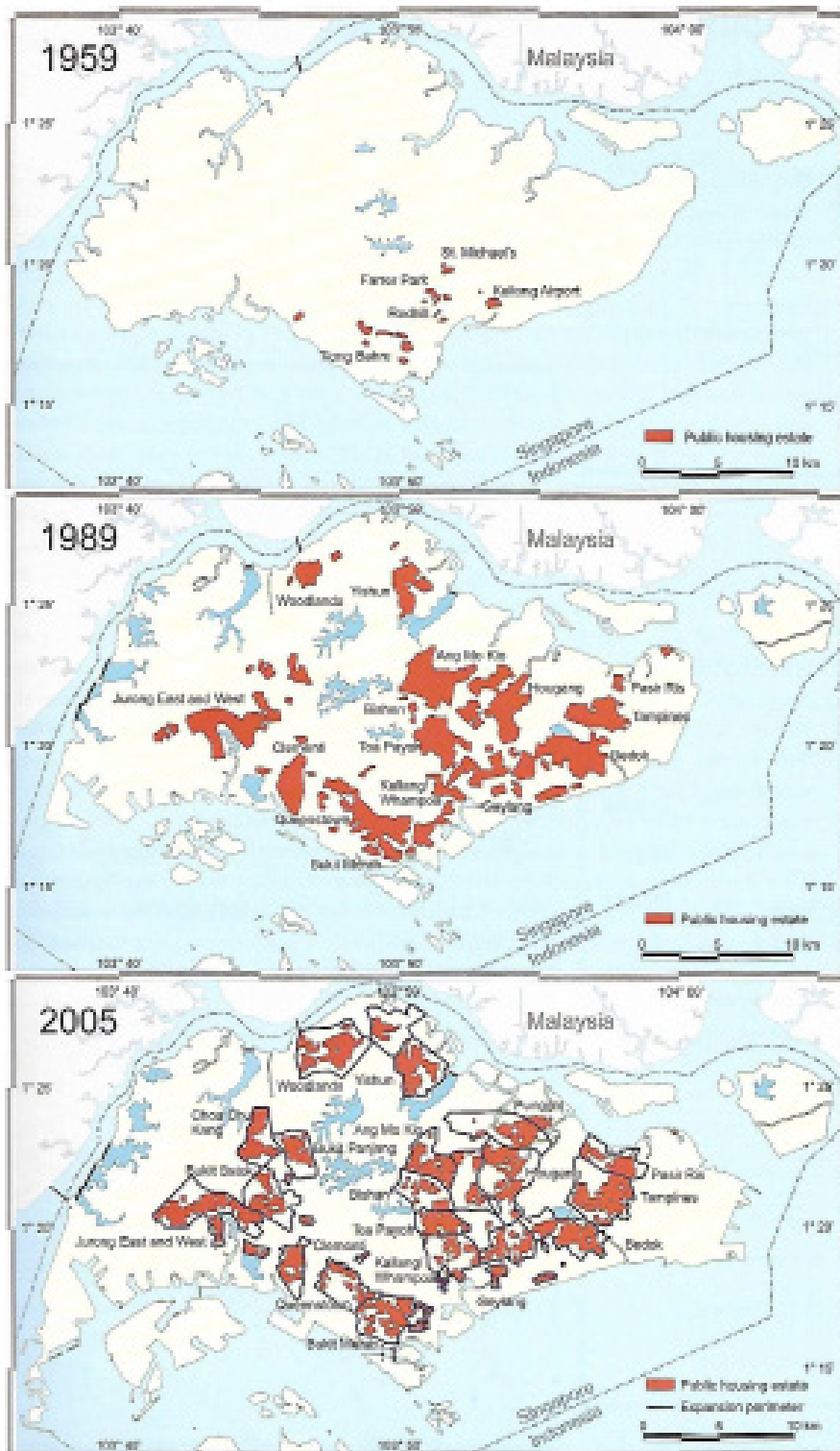
O Plano Conceptual de 1971 orientado pela URA – *Urban Redevelopment Authority* – (autoridade decorrente da HDB), dividiu o território em cinco regiões, cada uma com um núcleo urbano. Um dos objetivos passou por criar centros de atividade autónomos e substanciados por programas atrativos que exponenciassem os fluxos comunitários, comerciais, económicos e turísticos da nação. O critério de descentralização foi revigorado no Plano Conceptual de 1991 que reiterou esta tábua de intenções, através da delineação de sub-regiões servidas pela rede de transporte metropolitano *Massiv Rapid Transit*.¹⁴⁹

Como resultado do processo de zonamento, estabeleceu-se a cidade satélite de *Sembawang* (1990), cidade mais a Norte de Singapura, tangente ao estreito de *Johor*, onde se encontra um dos terminais do porto de Singapura, antiga base naval britânica. De compleição residencial suburbana, apontava sobretudo a

¹⁴⁷ YEW, L. K. *op. cit.* p. 98, 99

¹⁴⁸ DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. *op. cit.* p. 56

¹⁴⁹ Aquando da inauguração de 5 estações em 1987, Singapura ganhou uma reconhecida capacidade de circulação no território; em 1990, existiam 41 estações e em 2005 o número ascendia às 105 estações e 110 km de traçado férreo. De referir ainda, os adicionais 30 km, provenientes do sistema auxiliar de transporte automatizado LRT (*Light Rapid Transit*). Inaugurado em 1999, este sistema (composto por 14 estações), surgiu como uma alternativa mais prática, rápida e sustentável, aos transportes viários (autocarros), no âmbito das deslocações dentro da cidade. *Ibidem.* p. 56



Processo de desenvolvimento dos núcleos de habitação pública em Singapura entre 1959 e 2005.

programas militares, industriais e recreativos, sendo uma das cidades satélite com menor densidade populacional (58.700 habitantes), longe da média das cidades satélite mais populosas, (acima de 100.000 habitantes).¹⁵⁰

Os limites territoriais da ilha foram sempre uma condicionante que também se impôs na estruturação do aparelho urbano. Esta coação veio a ser contornada nomeadamente através da aplicação de dois pontos fundamentais provenientes do relatório da *UN Mission* - as operações de expropriação e as políticas de expansionismo. Relativamente ao nível de intensidade das operações de expropriação, este variava consoante o número de demolições e de acordo com as pretensões programáticas específicas de cada região, sendo que foi dada prioridade ao centro histórico. Seguindo uma lógica mecânica de expropriação, evacuação, demolição e reconstrução, estas ações podiam variar entre edifícios, parcelas agrícolas, e bairros inteiros, sendo que alguns terrenos foram alvo de expropriações múltiplas. Entre 1965 e 1988 mais de 1.200 terrenos foram expropriados com mais de 270.000 famílias deslocadas, aproximadamente um terço da população.¹⁵¹ O efeito desta sucessão de diásporas traduziu-se numa constante itinerância geográfica da população, originando profundas alterações de ordem social, cultural, urbana, programática e económica. Traçando o mapeamento das correntes de distribuição populacional, observa-se um movimento centrífugo, em direção às *New Towns*, descongestionando o centro histórico. Como consequência deste processo, no ano 2000, verificava-se uma mais equilibrada distribuição da população residente (3.5 milhões).¹⁵² No que refere ao segundo ponto, desde princípios da década de 60, assistia-se à mudança da morfologia e natureza da linha costeira e subsequente alteração da topografia, rede hidrográfica, e vegetação de Singapura. Esta conjectura revelou-se a partir da alteração das funções de produção tanto agrícolas, como comerciais ou industriais, tudo aliado a uma complexa rede distributiva. Fundamentalmente, as medidas de expansão visavam a implementação de vários projetos de renovação urbana, de desenvolvimento industrial e habitação social, sustentadas por uma rede de infraestruturas de transporte e recreação sólidas. Tudo isto, no contexto de uma sociedade estimulada por um ritmo de crescimento económico acentuado, com uma abrangente panóplia de ligações geopolíticas estratégicas, mediadas por um porto de renome internacional em permanente expansão,

¹⁵⁰ *Ibidem.* p. 32

¹⁵¹ KOOLHAAS, R.; MAU, B. *op. cit.* p. 1031

¹⁵² DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. *op. cit.* p. 28

e um aeroporto com infraestruturas de ponta (sobre um aterro marítimo). O território não poderia ser de todo um obstáculo ao desenvolvimento e, como resultado, praticamente todas as localidades foram transformadas e criadas a partir deste estigma, cada qual exercendo funções específicas, contribuindo para o equilíbrio dos ativos nacionais onde se encerravam funções militares, residenciais, industriais, recreativas, comerciais e ambientais.¹⁵³

Como reflexo do projeto de intervenção local, o *Central Business District*, e a baixa, outrora ponto de entrada da cidade portuária, sofreram uma transformação categórica em relação ao tecido urbano que vigorava na época colonial. As margens da foz do *Singapore River* foram aterradas a custo da terraplanagem das colinas do perímetro. O rio, que até à década de 70 desaguava diretamente no mar, termina agora numa baía artificial, a icónica *Marine Bay*, fruto da expansão massiva. O mesmo sucedeu com os rios *Geylang* e *Kallang*, sendo que o último foi objeto de uma profunda requalificação, integrando o projeto de parque urbano com 62 hectares – *Bishan River*. Um outro aspeto de pertinência é a forma como o núcleo urbano da antiga colónia foi absorvido na sequência destas mutações. Este núcleo estruturava-se segundo a quadrícula herdada do plano *Coleman* de 1837, plano que se definia a partir de uma relação plurivalente com a linha costeira que se perdeu com a extensão do território. Este fator, para além de ter descaracterizado o centro histórico, que se destacava historicamente pelos seus vínculos com o mar, revelou um paradoxo incontornável. (...) *in its quest to become an Equatorial Garden City, Singapore, the great harbor city, is increasingly turning its back on the sea, at least in its historical core, and Beach Road is now three kilometers from the sea.*¹⁵⁴

A perda da relação com o mar e a negligência para com o léxico histórico, sintomático em muitas cidades contemporâneas, ultrapassa a questão plástica das formas vazias, podendo provocar um desequilíbrio irrevogável no domínio do sensível. A par destas ações fraturantes, surge um sentido de distanciamento e consequente estranheza da população face ao meio envolvente, perdendo-se o senso do *locus* e *ethos*. Todo o território foi apropriado segundo uma lógica instrumental, com índices de manipulação que viriam a desvirtuar de forma permanente as características primitivas da ilha.

Singapura conquistou ao mar aproximadamente 140 km², o que em termos

¹⁵³ *Ibidem.* p. 39

¹⁵⁴ *Ibidem.* p. 24



Processo de expansão da via Amber Road, Singapura, 6 Janeiro 1969.

de percentagem representa 25% do território. Regra geral, a terra extraída para estes aterros provia do desbaste de elevações montanhosas, transformações que se estendiam à drenagem de estuários de alguns dos principais rios, num processo que produziu uma transformação radical na topografia da ilha. *Singapore becomes larger but flatter, more abstract.*¹⁵⁵ A contínua expansão levou a algumas clivagens entre o governo de Singapura e os seus vizinhos, nomeadamente Malásia e Indonésia. Este nível de operações só foi possível devido a um conjunto de leis que possibilitaram a supramencionada expropriação massiva do Estado em abono do interesse nacional com privilégio sobre os domínios privados para a consecutiva execução dos projetos urbanos. *In fact, such radical expropriation makes any ownership provisional: any terrain can be claimed by the state for any reason. (Certain sites have been requisitioned two or even three times over the past 30 years.)*¹⁵⁶

Se, por um lado, a construção intensiva de blocos de habitação *low-cost* foi parte importante da industrialização, com o aumento das condições de vida, educação e rendimentos promovendo uma mudança substantiva no estilo de vida da população, por outro, criou espaço para a destruição do património edificado e ambiental. De acordo com o governo, estimava-se que em 1965 toda a ilha estivesse totalmente urbanizada.

*By the mid-sixties the darker side of urban renewal is well known. The prewar urbanism of the modernist heroes that had depended on the tabula rasa had been discredited. The war had razed entire cities that had been rebuilt from scratch with mixed results: they were “soulless”. In America slum clearance was increasingly suspect in its inability to transform anything except physical conditions, leaving a culture of poverty unchanged.*¹⁵⁷

Em Singapura, os anos 60 foram marcados pelo ceticismo em relação aos resultados do manifesto modernista, às cidades do pós-guerra na Europa e profusão de zonas urbanas completamente desvitalizadas nos Estados Unidos, o que levou a uma onda de contestação contra a ortodoxia modernista. Estes movimentos não contestavam a necessidade de viabilizar uma resposta afirmativa ao massivo crescimento demográfico (cenário transversal ao Sudeste Asiático), mas sim os métodos que eram utilizados para tal. *A tabula rasa* era

¹⁵⁵ KOOLHAAS, R.; MAU, B. *op. cit.* p. 1033

¹⁵⁶ *Ibidem.* p. 1031

¹⁵⁷ *Ibidem.* p. 1034



Tabula rasa, Singapura, década de 70.

uma fórmula evasiva e ilusória de “fazer cidade” como refere Koolhaas:

*The curse of the tabula rasa is that, once applied, it proves not only previous occupancies expendable, but also each future occupancy provisional too, ultimately temporary.*¹⁵⁸

As implicações deste projeto magnânimo, são bem reais. Se se assumir a máxima do objeto em constante devir como imperativo, a cidade poderá findar no “destino trágico” do eterno retorno expressado por Friederich Nietzsche ou Albert Camus no mito de Sísifo. Ao mais alto grau, a cidade pode caminhar para um périplo contínuo de experiências que se sucedem e se renovam a um ritmo frenético que irá porventura retirar toda a *gravitas* da cidade-estado levando a uma leveza culturalmente insustentável.

Koolhaas retrata Singapura como um “Estado Barthiano”¹⁵⁹. Segundo o autor, Singapura é o primeiro Estado semiótico onde as construções políticas, além de reais, tendem a materializar-se na matriz física da cidade, onde a manipulação e objetivação de identidades, no respeito dado a cada cultura, são o álibi perfeito para uma agenda política subversiva que esvazia toda a identidade a ponto de perder qualquer significado original, numa remasterização perversa dos sentidos.¹⁶⁰ A *tabula rasa* era apenas o primeiro passo de uma estratégia transcendente.

A praxis moderna em Singapura, apesar de desprovida de parte da agenda ideológica que vigorava no Ocidente, funcionava segundo três grandes premissas - mecânica, racional e programática - tomando forma no ideal utópico *revolution without agony*.¹⁶¹ Esta tentativa de normalização sob grelhas quantitativas, tentando fazer uma “revolução urbana e social sem danos colaterais”, estandarte político das entidades responsáveis, é claramente ilustrada nos processos de transformação que envolveram os principais bairros étnicos da cidade, *Chinatown* e *Little India*. Uma transformação que iria acabar por resultar na deformação do sujeito e daquilo que defendia.¹⁶²

If the transition from the English slums to the estate was traumatic, the leap from the Chinese shophouse - typology that packs store, factory, family living quarters together in a single block around a court-

¹⁵⁸ *Ibidem.* p. 1075

¹⁵⁹ *Ibidem.* p. 1039

¹⁶⁰ *Ibidem.* p. 1031

¹⁶¹ *Ibidem.* p. 1041

¹⁶² MARCUSE, H. (2011). *O Homem Unidimensional*. p. 7



"Jackson Town Plan", plano urbano para Singapura,
Lieutenant Philip Jackson, 1822.

*yard- to Singapore's high-rise containers is even more merciless, not only in terms of material difference- from the Asian to the Western- but because the new inhabitants, cut off from connective networks of family relationships, tradition, habits, are abruptly forced into another civilization: the slab as time machine.*¹⁶³

2.5 Chinatown e Little India

Aquando do início do domínio colonial britânico, que fundou as bases da cidade de Singapura, os britânicos procederam a um incisivo processo de planeamento urbano (*Jackson Town plan* de 1822) onde constava a separação das comunidades étnicas de modo a prevenir conflitos raciais. *It was Singapore's founder, Sir Thomas Stamford Raffles who had the idea that the different ethnic groups were to have separate living quarters.*¹⁶⁴ Segundo Brenda Yeoh, as autoridades coloniais, através das instituições locais de controlo urbano como as autoridades municipais, tentaram então estruturar o ambiente urbano por forma a facilitar o exercício de aplicação da controlo colonial e expressar as aspirações e ideias colonialistas. No entanto, o caso de Singapura, em que a realidade envolvia uma miscigenação esdrúxula, tornou o sistema particularmente complexo. Mediante a variedade de culturas, crenças e valores destas comunidades étnicas, reforçadas pela rede comunitária e de parentesco, formou-se uma fonte de resistência às imposições coloniais.¹⁶⁵ Estas operações viriam a mudar a base do desenvolvimento dos primeiros bairros étnicos da ilha como a *Chinatown* e a *Little India*. No entanto, ao contrário da primeira que se sedimentou e consolidou nas suas fundações primárias, a segunda sofreu um processo de deslocação, acabando por se fixar na *Serangoon Road*, junto das imediações do CBD.

A *Chinatown* de Singapura foi o espaço destinado para o abrigo da comunidade chinesa, sendo que nos seus primórdios se definia sobretudo por uma comunidade maioritariamente de imigrantes provenientes de diferentes zonas da China, numa concatenação de dialetos e práticas tradicionais. Na sua generalidade, estes imigrantes eram trabalhadores sem família e fixaram-se em zonas de abrigo comuns e sobrelotadas, sem condições de habitabilidade e higiene. A vida urbana ficou marcada pela proliferação de mercadores am-

¹⁶³ KOOLHAAS, R.; MAU, B. *op. cit.* p. 1021

¹⁶⁴ FURLUND, E. B. *op. cit.* p. 9

¹⁶⁵ POWELL, R. apud LIM, W. S. W. *op. cit.* p. 139



Vista da Chinatown a partir de Pearl's Hill, Singapura, princípios de 1860.
Rua da Chinatown, Singapura, 1870.

bulantes, forma alternativa de subsistência que deflagrou a ponto de se tornar prática compósita desta comunidade. Apesar da confluência de realidades pitorescas, potencialmente atrativas ao turismo, a *Chinatown* degenerou em sintomas nefastos como a sobrepopulação, poluição e mercados ilícitos, fatores que inflamados pelo contexto da Segunda Guerra Mundial, obrigaram o governo a tomar ação. Nos anos 50, a comunidade tinha crescido de tal forma que já fazia parte do imaginário urbano de Singapura a ponto de, sem uma *Chinatown*, a cidade correr o risco de se tornar num anacronismo.

O esquema desta comunidade étnica era autoportante e baseava-se num processo de sedimentação cultural próprio onde predominavam as características da arquitetura chinesa como as *shophouses*, com um travo de espontaneidade vernacular e uma cultura de ritmo frenético e prolixo. Dada a sua privilegiada localização, esta área era bastante concorrida devido às rendas baixas, à proximidade do trabalho, à abundância de serviços, ao espírito comunitário, à predileção pelo ambiente do *locus* e pelas perspectivas de se viver perto da zona central da cidade.¹⁶⁶

Foco de atração turística permanente, devido à quantidade de restaurantes, lojas e contrastes inaugurados pelo cruzamento do antigo e do novo, o turismo foi um dos principais motores de desenvolvimento da comunidade e, por isso, entendia-se que deveria ser exponenciado. Assim a *Chinatown* de Singapura foi classificada como ponto pivotante, providencial ao equilíbrio estratégico entre os bairros modernos, o CBD, o porto e o edificado histórico. Uma polissemia essencial ao balanço entre as forças edificantes. Segundo a *UN Mission, every big city needs escape hatches from sameness and order and areas like Chinatown can emerge into important examples - if they are treated with something more subtle than the steam-shovel.*¹⁶⁷

Por consequência, estabeleceu-se um plano de reabilitação e melhoramento, integrando assim o programa de renovação urbana da cidade definido pela *UN Mission*. Foram então delineados alguns pontos fundamentais:

1. A realização de um mapeamento de todos os edifícios e consecutiva definição das áreas a preservar e que edifícios de habitação deveriam ser reabilitados, demolidos ou reconstruídos;
2. A elaboração do(s) plano(s) de reconstrução teria de incluir a constru-

¹⁶⁶ *Ibidem.* p. 118

¹⁶⁷ *Idem.*



Vista aérea da Little India, Singapura.
Rua da Little India, Singapura.

ção de edifícios de habitação pública de acordo com a métrica tipológica pré-existente;

3. A determinação dos trechos a ser reabilitados pelo setor privado;
4. O replaneamento de blocos inteiros de forma a adequá-los às exigências do sistema viário;
5. A definição de legislação que determinasse a preservação e reparação de edifícios de acordo com as normativas vigentes.¹⁶⁸

Se por um lado a renovação da *Chinatown* representava simbolicamente uma mudança de paradigma no estilo de vida dos seus habitantes, por outro lado esta ação, *would serve as an example of the tangible proof of the socio-economic forces developing Singapore from a third world country towards a first world country.*¹⁶⁹

Relativamente à comunidade da *Little India*, esta desenvolve-se ao longo de *Serangoon*, a sua rua principal. Originalmente, a zona era destinada à indústria do gado, contendo também uma instalação presidiária exclusiva para a comunidade indiana. Na mesma linha das comunidades de imigrantes chineses, também os indianos procuraram Singapura pela oportunidade de emprego. A indústria do retalho foi então a predileção da comunidade a ponto de denotar índices de crescimento paralelos ao índice de crescimento demográfico da população indiana. Nos anos subsequentes, as instalações da indústria de gado foram sendo transformadas em lojas e quarteirões habitacionais, provocando alterações profundas na matriz urbana e social da área. Na sua maioria os imigrantes provenientes da Índia eram solteiros; no entanto, à medida que se fixavam de forma permanente, começaram a trazer as suas famílias alterando a estrutura física e demográfica do bairro.¹⁷⁰

Entre as décadas de 60 e 70, com a aplicação do programa de renovação, procedeu-se à expropriação e eliminação dos bairros ilegais e ao consecutivo realojamento da população nos blocos de habitação modernos. Como resultado da violência desta operação, a *Little India* ficou desprovida de áreas habitacionais mas ganhou um novo fôlego, emergindo como núcleo duro da população descendente de indianos e de todos aqueles que se identificavam com a cultura indiana. Na década seguinte, com o crescer da sensibilidade relativa

¹⁶⁸ *Ibidem.* p. 118,119

¹⁶⁹ FURLUND, E. B. *op. cit.* p. 9

¹⁷⁰ *Ibidem.* p. 10



Ambiente na Chinatown, 1960.
Mercado noturno na Smith Street, Chinatown, Singapura, 2011.

ao património edificado, o governo decidiu designar oficialmente a *Little India* como património nacional. *In 1989 an area of 13 hectares, encompassing around 900 buildings was named the Little India historic district and made a conservation area.*¹⁷¹ No âmbito do processo de conservação, foi delineado para uma parte específica da *Little India* um processo de reutilização adaptativa que visava a expropriação dos imóveis aos inquilinos, a conservação das fachadas, renovação dos interiores e consecutiva revenda. Esta área é a que mais se destaca pela prevalência da cultura indiana, sendo que o valor das propriedades é ajustado de acordo com as demandas do mercado por forma a garantir a viabilidade dos negócios introduzidos metodologicamente numa área com regulações rigorosas.¹⁷²

Atualmente, este bairro continua a servir de ponto de encontro de comunidades de diferentes origens como a Índia e Bangladesh, *giving a whole new customer group for the businesses in Little India, and also adding new life to the streets and parks.*¹⁷³

A conservação tanto da *Chinatown* como da *Little India* refletem uma necessidade estratégica de preservar o património edificado como forma de afirmação da independência e soberania da cidade-estado.¹⁷⁴ Não obstante, e sob a bandeira do bem público, assiste-se a uma reiterada instrumentalização política de “artefactos urbanos históricos” em nome de tendências e propósitos invariavelmente extrínsecos às comunidades visadas que pouco ou nada contribuem para o processo, numa invariável lógica de imposição das ideologias regentes.

2.6 Arquitetura e urbanismo: influência nas décadas de 60 e 70

Na efervescência dos tempos procedentes à época colonial, desenvolveu-se uma estirpe de idealismos (nacionalismo, anticolonialismo, modernismo) na corrente intelectual do Estado, onde se incluíam arquitetos e artistas e que permitiu o espaço necessário para a expressão das suas aspirações à nação recém formada.¹⁷⁵

O denominado período heróico, compreendido entre 1959 e 1975, testemu-

¹⁷¹ *Idem.*

¹⁷² *Ibidem.* p. 10,11

¹⁷³ *Ibidem.* p. 11

¹⁷⁴ *Idem.*

¹⁷⁵ LIM, W. S. W. *op. cit.* p. 145



Edifícios em Toa Payoh, Singapura.

nhou a imposição dos arquitetos e urbanistas locais através da construção de edifícios sobretudo comerciais no novo perfil urbano e arquitetónico. Na senda da crescente demanda pelo debate e pela contribuição para o discurso teórico e educativo, este período centrou-se na questão de como se poderia dinamizar a arquitetura tradicional malaia no panorama de Singapura. Iniciativa decorrente de um processo de *Malayanisation* que surgiu justamente da tentativa de integrar Singapura na imagística malaia. Contudo, este debate viria a ser abruptamente interrompido após a rutura com a Malásia em 1965. Numa altura em que a paisagem física e psicológica permanecia maioritariamente ileso, a tematização relativa a domínios culturais presumia-se como desnecessária. Com efeito, os arquitetos locais, salvo algumas exceções, subscreveram invariavelmente as projeções modernistas do governo não sendo feito nenhum esforço por parte da comunidade no sentido de desenvolver uma arquitetura nacional e própria.¹⁷⁶

Os anos 60, no âmbito da Teoria da Arquitetura internacional, foram marcados pela profusão do interesse por uma narrativa mais comprometida com as ciências sociais e humanas, numa linha de apelo à reflexão profunda sobre os epítomes programáticos e funcionais do modernismo. Uma abordagem universalista que levou à aproximação de disciplinas como a antropologia e a sociologia que introduziram coordenadas relativas aos comportamentos socioculturais, factos vistos como incontornáveis nas operações de planeamento arquitetónico e urbano. Dado este posicionamento perante a estruturação de cidade, apelou-se a uma significação do objeto arquitetónico mais vincada em questões que teriam sido desvalorizadas pela ortodoxia moderna.¹⁷⁷

As novas teorias, encaravam a sociedade como veículo de significação das formas urbanas e, neste sentido, seria essencial uma compreensão sistémica dos verdadeiros intervenientes do teatro urbano. Encarando o suporte metodológico do modernismo como uma falácia que se esgota em si própria, o corpo crítico desta década procurou providenciar alternativas mais adequadas à crise habitacional e à autonomia da disciplina. Entre as quais, propunha-se um exercício de emersão, mais rigoroso em relação às práticas antropológicas, posição que se opunha diametralmente à *praxis* de distanciamento própria do planeamento moderno.

¹⁷⁶ *Idem.*

¹⁷⁷ BANDEIRINHA, J. A.; FIGUEIRA, J. *Anos 60-70*. In RODRIGUES, J. M.; [et. al.]. (2010). *Teoria e Crítica da Arquitectura - Século XX*. p. 452

Era um tempo de transição, um período de interregno, onde fenómenos como a globalização e a hiper-mobilidade desvelaram novas redes de relações com diferentes níveis de entendimento multidisciplinar, refutando e subvertendo dogmas, reivindicando novos compromissos e valores.

*(...) o corpo disciplinar abria-se assim, e sucessivamente, a outros universos científicos e culturais, em busca dos flões de renovação que lhe permitissem reativar os mecanismos de motivação social e científica, entretanto empedernidos pela monolítica secura dos anos de inabaláveis convicções modernas.*¹⁷⁸

Neste sentido, a procura de antídotos humanizantes revelou formas mais comunitárias e menos individualistas de fazer arquitetura através da integração da opinião pública nos processos de planeamento nas mais variadas escalas.

*Estabeleceram-se novos objetivos. Dos edifícios individuais, disciplinados, em geral, por técnicas do esteticismo clássico, avançámos para a análise de todo o problemas das associações humanas e das relações que o edifício e a comunidade estabelecem no indivíduo.*¹⁷⁹

É notória a renovação de identidade que a Teoria da Arquitetura procura num período de conceção, rutura e renovação de algumas premissas como a organização espacial, o envolvimento crítico da população, a submissão da arquitetura ao mercado, a densidade e a estratificação urbana. Em suma, todo o suporte metodológico modernista revelava sentidos pejorativos que induziam a uma vontade tácita de mudança.

O avanço de argumentações sensíveis às causas civis levantou pistas nos princípios dos anos 70 para o que poderia ser uma arquitetura democratizada. No entanto, este plano de intenções revelou uma disciplina cada vez mais afastada da sua condição.

*(...) uma atividade que se revia mais nas margens humanas e idiossincráticas que a conformam do que no seu objeto real, propunham-nos a existência de uma meta-arquitetura, mais do que uma Arquitetura propriamente dita, no complexo e fluído entendimento da história e da tradição epistemológica.*¹⁸⁰

¹⁷⁸ *Ibidem*, p. 451

¹⁷⁹ SMITHSON, A.; SMITHSON, P. (1962). *Team 10*. In RODRIGUES, J. M.; [et. al.]. (2010). *Teoria e Crítica da Arquitectura - Século XX*. p. 389

¹⁸⁰ BANDEIRINHA, J. A.; FIGUEIRA, J. In RODRIGUES, J. M.; [et. al.]. *op. cit.* p. 453

O resultado foi um objeto líquido, de um relativismo sem forma aparente, que procurava uma identidade plural que já não se herdava e que se redefinia constantemente.

Por sua vez, teorias como as preconizadas pelo *Team 10* e o Metabolismo japonês, encetaram um efeito reativo nos países emergentes, onde as manobras modernistas tendiam a ser rebatidas por uma geração que aspirava a uma mudança nos modelos edificantes. Este processo viria a culminar, nos finais da década de 70, no pós-modernismo que se expressava em jeito de emancipação da crise do racionalismo moderno, entre a complexidade e a contradição¹⁸¹.

A introdução destes dados contextuais é importante para a análise da especificidade de uma realidade que, refuta o argumento falacioso que esvazia Singapura de quaisquer significantes urbanos substantivos. Singapura evoluiu numa contínua torrente de *updates*, despertando os olhares do Ocidente para um caso que, tendo tudo para dar errado, renasceu das cinzas de um passado minado por circunstancialismos desfavoráveis. Este embasamento não só serviu de pretexto para um novo começo como criou um espaço de ausência histórica que potenciou a proliferação de grupos, cúmulos e ismos que construíram um legado precioso à compreensão da história da arquitetura na cidade-estado do Sudeste Asiático.

Arquitetura tropical

O perfil genérico dos objetos arquitetónicos modernos, pós-modernos e tecnológicos, e as especificidades geográficas e climáticas impuseram a necessidade de uma procura de um grau de regionalismo na arquitetura do Sudeste Asiático, caso da arquitetura tropical. A arquitetura tropical funciona particularmente sobre a dicotomia interior, exterior como reação à forte influência que o clima húmido exerce sobre o território. Condição manifesta na forma como se vivem os diferentes espaços, sendo que as dinâmicas sociais tendem para domínios resguardados das intempéries climáticas, contribuindo para a popularidade dos herméticos centros comerciais. *Shopping in this idealized context is not just the status-driven compulsion it has become “here” but an amalgam of sometimes microscopic, infinitely varied functional constellation in which each stall is a “functoid” of the overall programmatic mosaic that*

¹⁸¹ VENTURI, R. (1995). *Complexidade e contradição em arquitectura. vide capa.*



“Five foot way”, Chinatown, Singapura.

constitutes urban life.¹⁸² São estes os elementos que a par das ruas cumprem a função de praças.

Assimetricamente, o espaço exterior, domínio clássico do urbanismo ocidental, é caracterizado por uma multitude de trocas comerciais e económicas, típicas da cultura da região. Um espetáculo eclético e pseudo-sensacional onde se manipulam as características ingénitas à cultura local em nome das tendências de mercado.

Nas condições de sobrelotação que se verificavam em Singapura, a rua assumiu um papel decisivo na esfera pública enquanto parte do vocabulário urbano da cidade. As várias funções que efetivava incrementaram face à falta de unidades de habitação suficientes, ao crescendo da economia e sobrepopulação, assumindo assim um papel decisivo nas práticas quotidianas da população. Na altura, as funções da rua na cidade asiática não se consignavam apenas às premissas para as quais a rua foi criada visto que tinha sido desenhada como área de circulação e não de paragem e muito menos de fixação. No caso particular de Singapura, Sir Stamford Raffles tinha inclusivamente introduzido o termo “*five foot way*”. Reminiscência do seu planeamento, estipulava que todas as *shophouses* malaias deveriam possuir um passeio ou corredor coberto com 1.5 m de largura por forma a proteger a população das intempéries locais.¹⁸³ Na prática, estes elementos foram adaptadas a espaços de comércio, libertando a rua para a livre circulação. No entanto, devido à industrialização, ao comércio, ao crescimento demográfico e à intensiva utilização dos edifícios e do espaço público, a rua assumiu funções não esperadas aquando da sua formulação. Em meados da década de 60, a rua era considerada o epítome do pluralismo e da vida social de Singapura, dada a sua qualidade de espaço de refeições da classe trabalhadora e respetivas famílias e de espaço caracterizado pela polissemia simbólica de léxicos, texturas e odores provenientes das práticas mundanas em bairros como a *Chinatown* e a *Little India*. No entanto, não se continha em tão restrita definição visto que também albergava mercados, espaços expositivos, e era o ponto de encontro e reunião da comunidade assim como o já referenciado foco de atração de atividades comerciais e lúdicas várias. Os representantes da *UN Mission* descreviam a rua como (...) *the source of livelihood for the peddler; the trishaw man and the cook, as well as the theater of action in which every parent, child, visitor,*

¹⁸² KOOLHAAS, R.; MAU, B. *op. cit.* p. 1073

¹⁸³ FURLUND, E. B. *op. cit.* p. 8



Mercado da Chinatown, Singapura, anos 70.
Shophouse na Chinatown, Singapura, 1979.

*tradesman and hawker among the thousands converging on the street are the players.*¹⁸⁴

Apesar do aspeto caótico e da convulsão social inerente aos processos decorrentes, a rua tornou-se o órgão vital de um estilo de vida idiossincrático. As questões funcionais e estruturais eram remetidas para o domínio do acessório visto que a confluência social era o elemento primordial, a causa e o efeito. Aliás, a confusão e a turbulência, sintomas comumente considerados de precariedade, não eram dispositivos de bloqueio e estagnação das práticas diárias mas mecanismos de vitalidade e promoção da criatividade, engenho e dos vernáculos característicos da comunidade. Num clima holista de partilhas bilaterais entre o ambiente privado e público, processo enraizado na *praxis* local, a permanência e o fortalecimento deste organismo de qualidade romanesca, foram vistos como a melhor forma de perpetuar a ipseidade das comunidades. Numa sociedade sem muitos motivos de apego histórico, a perda destes elementos poderia resultar num choque cultural, numa irreversível descaracterização do ambiente e consequente perda da identidade topológica, bases primeiras da deterioração social.

As *shophouses* eram outra das tipologias dominante nas estruturas sociais e edificatórias da cidade exibindo uma forte expressão urbana assim como qualidades relativas à alta densidade e flexibilidade programática.¹⁸⁵

Atentando precisamente à disposição programática das *shophouses*, além do núcleo de habitação no(s) piso(s) superior(es), o rés-do-chão era reservado para programas laborais como escritório, armazém, oficina (ou área de atividades agrícolas). O espaço era rentabilizado ao extremo a ponto de raramente existirem áreas sobrantes para as lides domésticas. As áreas destinadas à habitação, ao negócio doméstico e à manufatura tinham que ser constantemente reajustadas dada a falência de espaço e o constante crescimento do agregado familiar. As famílias tinham de fazer um esforço hercúleo para viver em espaços mínimos exercendo uma contínua pressão sobre o espaço público na medida em que a vida doméstica e laboral necessitava reiteradamente de espaço para respirar e crescer. Na *Chinatown*, famílias com um agregado de seis a oito pessoas faziam por viver em cubículos de (7 x 2) sem janelas, onde as crianças dormiam no soalho por baixo das cama. Nestes módulos, havia assim pouco espaço para privacidade, para guardar os pertences próprios, para

¹⁸⁴ ABRAMS, C.; KOBE, S.; KOENINGSBERG, O. *op. cit.* p. 114

¹⁸⁵ LIM, W. S. W. *op. cit.* p. 139



Primeira publicação dos SPUR.

a prática da higiene pessoal ou para outras questões do quotidiano sendo que, todos os residentes de uma *shophouse* da *Chinatown* ou de outro bairro étnico, partilhavam apenas de um pequeno espaço para cozinhar. Tais circunstâncias tinham um efeito direto na saúde pública dado que a enfermidade de um ocupante resultava regularmente na contaminação do resto da família num ciclo vicioso de partilha da enfermidade. Este era o estilo de vida de milhares de habitantes nos bairros de Singapura colonial onde se destacavam a *Chinatown* e a *Little India*¹⁸⁶.

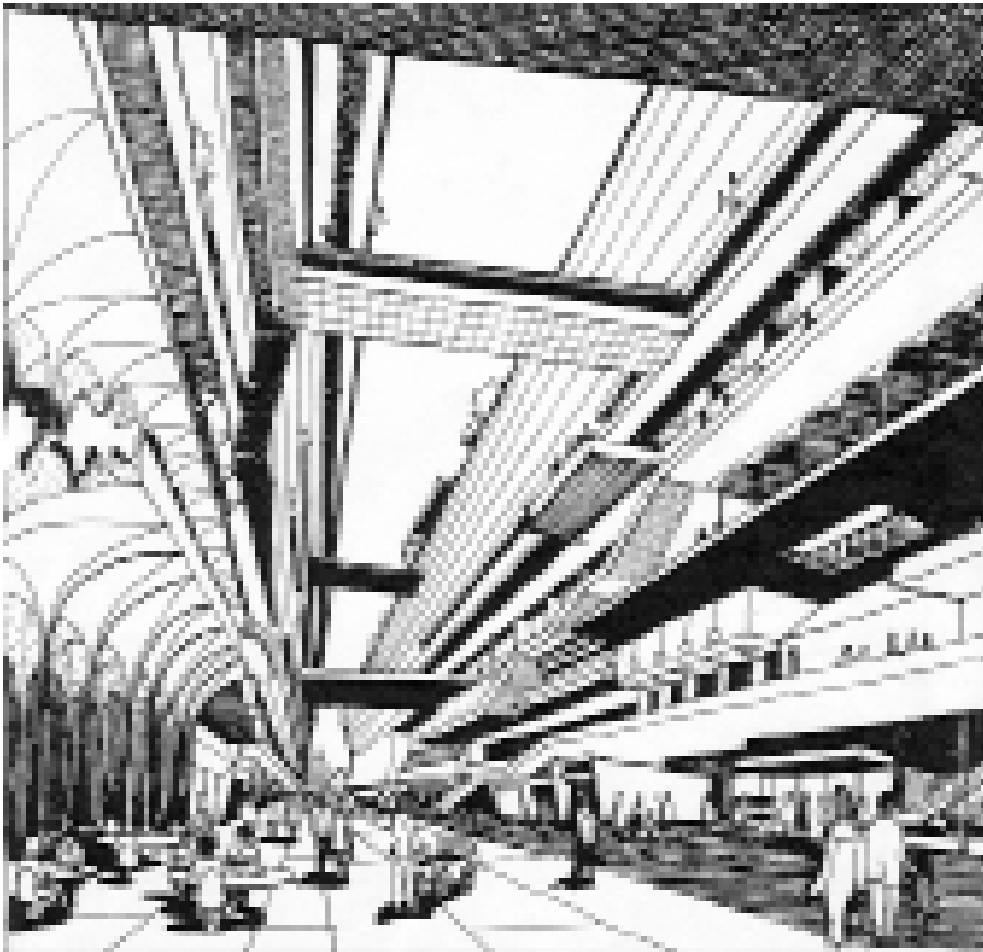
Se se tomar em consideração as condições de sobrelotação das estruturas habitacionais em Singapura, denota-se que o domínio da saúde pública da cidade se mantinha em níveis relativamente toleráveis. De entre as razões para esta realidade contribuía o aumento salarial, a disponibilidade de água potável, o surgimento de infraestruturas de saneamento, o aumento da supervisão médica, o controlo das agências de saúde e o considerável aumento do número de clínicas locais.

2.7 Os SPUR

Em 1965 foi formada a organização SPUR - *Singapore Planning and Urban Research Group* - por um grupo de arquitetos e urbanistas locais tanto do setor público como do setor privado que, recusando estar agrilhoados aos ditames modernistas, procuraram criar uma ponte de discussão relativa aos problemas que afetavam a estrutura física de Singapura. Encadeados por um espírito idealista, os SPUR, numa iniciativa que envolveu um núcleo de competências multidisciplinares (arquitetura, urbanismo, sociologia, antropologia), procuravam estudar as variáveis de desenvolvimento e planeamento em vigor, por forma a promover processos e visões alternativas ao modelo *single track development mode*¹⁸⁷. Assim, foi montada uma campanha de sensibilização e galvanização do espírito crítico da população através de uma panóplia de palestras, *workshops*, seminários, exposições e artigos, promovendo a intervenção direta da sociedade civil no sistema de operações urbanas de Singapura. Era considerado de extrema importância o envolvimento da opinião pública no processo decisório relativo às questões urbanas. O grupo movia-se sobre a influência de ideias que se propagavam no Ocidente (Europa e Estados Unidos) relativamente à forma funcionalista dos modelos de urbanidade

¹⁸⁶ *Ibidem.* p. 114

¹⁸⁷ *Ibidem.* p. 152



“Asia City of Tomorrow”, SPUR.

modernos. Manifestamente contra a abordagem disfuncional do sistema *displace, destroy, replace*¹⁸⁸, o grupo foi um dos principais órgãos de representação da sociedade. Outra das chaves da problemática levantada pelos SPUR consistia no facto do relatório das Nações Unidas que norteou os parâmetros de desenvolvimento da ilha ter sido aprovado sem o conhecimento da opinião pública, desvalorizando a participação direta da população no processo. *The UN report was not made available to the general public. Plans were... unveiled when approved – too late for participation.*¹⁸⁹ Facto que descorou questões essenciais à matriz identitária da cidade. Representações como história, contexto e comunidade assumiram-se como significantes vazios por entre a materialidade do solipsismo moderno e burocracia tecnocrata (onde se envolvem os traços compósitos da nação) e governamental (onde se enquadram os interesses das autoridades reguladoras).

Como resultado de um processo de formalização da procura de alternativas ao estado de coisas induzido, foram produzidas duas publicações, SPUR 65-67 e SPUR 68-71, um compêndio de estudos que visavam as questões supramencionadas.

Nos primeiros anos verificou-se uma relação construtiva entre as entidades do governo e o grupo, que resultaram em propostas de planeamento concretas que se viriam a concretizar como são os casos da implementação do *Mass Rapid System* e da deslocação do aeroporto de *Paya Lebar* para *Changi*.¹⁹⁰

Outro dos pontos de concórdia provinha da necessidade de responder ao fenómeno de crescimento demográfico com densidade urbana, onde os arranha-céus prevaleceriam como a regra. *It is exactly this “new” density – the high-rise explosion of which the HDB housing blocks were only the beginning – that will be the sign of the Asian.*¹⁹¹

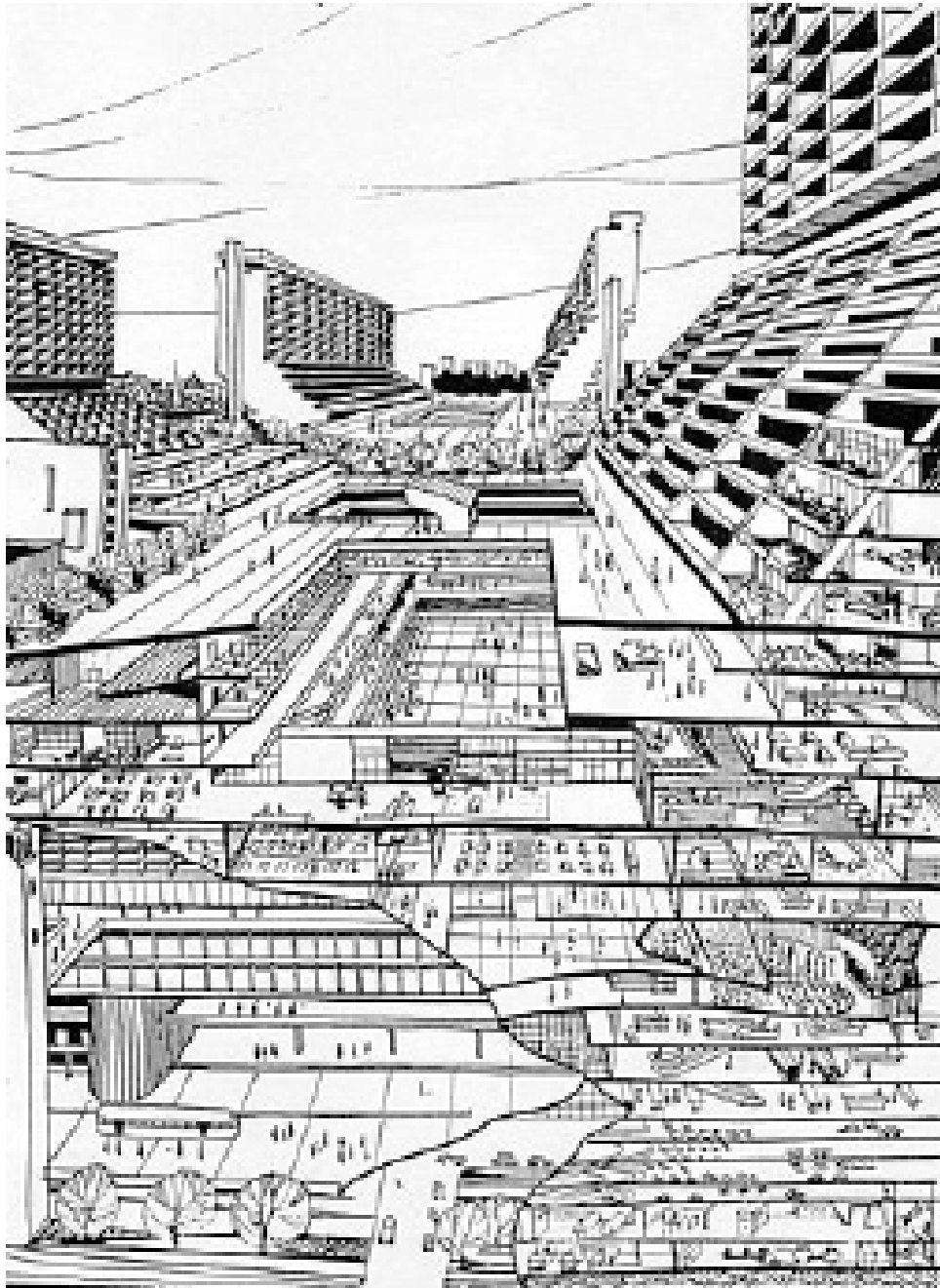
No entanto, as constantes reivindicações sociais, o apelo à participação pública e a desconstrução crítica das propostas do regime, levaram ao fim da plataforma de entendimento entre entidades, culminando na dissolução definitiva do grupo em 1973. Esta ação revelou-se eficiente para as entidades oficiais, na medida em que tanto suprimiu qualquer tipo de iniciativas congéneres, como reduziu a um epifenómeno o clima de crítica e efervescência que se

¹⁸⁸ KOOLHAAS, R.; MAU, B. *op. cit.* p. 1035

¹⁸⁹ *Ibidem.* p. 1053

¹⁹⁰ LIM, W. S. W. *op. cit.* p. 151

¹⁹¹ *Ibidem.* p. 1057



“Asia City of Tomorrow”, SPUR.

vivia no seio intelectual de Singapura.

2.8 Do Master Plan ao Conceptual Plan

Uma das principais normativas no planeamento do território é que a população se adapte ao conjunto de diretrizes perscrutadas pelo plano visado; nesta linha, o primeiro *Master Plan* adotado em Singapura, em 1958 (redigido em 1955), já jazia nesta premissa. A sua função primordial era estabelecer a base de partida para planos urbanísticos futuros até 1972. No entanto, ainda antes do limite estipulado, as condições políticas alteraram-se, comprometendo de forma irreversível as providências tomadas nos anos últimos. Desde a reestruturação política já exposta, um dos principais pontos introduzidos foi a revisão do plano estrutural a cada cinco anos, o que resultou em diferenças substanciais entre o plano base e os seus precedentes nomeadamente, os planos de 75, 80 e 85.¹⁹²

Em 1967, foi delineada a estruturação do *Conceptual Plan* (Plano Conceptual), com um perfil mais lacto em relação ao seu congénere. Este plano vigora num espaço de tempo mais amplo, sendo reajustado a cada dez anos, no intuito de mediar os objetivos inerentes aos *Master Plans* na formulação do território e seus diferentes agentes.¹⁹³ Com uma postura menos rígida que o *Master Plan*, o *Conceptual Plan* visava um olhar para o futuro, numa perspectiva de planeamento a longo prazo, apontando a questões do foro da sustentabilidade, do crescimento urbano e populacional. Fatores portantes nas manobras e aspirações de um país com um suporte territorial muito limitado, tanto em área, como em recursos naturais.

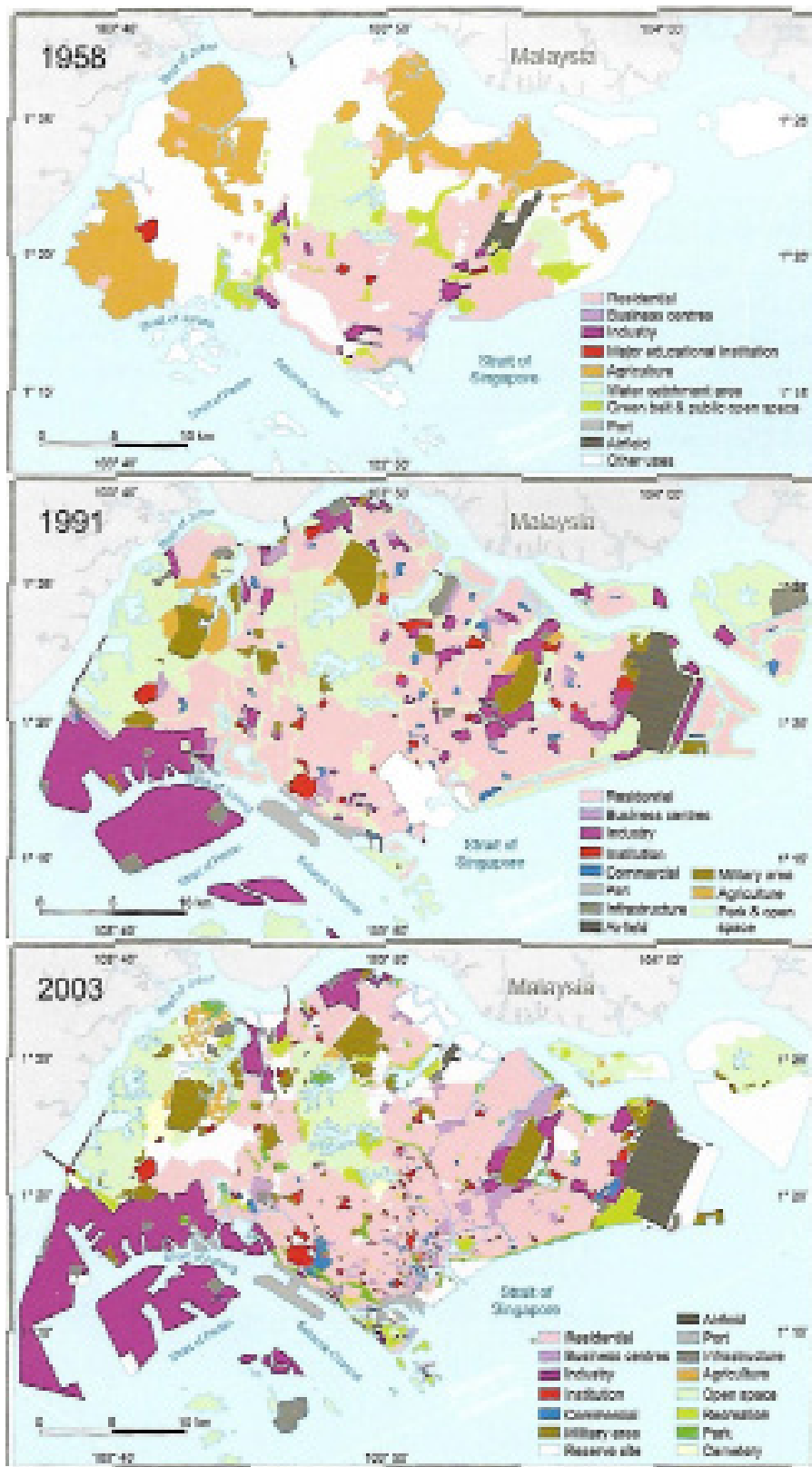
Tomando por garantido o espaçamento cronológico entre planos, torna-se evidente a importância dos vetores conjecturais na análise dos objetivos delineados em cada *Master Plan*. Assim, numa comparação anacrónica entre o plano fundador de 1958 e o *Master Plan* revisto em 1991 pelo *Conceptual Plan* do mesmo ano, são notórias as diferenças entre ambos, ao nível do detalhe e posicionamento em relação ao desenvolvimento do sector industrial, à habitação social e à redistribuição da população que derivaram nas políticas soberanas de expropriação e alojamento.¹⁹⁴

Com a aplicação destas medidas, as autoridades responsáveis pela regulação

¹⁹² DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. *op. cit.* p. 80

¹⁹³ *Idem.*

¹⁹⁴ *Idem.*



Evolução do ordenamento do território de Singapura entre 1958 e 2003.

do território, têm total controlo sobre os diferentes índices de desenvolvimento e, assim, antecipam, num espaço de tempo considerável e com relativa certeza, quais vão ser os moldes da cidade.¹⁹⁵

No entanto, num país que se encontra em constante transformação, o papel da população na definição destes planos é residual. A população não consta do bloco decisório, sendo que, apenas pode estar a par dos desenvolvimentos, tendo em conta que lhe é permitida, em certa medida, a consulta dos planos reguladores.

Após algumas alterações, o *Master Plan* de 1958 a par do relatório da equipa das Nações Unidas tornaram-se os instrumentos que viriam a regular o desenvolvimento estridente das décadas posteriores. De ressaltar o facto de Singapura após décadas e décadas de transformação da sua forma, ter mantido a matriz definida pelos planos urbanos coloniais praticamente intacta, apesar das constantes reconstruções e renovações durante as épocas subsequentes. William Lim constata que da mesma forma que a administração colonial britânica impôs os contornos da expressão cultural de Singapura pela implementação do hino nacional britânico e pela celebração do aniversário da rainha, entre outras práticas imperialistas, também o PAP tentou dominar a identidade visual de Singapura através da orquestração do ambiente urbano construído.¹⁹⁶

Entre as décadas de 70 e 90, procedeu-se ao desenvolvimento de Singapura enquanto um *non-communist democratic-socialist state*¹⁹⁷ tornando-se num Estado Administrativo que optou por uma relação unívoca com os Estados Unidos, estratégia também adotada pelos seus congéneres asiáticos.¹⁹⁸ A par deste posicionamento, o governo deliberou um conjunto de políticas que visaram a constrição das liberdades individuais, da imprensa e do debate político, numa disposição vertical desde o domínio privado até ao público.¹⁹⁹ Nestes

¹⁹⁵ *Ibidem.* p. 1

¹⁹⁶ LIM, W. S. W. *op. cit.* p. 141

¹⁹⁷ People's Action Party. apud LIM, W. S. W. *op. cit.* p. 152

¹⁹⁸ (...) *Singapore opted to become one of America's Asian frontline states in Cold War, together with South Korea, Taiwan and Thailand. Substantial American offshore procurements for the Vietnam War in the years 1965-1975 were an important economic lifeline for the economy during this critical period. Singapore quickly established a pro-business environment to attract foreign investments (...).* *Idem.*

¹⁹⁹ *In the home, citizens are introduced on family size, the timing of household formation and childbirth, the language they ought to speak... In the public arena, access to a free press is constrained by the controls on the circulation of foreign news publication and the government's control on local media, Ibidem.* p. 153

termos, o estado de desenvolvimento perfilou-se em duas fases essenciais: a primeira, onde se fez por estruturar os recursos e fortalecer a coesão nacional e a segunda, que se norteou pela construção de uma identidade cultural e política fortes. Na opinião de Manuel Castells, *Singapore, against all odds, established itself as the showcase of the new developmental process, building a national identity on the basis of national investment attracted and protected by a developmental city-state*.²⁰⁰

No entanto, manobras já referidas como a despolitização das comunidades étnicas, no sentido de promover uma harmonia racial, resultaram na redução das diferenças e na supressão de alguns componentes étnicos individuais e coletivos, despoletando um processo de desculturalização e a consequente aproximação aos valores ocidentais de uma cidade cada vez mais industrializada, urbanizada e global. Deste modo, e na perspetiva de diminuir efeitos colaterais danosos às aspirações governativas, o governo decidiu investir em ações políticas que consolidassem precisamente a identidade forte. A definição de quatro categorias raciais basilares foi uma das referências deste projeto de intenções no alinhamento da propaganda e inscrição dos valores e moralidade asiáticas, num paradoxal contraponto com os ideais ocidentais do liberalismo e do individualismo. Constata-se assim que as relações étnicas em Singapura foram, em verdade, administradas pelo governo, numa orientação autoritária.²⁰¹

A partir de metade da década de 80, assistiu-se novamente a um reforço dos laços com a economia ocidental, mais particularmente com os Estados Unidos, na procura de novas estratégias e de uma renovada imagem internacional. A renovação do carácter visual e espacial da cidade, diagnosticado como inevitável, requereu drásticas mudanças por forma a adequar a cidade aos parâmetros do imaginário global relativos ao ideal simbólico de cidade em desenvolvimento. Assim, sob a destruição estridente de pré-existências e memórias coletivas, assentou o planeamento modernista com uma vaga de habitação pública e arranha-céus, reminiscências dos *skylines* de Nova Iorque, Londres ou Tóquio.²⁰² A ambição de penetrar no imaginário internacional capitalista resultou na promoção de uma arquitetura praticada na sua maioria por arquitetos estrangeiros o que descaracterizou seriamente a paisagem pitoresca da ilha. Como consequência do influxo de arquitetos estrangeiros proporcionou-

²⁰⁰ CASTELLS, M. apud LIM, W. S. W. *op. cit.* p. 155

²⁰¹ LIM, W. S. W. *Idem.*

²⁰² *Idem.*

-se uma dinâmica contínua entre a criatividade local e as tendências externas, invocando uma realidade experimentalista de tentativa e erro que moldou nefastamente a identidade local. *The uninspiring architecture of Singapore's urban living space reflects its cultural rootlessness and still evolving identity, struggling between borrowed modernity and Asian communitarism.*²⁰³

Segundo Lim, a cena arquitetônica em Singapura tornara-se pouco estimulante e previsível, sendo que a participação dos arquitetos locais resumia-se a anêmicas reivindicações pontuais de uma minoria ou ao apoio do influxo de arquiteturas extrínsecas encabeçadas por arquitetos internacionais.²⁰⁴

Na eminência de um colapso identitário, começaram a surgir grupos de intelectuais e organizações no sentido de prevenir este cenário. Deste modo, em 1986 surgiu a ONG *Singapore Heritage Society* que, na esperança de preservar e deixar um legado histórico, estabeleceu um programa de conservação que implicava um intensivo processo de documentação (livros de arquitetura, história) por forma a criar formas de elucidar e alertar consciências para a importância do património edificado e identitário em risco, devido à sistemática destruição do próprio, problemática transversal a outras regiões asiáticas.²⁰⁵ No clima destas reivindicações sociais, deflagrou o debate sobre conceitos como arquitetura, identidade e regionalismo na senda da possibilidade de correlação entre os códigos culturais particulares e a localização geográfica, características regionais negligenciadas ou obliteradas durante o processo de construção da cidade moderna.²⁰⁶ Teorias como o regionalismo crítico de Kenneth Frampton foram a ignição para uma onda reacionária nos países em desenvolvimento, até então siderados pela infusão intensiva da cultura iconográfica ocidental.²⁰⁷

*Reacting to this as well as to the homogenizing impact of foreign corporate architecture, Singapore architects vigorously adopted, transformed and integrated traditions to reflect contemporary realities such as fast evolving cultures, values and lifestyles. The notion of contemporary vernacular was developed.*²⁰⁸

²⁰³ *Ibidem.* p. 156

²⁰⁴ *Ibidem.* p. 157

²⁰⁵ *Idem.*

²⁰⁶ COLQUHOUN, A. apud LIM, W. S. W. (2005). *Asian Ethical Urbanism: A Radical Post-modern Perspective.* p. 160

²⁰⁷ FRAMPTON, K. apud *Idem.*

²⁰⁸ *Idem.*

O conceito *contemporary vernacular* compreende um compromisso que exterioriza a forma como a arquitetura se articula com determinadas tradições e como estas se podem manifestar no espaço (em todas as suas variáveis) a ponto de, posteriormente, se edificarem através de forma cultural, social e visualmente criativas e estimulantes. Nas palavras de Heinz Paetzold, *the concept of contemporary vernacular is neither nostalgia nor a return to regional practices as such. Rather, it describes an architectural practice that attempts to rearticulate regional culture from the viewpoint of the existing world culture today.*²⁰⁹ Paetzold assinala os perigos que o modernismo correu na tentativa de hibridizar ou suprimir especificidades contextuais como o clima e a cultura.²¹⁰

Nos anos 80, as áreas da cultura e da arte tornaram-se parte da agenda governativa. Contrariamente a Koolhaas, defendia-se que a *tabula rasa* em Singapura não se completara dado que as reminiscências restantes eram cultural e espacialmente significativas. Este parecer sustentava-se na lista de monumentos protegidos da *Preservation Monument Board's*²¹¹, uma lista de mais de 5.600 *shophouses* da época precedente à Segunda Guerra Mundial que foram reabilitadas, como também em lugares com características complexas e caóticas como é o caso do distrito de *Geylang* ou ruas como *Lorong Telok* e *Joo Chiat* (localizada na *Chinatown*, alvo de uma intervenção urbana, distinguia-se pela quantidade de *shophouses* e variedade programática).²¹² Estes eram e são os espaços caracterizadores da cidade, os que dão vida e definem realmente o território e a sua cultura, são o teatro de operações que ativam e despontam os ambientes sociais, culturais e artísticos, espaços com usos misturados que espelham a verdadeira realidade asiática, os espaços de indeterminação.

²⁰⁹ PAETZOLD, H. apud *Idem*.

²¹⁰ *Ibidem*. p. 161

²¹¹ A *Preservation of Monument Board* surgiu exatamente da necessidade do governo de salvar o património que resistira ao ritmo compulsivo de renovação urbana nas décadas de 60 e 70 como expõe Lee Kuan Yew: *In the 1960s, the pace of urban renewal as quickened. We went through a phase when we recklessly demolished the old rundown city center to build a new. By late 1970, we felt disquiet over the speed at which we were erasing our past, so we set up a Preservation of Monuments Board in 1971, to identify and preserve buildings of historic, traditional, archeological, architectural, or artistic interest, and civic, cultural, and commercial buildings significant in Singapore's history. The buildings designated include old Chinese temples, Indian temples, mosques, Anglican and Catholic churches, Jewish synagogues, nineteenth century traditional Chinese architecture, and former colonial government offices in the old civic center. The pride of the colonial past was Government House, once the seat of British governors, now the Istana where the president and prime minister have their offices. We tried to retain Singapore's distinctive character and identity to remind us of our past.* YEW, L. K. *op. cit.* p. 182

²¹² *Idem*.

*In Singapore (...) spaces of indeterminacy are essential catalytic substances towards the formation of a distinctive Singaporean culture and urban identity with its own peculiarities.*²¹³

A exibição *Identity Plan: Keep Our Shared Memories*, exposta entre 2002 e 2003, foi a prova da importância que o governo concedeu ao capítulo da identidade da nação. No entanto, a autoridade responsável pela regulação do desenvolvimento urbano (URA) continua a assentar no *Conceptual Plan* ainda baseado nas premissas resultantes da racionalista interpretação dos ideais de planeamento modernistas. Apenas se verificaram medidas paliativas na cidade (manipulação das fachadas)²¹⁴ enquanto que os alicerces de planeamento urbano vigente continuavam incólumes face à crítica pobre que dizia mais da impotência de quem a endereçava do que dos arquitetos a quem se dirigia, ficando-se invariavelmente por aquilo que criticavam, mero confronto de aparências.

A sustentar esta tese encontra-se a expansão proposta para a baixa da cidade no *Master Plan* de 2003, uma completa encarnação mimética dos modelos americanos do capitalismo tardio, tendo pouca ou nenhuma consideração pelos diversos impactos do *international style* nas sociedades em rede e pelo processo de mudança de valores, culturas e estilos de vida das gerações mais novas. É a sua simplicidade e rigidez diagramática associado ao seu funcionalismo programático de ordem positivista que traçam um contraste caricatural com as apologias de flexibilidade, criatividade e personalidade cosmopolita do governo. O que se assiste é a uma paixão pós moderna pelo aparente e a persistência de um consumo histórico de ideologias, modas e ícones internacionais²¹⁵ tão afastados de um hipotético núcleo cultural próprio, produto cada vez mais privado da sua substância.²¹⁶ Como é que pode emergir uma nova arquitetura sem confiança numa capacidade de produção própria e

²¹³ *Ibidem.* p. 166

²¹⁴ *To prevent older estates from looking like slums, I suggested to the minister for national development in 1989 that it was time to upgrade old housing with public funds to make them approximate the quality of the new. (...) The façade and surroundings were refurbished to match the the standard of the newer estates and the facilities of private condominiums, with covered link ways, common covered areas for social functions, and landscaping.* YEW, L. K. *op. cit.* p. 100

²¹⁵ (...) *some major projects have recently been given to foreign architects based on their professional design ability rather than their corporate track records. Those awarded included Zaha Hadid: One-North Master Plan (2001), Will Alsop: Proposed Refurbishment and Partial Redevelopment of Clarke Quay (2002), Ken Yeang: The National Library of Singapore (2004), and Fumihiko Maki: Republic Polytechnic (2006).* LIM, W. S. W. *op. cit.* p. 177

²¹⁶ *Ibidem.* p. 176

autónoma?²¹⁷ Como é que se pode estabelecer o (re)centramento e transição da arquitetura do domínio do parecer para o domínio do ser?

*The challenge is whether architecture and urbanism, as well as the arts, in Singapore can be redefined in this new Millennium beyond the constrict perimeters of Western-centric modernism. The reality of tabula rasa must be acknowledge and the anxiety of such recognition transcended in order to ensure the blossoming of a vibrant and creative local culture within the context of new, complex, and evolving identities and dynamic cultural pluralism.*²¹⁸

Para Lim, o que realmente falta a Singapura é uma cultura arquitetónica firmemente ancorada nas peculiaridades e especificidades locais assim como um discurso teórico e académico emancipado das doutrinas preestabelecidas.²¹⁹ O papel da academia é visto como decisivo numa altura em que *a frenética atividade social (e económica) (...) dissimula a monotonia do capitalismo global, numa dialética imóvel.*²²⁰

²¹⁷ *Ibidem.* p. 175

²¹⁸ *Ibidem.* p. 182

²¹⁹ *Ibidem.* p. 179

²²⁰ ŽIŽEK, S. (2006). *Bem-vindo ao Deserto do Real.* p. 23

III Parte De cidade portuária a cidade global

3.1 Uma visão global

Uma das questões que tem predominado no discurso teórico sobre Singapura nas últimas décadas, segundo S. Rajaratnam, antigo vice-primeiro-ministro de Singapura (1980-1985), concentra-se no porquê de a cidade-estado ainda não ter colapsado nas suas próprias políticas de alto risco que, para sobreviver, se baseou num cenário múltiplo de dependência de poderes externos.²²¹ E mais gravoso do que este argumentário, é a estupefação que existe pelo facto de Singapura, localizada numa região com uma economia precária, além de não se extinguir, ainda consegue, contra todos os prognósticos, prosperar e desenvolver-se a um ritmo alucinante.

Nesta lógica, há teorias que afirmam que se trata de um caso particular de sucesso, fruto de contingências extraordinárias, catalogando a cidade-estado como um organismo parasitário que subsiste a partir do insucesso de terceiros em realizar as suas potencialidades económicas.²²² Assim, nesta linha de pensamento, seria apenas uma questão de tempo até Singapura ser dispensada pelos seus mais diretos concorrentes, probabilisticamente, com maiores chances de domínio do mercado regional.

Podem então considerar-se legítimas as previsões que vaticinavam o fim de Singapura, principiado pela retirada definitiva dos britânicos em 1971 (que com eles levaram garantias militares e oportunidades económicas tangíveis), pela condição de instabilidade económica, política e militar, e pela inviabilidade da dependência unidimensional dos rendimentos provindos das transações portuárias.

Porém, segundo S. Rajaratnam, o quadro das hipóteses de insucesso pode ser rebatido se se assimilar a leitura do objeto segundo uma lógica de desenvolvimento económico mais holista e menos parcelada, apelando a uma definição de sucesso ou insucesso conjuntos. *The more prosperous our neighbors become, the more dynamic their economies become, the greater will be the chances of Singapore's survival, the better our economic prospects. Our economic relationship with them will of course be different.*²²³ Uma hipótese mais condizente com a realidade regional que, caso quisesse aspirar a um novo estado de coisas, teria inevitavelmente de ser reformada.

²²¹ RAJARATMAN, S. (1972, Feb.). *Singapore: Global City*. p. 1

²²² *Ibidem*. p. 2

²²³ *Idem*.



Vista aérea do Singapore River, década de 60.

A imagem pitoresca de Singapura como uma pequena cidade portuária, limítrofe em si mesma, acabava assim onde começava a ambição de se tornar o epicentro comercial e económico do Sudeste Asiático e, consecutivamente, uma cidade subordinada à hierarquia global (com todos os benefícios e prejuízos implícitos²²⁴), a par de cidades como Hong Kong, Macau, Chicago, Zurique e Paris.

*(...) I concluded an Island city-state in Southeast Asia could not be ordinary if it was to survive. We had to make extraordinary efforts to become a tightly knit, rugged, an adaptable people who could do things better and cheaper than our neighbours, because they wanted to bypass us and render obsolete our role as the entrepot and middle-man for the trade of the region. We had to be different.*²²⁵

Na sequência destes imperativos, a cidade-estado procurou assim, aquando da sua independência, dar prioridade às suas ligações com corporações multinacionais, que propiciaram o primeiro contato com tecnologias de ponta, sistemas de gestão e experiência no meio industrial, para além da entrada de investimentos e emprego. Com efeito, o envolvimento nos trâmites internacionais exponenciou os índices de produção, mercado, controlo e poder da cidade que, num espaço de trinta anos, atingiu um estatuto que noutras circunstâncias demoraria mais de um século a erigir.²²⁶

A relação multiforme de Singapura e as corporações estrangeiras minimizou o risco sistémico de extinção que perseguia a nação, como também enraizou o destino do Estado no sistema económico global, como profetizou S. Rajaratnam: *(...) an independent Singapore survives and will survive because it has established a relationship of interdependence in the rapidly expanding global economic system. Singapore's economic future will, as the years go by, become more and more rooted in this global system. It will grow and prosper as this system grows and prospers. It will collapse if this system collapses. But*

²²⁴ Ver caso da reurbanização de Canary Wharf na zona portuária de Londres. *En efecto dentro de la red, la jerarquia no está de ningún modo asegurada, ni es estable: está sometida a una feroz competición entre las ciudades, así como a la aventura de inversiones de alto riesgo tanto en finanzas como en mercado inmobiliario. (...) La reurbanización dentro de las ciudades se hiciera dependiente de factores internacionales externos, sobre los cuales sólo se puede tener un control limitado.* SUSSER, I. (2001). *La Sociologia Urbana de Manuel Castells*. p. 406

²²⁵ YEW, L. K. *op. cit.* p. 7

²²⁶ RAJARATMAN, S. *op. cit.* 11



Wall Street, Nova Iorque.

*the latter is hardly likely to happen because that would be the end of world civilization.*²²⁷ Este tipo de afirmações que reivindicavam a total estabilidade do sistema financeiro global, lugar-comum do discurso político das décadas de 70 e 80, iriam revelar-se falaciosos. A realidade aparente da estabilidade global revelou-se uma ficção nos princípios da década de 90, aquando da recessão de Nova Iorque, Londres e Paris, e a posterior crise das cidades asiáticas devido à explosão da bolha dos mercados financeiros.²²⁸ Como refere Manuel Castells, *esta montaña rusa urbana, en diferentes períodos e zonas do mundo, ilustra tanto la dependência como la vulnerabilidad de cualquier localidad, incluidas las principales ciudades, ante los flujos globales cambiantes.*²²⁹

3.2 Cidade global: introdução ao conceito

*All fixed, fast-frozen relations, with their train of ancient and venerable prejudices and opinions, are swept away, all new-formed ones become antiquated before they can ossify. All that is solid melts into air, all that is holy is profaned(...)*²³⁰

Falar de cidade global, termo cunhado por Saskia Sassen, na década de 70, era abordar uma nova conceção de cidade, enquanto estrutura de organização e fixação humana. Conceção que se manifestava onde existisse influência política, económica, comercial e cultural da dita cidade global, no mundo, em contraposição com o perfil estático da cidade medieval, que possuía um raio de influência menor e restrito à sua localização física. O processo da globalização teceu os contornos da evolução da cidade numa matriz com forte acento tecnológico, social e espacial. Este fenómeno, baseado num sistema simbiótico de relações entre diferentes focos civilizacionais, atribuiu, por entre *fluxos de informação, capital, emprego, bens materiais, tecnologias e turistas (...)*²³¹, uma dimensão espectral ao conceito de cidade, na medida em que se estabelece em torno de uma rede de entidades transnacionais que não se definem por si mesmas, resultando no processo de desterritorialização do território.

²²⁷ *Ibidem.* p. 12

²²⁸ SUSSER, I. *op. cit.* p. 406, 407

²²⁹ *Ibidem.* p. 407

²³⁰ MARX, K.; ENGELS, F. (Feb. 1848). *Manifesto of the Communist Party.* p. 16

²³¹ SASSEN, S. (2005, Winter/Spring). *The Global City: Introducing a Concept.* p. 27

*The global city and the network of these cities is a space that is both place centered in that it is embedded in particular and strategic locations; and it is transterritorial because it connects sites that are not geographically proximate yet are intensely connected to each other.*²³²

Não obstante o sentido espacial de conceitos como concentração e dispersão, a realidade da globalização relativizou tais princípios, visando uma plataforma virtual de relações onde ambos atuam em simultâneo, independentemente das restrições físico-espaciais: *this dynamic of simultaneous geographic dispersal and concentration are some of the key elements in the organizational architecture of the global economic system.*²³³

O impacto tecnológico potenciou o crescente desfasamento entre a proximidade espacial e a realização das práticas quotidianas como trabalho, compras, entretenimento, saúde, educação, serviços públicos. Em conformidade com este cenário ecoaram vozes que prenunciavam o desaparecimento do conceito de cidade que se conhece, enquanto suporte categórico das necessidades funcionais da sociedade.²³⁴ Com efeito, a forma urbana sofreu uma evolução que, apesar de não seguir um modelo universal e genérico (varia consoante a sua disposição histórica, territorial e institucional)²³⁵, introduz uma nova lógica espacial denominada “espaço dos fluxos”, em contraste com a organização espacial histórica da experiência humana, o espaço dos lugares, característico das cidades seculares.²³⁶

Segundo Isa Susser, para se compreender o conceito de espaço dos fluxos, é necessária a aproximação de conceitos como espaço, cada vez mais condicionados numa época de progressiva renovação, onde se edificam transformações graduais na forma e conteúdo dos processos civilizacionais.²³⁷

Na história ocidental, o facto de a cidade ter sido o principal palco de expressão social e política de valores comunitários, levou à conceção errónea do *espaço* enquanto reflexo de uma sociedade, quando na realidade é ele mesmo a própria sociedade. Organismo uno, tem-se vindo a tornar fisicamente invertido (por meio de fenómenos tecnológicos, sociais, económicos, políticos, culturais), espelhando uma lógica tendencialmente dialéti-

²³² *Ibidem.* p. 39

²³³ *Ibidem.* p. 33

²³⁴ SUSSER, I. *op. cit.* p. 416

²³⁵ *Ibidem.* p. 421

²³⁶ *Ibidem.* p. 401

²³⁷ *Ibidem.* p. 434

ca (de negação, oposição e contradição). Os desdobramentos formais deste conceito dependem de coordenadas específicas que, aliadas a uma trajetória temporal, inculcaram um carácter histórico no mesmo (*el espacio es tiempo cristalizado*)²³⁸, não podendo este ser privado dos seus significantes sociais. A definição condensada para não dizer redutora de *espacio* enquanto suporte físico das práticas sociais, relegou o termo para uma terminologia unidimensional que se revelou antagónica face aos processos da era da informação. O tempo da simultaneidade e dos fluxos²³⁹ de informação, de capital, de pessoas e de mercadorias, efetivaram a emancipação do *espacio* em relação às suas propriedades físicas, contornando a condição de contiguidade das relações socioespaciais. Por conseguinte, desvela-se uma dedução lógica decorrente da transformação em cadeia da sociedade, do espaço, e da cidade que, embora não se possam subordinar exclusivamente a esta dinâmica, se construíram em torno da rede de fluxos.

*Los fluxos no son sólo un elemento de la organización social: son la expresión de los procesos que dominan nuestra vida económica, política y simbólica. Si ése es el caso, el soporte material de los procesos dominantes de nuestras sociedades será el conjunto de elementos que sostengan esos flujos y hagan materialmente posible su articulación en un tiempo simultáneo.*²⁴⁰

Os espaços dos fluxos decorrem, assim, do sistema que procura sustentar a velocidade e a hegemonia das estruturas dominantes, resultando em lugares²⁴¹ que deixaram de existir por si próprios tendo sido absorvidos pela onnipresença da rede global. O ritmo frenético dos intercâmbios contínuos repercutiu-se na rutura dos processos da referenciada cristalização do tempo nas edificações espaciais, que encerram ambientes efémeros e em permanente transformação. A ininterrupta fragmentação espacial salvaguarda este estado de coisas, mantido e gerido pelas organizações elitistas que participam da definição da cidade enquanto parte ativa do aparelho de controlo social.

El espacio desempeña un papel fundamental en este mecanismo. En

²³⁸ *Ibidem.* p. 433

²³⁹ *Por flujo entendo las secuencias de intercambio e interacción determinadas, repetitivas y progamables entre las posiciones físicamente inconexas que mantienen los actores sociales en las estructuras económicas, políticas, y simbólicas de la sociedad.* SUSSER, I. *op. cit.* p. 434

²⁴⁰ *Ibidem.* p. 434

²⁴¹ *Un lugar es una localidad cuya forma, función y significado están delimitados por las fronteras de la contiguidade física.* SUSSER, I. *op. cit.* p. 446



“Singapore Stock Exchange”,
Andreas Gursky, 1997.

*pocas palabras, las élites son cosmopolitas; la gente local. El espacio del poder y la riqueza se proyecta por el mundo, mientras que la vida y la experiencia de la gente se arraigan en lugares, en su cultura, en su historia. Por lo tanto, cuanto más se basa una organización social en flujos ahistóricos, sustituyendo la lógica de un lugar específico, más se escapa la lógica del poder global del control sociopolítico de las sociedades locales/nacionales com especificidade histórica.*²⁴²

Esta disposição estratégica manifestou-se, portanto, numa proposição dúplici de homogeneização e banalização, intensiva e extensiva, dissolvendo a autonomia e a qualidade dos lugares²⁴³; processo instituído como inevitável no clima da terceira revolução industrial de onde advieram os meios tecnológicos (de circulação, sistemas de comunicação e transação de capital), meios de produção e informação, organizações corporativas e políticas liberais que, como foi *supra* citado, revolucionaram as noções históricas e sociais de espaço e tempo, *las dimensiones materiales fundamentales de la vida humana.*²⁴⁴

*A mesma modernização que retirou da viagem o tempo, retirou-lhe também a realidade do espaço.*²⁴⁵

Plasticamente, esta realidade consubstanciou a concentração de corporações e empresas internacionais nos centros urbanos das cidades na cadeia do sistema económico internacional, que reproduziu réplicas e trélicas do *Wall Street* por todo o mundo. Um ato de inscrição através de tipologias híbridas que relegam a envolvente para um plano secundário, aumentando distâncias e um senso de isolamento do indivíduo em relação às estruturas dominantes. Por intermédio destas formas, estabeleceram-se códigos transculturais que, no plano micro e macroeconómico, fortaleceram o sistema global e a compreensão mútua entre entidades internacionais, independentemente das suas coordenadas geográficas. A continuidade das interligações é assim assegurada variando no grau consoante a importância estratégica de cada ponto.

Global cities around the world are the terrain where a multiplicity of globalization processes assume concrete, localized forms. These localized forms are, in good part, what globalization is about. (...) The large city of today has emerged as a strategic site for a whole range

²⁴² *Ibidem.* p. 438

²⁴³ DEBORD, G.; JOFRE, P. (2003). *A Sociedade do Espectáculo.* p. 130

²⁴⁴ SUSSER, I. *op. cit.*, p. 399

²⁴⁵ DEBORD, G.; JOFRE, P. *op. cit.* p. 131



“La Cité des 4000”, La Courneuve, Paris.

*of new types of operations—political, economic, “cultural,” subjective.*²⁴⁶

A cristalização acelerada destes processos metafísicos, conduziu a uma drástica transformação e saturação do tecido urbano das cidades devido ao incremento da procura e da conseqüente sobrevalorização imobiliária destas áreas, contribuindo para processos de suburbanização e uma consecutiva disparidade entre centro e periferia.²⁴⁷ No tramo destes acontecimentos, criaram-se áreas abrangentes cada vez mais alienadas de especificidades históricas e locais, que coincidiram com a curva de crescimento de equipamentos e infraestruturas - torres de escritórios, hotéis internacionais, casinos, centros recreativos, aeroportos, autoestradas e não-lugares, símbolos que disseminaram um estilo arquitetónico internacional atenuando várias barreiras culturais.

A arquitetura foi um dos instrumentos que montaram o perfil imagético comum a cidades como Hong Kong, Singapura e Nova Iorque, uma identidade transcultural entranhada no imaginário público e desvinculada de um qualquer regionalismo específico. Cenário que deflagrou sobretudo nos inícios da década de 80 com a proliferação das torres megalómanas pós-modernas que, tentando rebater os preceitos antecedentes, criaram um fluxo de imagens a-históricas e aculturais que mediatizaram a hegemonia corporativa.

*Si el espacio de los flujos es verdaderamente la forma espacial dominante de la sociedad red, la arquitectura y el diseño es probable que redefinan su forma, función, proceso y valor en los años venideros.*²⁴⁸

Em paralelo com o processo da transformação da fisionomia urbana, foi também progressiva a adaptação (ou desadaptação) da população que provinha de uma condição urbana e cultural distintas, o que originou dificuldades de trato e adaptação. Este período de transição, evidenciou contradições e clivagens subjacentes à apropriação física dos centros urbanos por parte das elites corporativas, informativas e administrativas (motores económicos da cidade) e da dispersão suburbana que expôs inúmeros problemas relativos à estratificação e organização socioespacial, (...) *los guetos periféricos de viviendas públicas más antiguas, ejemplificados por La Corneuve de Paris, donde las nuevas poblaciones inmigrantes y las familias obreras pobres experimentan*

²⁴⁶ SASSEN, S. *op. cit.* p. 40

²⁴⁷ SUSSER, I. *op. cit.* p. 403

²⁴⁸ *Ibidem.* p. 441

*su exclusión del derecho a la ciudad.*²⁴⁹ Esta face da cidade evidenciou a fragilidade da experiência da construção em massa de blocos de habitação social que ambicionavam resolver por absoluto o problema da habitação e da organização do território de forma abstrata e autoritária.

O que era oposição passou a composição de ambientes, tanto no Ocidente como no Oriente, segregados, díspares, fraturantes, poluídos, sobre-populados, com um desenvolvimento urbano dicotômico (entre a verticalidade dos edifícios e a horizontalidade da expansão urbana) e anárquico (proliferação dos subúrbios de minorias étnicas, imigrantes, classe operária), cenário de veras sintomático em países emergentes que, a não ser resolvido, previa o colapso das estruturas sociais, económicas e políticas dos mesmos.²⁵⁰

Na sequência desta exposição, revela-se a *facies* da globalização, de onde as cidades globais derivam, como parte de todo um processo que se edifica numa rede de dinâmicas e articulações instável que oscila entre variáveis múltiplas.

*La ciudad global no es un lugar, sino un proceso. Un proceso mediante el cual los centros de producción y consumo de servicios avanzados y sus sociedades locales auxiliares se conectan en una red global en virtud de los flujos de información, mientras que a la vez restan importancia a las conexiones con sus entornos territoriales.*²⁵¹

Ao contrário das cidades europeias que entraram na era da informação vinculadas a uma herança histórica que obrigou a uma reestruturação espacial própria, a condição de Singapura distingue-se, na medida em que não dispunha de uma estrutura urbana tão sedimentada, abrindo espaço para uma mais descomprometida estruturação do território. Entre os principais veículos que galvanizaram a integração da nação no circuito económico internacional encontram-se as vias de comunicação terrestre, transporte marítimo e aéreo. Tirando proveito da sua vantagem estratégica, o porto de Singapura foi um dos focos de consolidação da cidade no universo das relações comerciais da região como refere Lee Kuan Yew:

*I needed this political strength to maximize what use we could make of our new assets, a natural world-class harbor sited in a strategic location astride one of the busiest sea-lanes of the world.*²⁵²

²⁴⁹ *Ibidem.* p. 424

²⁵⁰ RAJARATMAN, S. *op. cit.* p. 5

²⁵¹ SUSSER, I. *op. cit.* p. 409

²⁵² YEOW, L. K. *op. cit.* p. 8



Vista aérea da frente marginal, Singapura, 1960.
Manobras de carga e descarga de mercadorias, Singapore river,
Singapura, década de 60.

3.3 Revolução do sistema portuário global

No contexto das cidades portuárias europeias como Londres, Roterdão e Hamburgo, ocorreu um sucessivo processo de ajustamentos face à sucessão de inovações industriais, processo que se pode dividir mormente em três gerações.

Na primeira geração, as embarcações ancoravam ao largo da costa sendo a transferência das mercadorias processada através de pequenos barcos de apoio. Este método revelou-se moroso e desadequado, aquando do desenvolvimento dos aterros portuários, docas e cais de atracamento e os barcos a vapor (segunda geração), que permitiam às embarcações a atracamento lateral - em Malaca, este método era inexequível em virtude da não existência de baías ou áreas habilitadas para a construção destas infraestruturas. No caso do porto de Londres, estas infraestruturas estendiam-se por vários pontos ao longo do rio Tamisa, contendo diversos equipamentos como armazéns de mercadorias, áreas de ancoragem e reparação, vedadas por forma a evitar a deterioração e a pilhagem de bens. Acoplados a este organismo, surgiram vários bairros operários precarizados, crescendo consoante a parábola das demandas económicas.

A estrutura das docas foi crucial para as dinâmicas sociais, económicas e urbanas de algumas das principais cidades portuárias, acomodando uma esfera de operações, serviços e equipamentos vários, que deixaram uma pegada ímpar na estrutura urbana das mesmas. Sem embargo, estas estruturas viriam a tornar-se obsoletas face ao progresso industrial, que conduziu à terceira geração (1960-1970), de onde proviu o sistema de contentores transportados por embarcações de aço com dimensões industriais, e que viriam a revolucionar de forma inequívoca a paisagem portuária no plano global.

A Tilbury, à Rotterdam, dans les gares de marchandises des British Railways, les bâtiments sont de peu d'importance, d'aspect provisoire: survivants que l'on tolère en marge. Il y a une raison simple à cela: dans la mesure où les bâtiments servaient essentiellement à protéger les marchandises des intempéries, on n'en a plus vraiment besoin. L'essence de la «containerisation» comme des techniques de chargement et déchargement directs, c'est non seulement de permettre aux marchandises d'arriver emballées à destination, mais aussi d'offrir des emballages fournissant la protection contre les intempéries dont ont besoin les marchandises en question, — pour la viande de porc,



Vista aérea da “West India Docks” atual Canary Warf, Londres.
Descarga de mercadorias, “West India Docks”, Londres, 1900.

*des containers frigorifiques, pour la bière, des citernes, pour le bois des paquets maintenus par des rubans d'acier. Si donc on n'a plus besoin de bâtiments, il est en revanche indispensable de disposer de vastes surfaces, aussi plates que possible, pour les déplacements des remorques, transbordeurs, et chariots élévateurs.*²⁵³

Como consequência, verificou-se um deslocamento dos aterros portuários a jusante, por forma a se adequarem às novas práticas que impunham a necessidade de portos de águas mais profundas, com maior área de manobra para embarcações sobredimensionadas e extensas superfícies planares para a deslocação dos veículos motorizados nos terminais de contentores que, apoiados por gruas móveis, dispensavam definitivamente a cadeia de armazéns que compunham a outrora paisagem portuária vigente. Como se pode observar nas palavras de Reyner Banham relativamente a Londres:

*Et lorsque l'on arrive à Tilbury, par exemple, on ne retrouve plus rien qui puisse rappeler les clichés habituellement associés aux paysages portuaires. Ce que l'on voit surtout, ce sont de larges superficies d'asphalte, ou de ciment armé, une surface nue. Des aires de dix acres (400 m²), à peine interrompues par un lampadaire ou un panneau de signalisation, sont maintenant monnaie courante dans le monde de la manipulation du fret (c'est-à-dire non seulement les ports mais aussi les gares de marchandises et les dépôts de colis). Tout cela fait partie de cette révolution du container, qui soulève l'enthousiasme que l'on sait; encore importe-t-il de voir que les containers ne constituent pas un événement extraordinaire ou sans précédent, mais simplement la dernière étape d'un développement révolutionnaire commencé à l'époque même où Telford et Hartley construisaient leurs fameux docks.*²⁵⁴

No caso específico de Londres, o desdobramento desta realidade revelou-se particularmente gravoso visto que, desta deslocação, resultou a desativação de zonas portuárias e industriais seculares, assim como das estruturas anexas, deixando um rasto de áreas devolutas e problemas sociais como segregação e desemprego, caso de *Canary Wharf* em Londres. Outra ocorrência digna de registo foi o caso do *Puerto Madero* em Buenos Aires, construído na última década do séc. XIX, foi desativado devido à baixa profundidade das suas

²⁵³ BANHAM, R. (1972). *L'effet Wampanoag en architecture*. In *Le sens de la ville*. p. 2

²⁵⁴ *Ibidem*, p. 1



Porto de Singapura.

águas, resultando numa extensa área completamente devoluta persistindo nesse estado durante décadas até ser delineado um plano geral de reestruturação com a implementação de programas recreativos e residenciais.

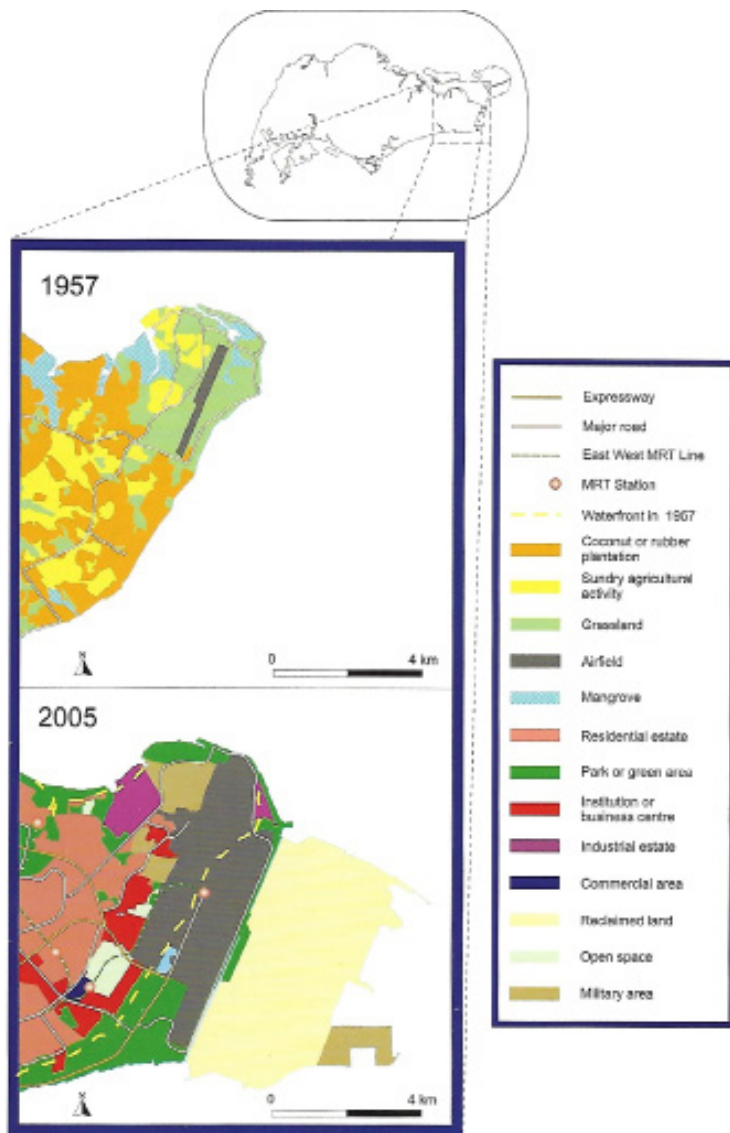
Aussi incroyable que cela paraisse, bien des esprits cultivés se représentent aujourd'hui encore les docks tels que par exemple les décrivait Quentin Hughes dans Seaport: entrepôts s'élevant à des hauteurs vertigineuses, mâts, grues, cheminées se découpant sur le ciel, plus quelques pittoresques trozkystes à cache-nez de soie portant des caisses ou des ballots et s'enivrant quelque peu avant de finir devant le tribunal. Mais cette imagerie est aujourd'hui morte; tous ces clichés sur le grouillement coloré des ports appartiennent à un monde mort²⁵⁵.

3.4 Porto de Singapura

O rasgo distintivo do porto de contentores de Singapura é o facto desta realidade urbana não ter sido um obstáculo, visto que, como foi exposto, nunca se chegou a estabelecer uma rede de docas devido às características litorâneas da ilha, abrindo caminho para a afirmação do porto de Singapura que, para além da posição geográfica, dispunha a Sudoeste da ilha do espaço virgem necessário para o estabelecimento dos terminais de contentores. Situação que, aliada a factos como a não necessidade de investimento na construção de linhas férreas ou estradas, um sistema fiscal que não penalizava as firmas de importação e exportação nas áreas portuárias e a velocidade/economia dos serviços, onde o mar era a principal infraestrutura de ligação entre cidades, deu azo ao princípio da era moderna da cidade-estado. Uma era onde se promoveu, desde cedo, um processo de higienização dos sistemas portuários, antevendo a construção de uma identidade pós-industrial, nos antípodas da *praxis* colonial.

Em 1960, o porto de Singapura cingia-se a um único terminal, o *Keppel Harbour*, que aguentava uma percentagem de 12 milhões de toneladas de mercadoria. Em 1989, o volume transacionado aumentou para 173 milhões de toneladas (contabilizando o petróleo que correspondia a metade do valor total). Nesse mesmo ano, 39.000 navios visitaram os agora cinco terminais com um total de 15 km de docas, servidas por cerca de 600 de área marítima, (o do-

²⁵⁵ BANHAM, R. *op. cit.* p. 1



Expansão do aeroporto de Changi.

bro de 1960). Na vanguarda do desenvolvimento naval, o porto de Singapura tornou-se o maior e mais ocupado centro de comércio marítimo do mundo. No ano de 2006, mais de 129.000 navios serviram-se das suas águas e mais de 440 milhões de cargas foram distribuídas pelos seis terminais, sendo que mais de metade da mercadoria, era transportada e armazenada em contentores. A Sul e a Sudoeste da costa, encontram-se alinhados cinco terminais – *Tanjong Pagar, Brani, Keppel, Pasir Panjang* e *Jurong* – com as instalações do porto distribuídas pela região do Tuas e ilhas costeiras. O sexto terminal, localiza-se a Norte da costa, junto ao estaleiro naval de *Sembawang*, construído em 1968 nas antigas instalações da base naval britânica. O grande terminal de *Brani*, inaugurado na década de 90, junto ao *Keppel Harbour*, é considerado a peça central de todo o sistema portuário.²⁵⁶

A rede de terminais administrada pela *Port of Singapore Authority* é também um dos principais veículos da expansão global de Singapura. Desde o momento em que lhe foi atribuída a administração, a PSA coordena mais de vinte terminais espalhados por cinquenta países incluindo Sines, Portugal. Esta dimensão global representa uma nova forma de expansão que, a par do dinamismo do comércio marítimo e como se verá *infra*, se consolida também em função das comunicações aéreas.²⁵⁷

3.5 Aeroporto de Changi

Numa tentativa de atingir a compreensão plena dos índices de influência de Singapura na ordem internacional, é imperioso mapear as rotas que o aeroporto de Singapura gere. No limite, o mapeamento revela não só uma dimensão quantitativa do contato entre cidades como também a relatividade das distâncias e o privilégio das ligações entre cidades globais.

*We, like other Global Cities, are nearer to one another than we are to towns which are geographically nearer. A Singaporean can get to Hong Kong quicker than he can to Kuala Lipis. His major trading partners are other Global Cities rather than cities near home.*²⁵⁸

Assim como muitas das infraestruturas industriais, o aeroporto de Singapura (*Changi Airport*), é um dos mais cotados núcleos de transportação aérea no

²⁵⁶ DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. *op. cit.* p. 58

²⁵⁷ *Ibidem* p. 58

²⁵⁸ RAJARATMAN, S. *op. cit.* p. 7



Proposta de um novo volume para o aeroporto de Changi, Singapura, Safdie Architects, 2014.

Sudeste Asiático. Em 1958, quando as instalações militares britânicas ainda se encontravam operacionais, a ilha tinha dois aeroportos civis, em *Kallang* e *Paya Lebar*, e dez bases militares, ocupando cerca de 10% do território da ilha. Em 1981, as instalações do transporte aéreo foram deslocadas de *Playa Lebar* para *Changi*, que contém atualmente duas pistas, cada uma com 4 km de comprimento tendo ganho 13 km de área ao mar.²⁵⁹

No final dos anos 50 até inícios da década de 70, a ponta Este da ilha era primariamente rural; a terra era ocupada por terrenos agrícolas e vilas piscatórias malaias, próximas da costa. Agora, à medida que a linha costeira continua em progressiva expansão, o aeroporto está rodeado de infraestruturas industriais e instalações comerciais, com espaços verdes amplos e parques recreativos. Na conjuntura atual, o aeroporto, mais que o porto, simboliza a dimensão internacional da cidade-estado. Ligada a mais de 183 cidades em 37 países, em 2006, o aeroporto coordenava cerca de 214.000 rotas aéreas e mais de 35 milhões de passageiros.²⁶⁰

Atualmente, a *Singapore Airlines*, marca de referência global, propagandeia os padrões de qualidade, conforto e eficiência, bandeiras do país no século XXI. Posto isto, se se aliar esta forma de gestão a outros fatores já aludidos, é possível identificar um eixo referencial a todas estas variáveis - a criação de uma marca – o que remete para uma área cada vez mais em voga nos termos da globalização: o *place-branding*, conceito que será aprofundado *a posteriori*, mas que intui de forma sintética a atração de turismo, o talento externo e o fortalecimento do nacionalismo, da diplomacia pública, das exportações e do reconhecimento exterior.

3.6 Um cluster transnacional

Numa região bastante competitiva, onde se englobam outras cidades homónimas como Hong Kong, Macau, Shangai e Seoul, o esforço da cidade-estado em se tornar um centro gravítico de turismo e investimento estrangeiro é evidente. A construção de Singapura revela um grau de competência e eficácia (dentro daquilo a que se propôs), bem como de um reconhecido autoritarismo na gestão e promoção estratégica e tática do território. Neste âmbito, é também importante referir os vínculos estabelecidos entre as diferentes cidades

²⁵⁹ DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. *op. cit.* p. 60

²⁶⁰ *Ibidem.* p. 60



Vista panorâmica de Singapura a partir da piscina no topo do hotel Marina Bay Sands, Safdie Architects.

que, reconhecendo a existência dos seus competidores diretos, criaram uma relação de complementaridade e apoio, um *cluster*. *Theirs is a new place-branded world created because of opportunities in globalization.*²⁶¹

A introdução destes dados inaugura a génese da problemática que se instaurou em Singapura no seguimento das suas intenções megalómanas. O facto de se ter tornado numa cidade global polivalente, com uma das economias mais influentes do mundo, não apaga os prejuízos que tal configuração imprimiu nos não menos importantes tecidos social, cultural e urbano, invariável calcanhar de Aquiles dos países emergentes.²⁶²

Os condicionamentos progressistas inculcados diariamente na configuração da *polis*, redigem uma narrativa vã em significantes urbanos históricos. A periodicidade destes ajustamentos, afasta cada vez mais a cidade de um qualquer sentido de autenticidade, se é que este conceito ainda tem alguma validade num tempo em que as ideias de progresso e espetáculo²⁶³ instituíram a alienação do *locus*, e a abstração territorial, derivando num Presente estranho.²⁶⁴

Então, qual o preço a pagar pela eterna juventude de uma cidade onde é *terminantemente proibido envelhecer*²⁶⁵, ostentando-se como o “oásis” do Sudeste Asiático? Um oásis fáustico, “realização terrestre do paraíso”²⁶⁶, cenário de perfetibilidade edificada nos vertiginosos monumentos da obscenidade económica.

As palavras de Marshall Berman inauguram uma realidade que pode não ser apenas heróica, mas trágica:

Para compreender a tragédia do fomentador, é preciso julgar sua visão de mundo, não só pelo que ela revela — pelos imensos novos horizontes que abre para a espécie humana —, mas também pelo que ela esconde: pelas realidades humanas que se recusa a ver, pelas potencialidades que não é capaz de enfrentar. Fausto vislumbra, e luta para criar, um mundo onde crescimento pessoal e progresso social possam ser atingidos com o mínimo de sacrifícios humanos. Ironica-

²⁶¹ OLINS, W. (2014). *Brand New The Shape of Brands to Come*. p. 166

²⁶² RAJARATMAN, S. *op. cit.* p. 12

²⁶³ *O espetáculo, enquanto organização social presente da paralisia da história e da memória, do abandono da história que se erige sobre a base do tempo histórico, é a falsa consciência do tempo*. DEBORD, G.; JOFRE, P. *op. cit.* p. 127

²⁶⁴ *Ibidem*. p. 128

²⁶⁵ *Idem*.

²⁶⁶ *Ibidem*. p. 113

*mente, a sua tragédia decorre exatamente do seu desejo de eliminar a tragédia da vida. É como se o processo de desenvolvimento, ainda quando transforma a terra vazia num deslumbrante espaço físico e social, recriasse a terra vazia no coração do próprio fomentador. É assim que funciona a tragédia do desenvolvimento.*²⁶⁷

E é com este desfasamento dialético entre as vicissitudes socioculturais e o que o governo idealiza para Singapura que, em última instância, pode culminar com a desumanização da cidade, restando uma recomposição artificial de pseudoculturas, instrumentalizadas para propósitos museológicos e recreativos. Uma cidade conectada globalmente mas desconectada de si própria.

*O fim da história da cultura manifesta-se em dois aspetos opostos: o projeto da sua superação na história total e a organização da sua manutenção enquanto objeto morto na contemplação espetacular.*²⁶⁸

²⁶⁷ BERMAN, M. (1982). *Tudo o que é sólido desmancha no ar. A Aventura da Modernidade*. p. 65, 66

²⁶⁸ DEBORD, G.; JOFRE, P. *op. cit.* p. 141

IV Parte Uma questão de identidade

4.1 Identidade: introdução ao conceito

*Assim como não se pode apreciar o valor de um homem pela concepção que ele tem de si próprio, não se pode apreciar e admirar determinada sociedade aceitando como indiscutivelmente verídica a concepção que ela tem de si mesma.*²⁶⁹

A questão da identidade não é propriamente um assunto inovador, tendo já sido abordado em diversas ocasiões no campo da arquitetura. Não obstante, o debate continua a ser de extrema importância na sociedade hodierna nos termos da quarta revolução industrial.

Desde a escala do indivíduo até à escala da cidade, o prelúdio da globalização induziu à redefinição de vários conceitos, outrora consolidados, que enfrentam agora um mundo em constante mutação, onde fronteiras territoriais e culturais se esbatem e os regionalismos são ameaçados pela utopia da identidade genérica globalizada. Ameaça que surge justamente do intercâmbio ininterrupto entre culturas que, à falta de um núcleo estável, se sobrepõem, fundem, ou desaparecem consoante modas, tendências e interesses, subvertendo realidades e afastando qualquer princípio de autenticidade. Urge, portanto, a necessidade de meditar sobre este tema e em que medida se manifesta, por forma a atentar uma compreensão mais sustentada destas dinâmicas em Singapura.

Neste ponto, será imperioso começar por definir os princípios de entendimento do conceito de identidade. O conceito de identidade, segundo Stuart Hall, tem duas dimensões distintas: numa, encontra-se uma assunção mais essencialista e, noutra, uma assunção mais posicional e estratégica.²⁷⁰ A primeira, apela à abordagem historicista do termo. Assim, segundo o autor, a identidade estabelece-se como o núcleo estável do *eu*, mantendo-se do princípio ao fim da sua existência, apesar das vicissitudes temporais. É o constituinte que se mantém sempre igual a si próprio ao longo dos tempos, proporcionando uma ancoragem estável e definida à sociedade. Numa perspetiva coletiva, este constituinte caracteriza-se por ser contíguo a um grupo de indivíduos que partilham uma mesma história ou cultura, permitindo um ponto de fixação autóctone, mas ao mesmo tempo superficial ou artificial, visto que pela garantia da não mudança, se ignoram todas as outras diferenças ditas superficiais.

²⁶⁹ DEBORD, G.; JOFRE, P. *op. cit.* p. 153

²⁷⁰ HALL, S. (2000). *Who needs 'identity'?*. In DU GAY, P.; EVANS, J.; REDMAN, P. *Identity*. p. 17

A rebater esta tese, encontra-se a segunda abordagem que induz uma aproximação mais descontínua do termo assumindo que o conceito de identidade nunca pressupõe união, mas sim oposição e diferença. Neste sentido, as identidades nunca são unificadas e nos tempos modernos são ainda mais fragmentadas e fraturantes, nunca singulares mas sim múltiplas, construídas pela diferença antagónica, onde muitas vezes se intercetam discursos, práticas e posições. Elas incorporam o dialético e um historicismo radical, pautado pela mudança e transformação constante. (...) *thus (identities) are more the product of the marking of difference and exclusion, than they are the sign of an identical, naturally constituted unity – an “identity” in its traditional meaning (that is, an all inclusive sameness, seamless, without internal differentiation).*²⁷¹

Interiorizando esta perspetiva, retira-se que estas duas vertentes correspondem a uma produção que tange pela diferenciação, um discurso de exclusão de ordem histórica, política e estratégica, contrastando com a romântica harmonia construída naturalmente, onde se obliteram e esbatem divergências. Assim sendo, o princípio da construção de identidade não é de todo símbolo líquido, do parecido e da igualdade, mas sim um exercício de isolamento, polaridade e exclusão, onde o *eu* se posiciona em relação ao *outro*, num exercício de emissão e receção bilateral. Neste processo de identificação está implícita uma sobredeterminação subliminar e nunca uma subsunção. A determinação do agente exterior como elemento constituinte do núcleo e a designação do “adversário cultural” pertencem especificamente a cada indivíduo, tendo diante de si a classificação - ou a possibilidade de classificação - de todos *os outros*.²⁷² Nesta lógica, as indagações de Hall expõem dois pontos essenciais: a base historicista da identidade e a construção de um alter-ego como veículo para a definição do *eu* identitário.

Observando o ponto relativo ao historicismo, verifica-se a instabilidade que este conceito incute na construção de qualquer objeto que dependa dele e como este pode ser subvertido por motivações, construções e distorções diversas por parte de interesses específicos. O conceito de história, só por si, engloba um conjunto de variáveis instáveis como povos, línguas, experiências e culturas. A história erigida pelo mundo humano é passível de ser desfeita e reescrita, primando pelos silêncios e supressões, ritmos e padrões inconstantes entre formações impostas e deformações toleradas, onde à falta de verdade se apela sempre à imaginação. Neste capítulo, Nietzsche, de forma assertiva,

²⁷¹ *Idem.*

²⁷² *Ibidem.* p. 18

refere que as verdades históricas são *um exército móvel de metáforas, metonímias e antropomorfismos - ou seja, uma súpula de relações humanas que foram reveladas, transpostas e embelezadas poética e retoricamente e que, após longo uso, parecem firmes, canônicas e obrigatórias para um povo: as verdades são ilusões que esquecemos serem ilusões.*²⁷³

A respeito destas palavras, pode-se então concluir que a identidade, sendo um produto fabricado, terá sempre um cunho de instabilidade e ficção inerente. Decorrente desta lógica, deduz-se que a identificação do *outro* também pode ser produto da construção do *eu*. Assim, para definir identidade, torna-se legítimo abordar o que se compreende como o *outro*.

Na concepção de Edward Said, a manutenção de uma cultura ou identidade, pressupõe a inevitável existência de um alter-ego na constituição do *eu*. Segundo o autor, a identidade enquanto depósito de experiências coletivas diversificadas é, necessariamente, uma estrutura que envolve o estabelecimento de uma oposição entre *o nós* e *os outros*, cuja definição é invariavelmente subordinada à permanente interpretação, reinterpretação e exultação das diferenças entre entidades.²⁷⁴ *Cada época e sociedade recria os seus “outros”. Longe de ser uma coisa estática, a identidade do eu ou do “outro” é um processo histórico, social, intelectual e político muito elevado e que se desenrola como uma competição que envolve indivíduos e instituições em todas as sociedades.*²⁷⁵

Assumindo que estes processos têm um estratégico carimbo social, Said especifica as implicações políticas que esta realidade envolve como a legislação da conduta pessoal, a supressão de liberdades, a legitimação da violência, a definição dos conteúdos da educação, a administração dos negócios estrangeiros, a designação de inimigos oficiais, ou a manipulação do território em função de interesses sociopolíticos.²⁷⁶ *Ou seja, a construção da identidade está ligada à distribuição do poder e da falta de poder em cada sociedade, e é por conseguinte tudo menos mera frivolidade acadêmica.*²⁷⁷

Seguindo este parecer, evidencia-se portanto o poder decisório que a construção da identidade pode ter nos desígnios de uma organização, cidade ou

²⁷³ NIETZSCHE, F. *O Livro do Filósofo*. p. 87

²⁷⁴ SAID, E. *op. cit.* p. 394

²⁷⁵ *Idem.*

²⁷⁶ *Idem.*

²⁷⁷ *Idem.*

país face à imagem que tem de si própria e que projeta para o exterior. Assim, parece seguro afirmar que a identidade surge de um processo relacional que se estabelece na interação social, da qual se presumem duas dimensões distintas: interior (imagem que uma comunidade tem de si própria) e exterior (imagem que os outros têm relativamente a essa comunidade) - quem eu sou, em oposição a como os outros me vêem.²⁷⁸

Com efeito, e no sentido de se poder compreender o tipo de relações externas e internas que o *eu* subjaz, torna-se fundamental teorizar sobre as relações diretas entre identidade, cultura e a imagem nos processos sociais.

Identidade, cultura e imagem

Começando pelo denominador que não se define segundo aceções alheias (apesar destas poderem ser indicadores importantes), a cultura constrói-se com base em sistemas de significação profundos, onde reside valores, crenças, conhecimentos, hábitos e posições que contextualizam e atribuem significado a um determinado sujeito ou comunidade, incluindo a sua própria definição interna. Por conseguinte, a cultura, enquanto essência, forma o mapa cognitivo para o sistema de significação do sujeito.²⁷⁹

A cultura e a identidade são dois conceitos que estão conceptualmente inter-relacionados, visto que se definem mutuamente, dada a proximidade entre ambos, distinguindo-se pela posição em que são enquadrados no discurso. Enquanto a cultura pode ser melhor posicionada no seu domínio conceptual como sendo contextual, implícita, e emergente, a identidade pode por sua vez considerar-se textual, explícita e instrumental.²⁸⁰

Segundo Mary Jo Hatch e Majken Schultz, entende-se por imagem algo que se apreende primariamente a partir de uma coincidência, infrequente e superficial mediada pelas informações da imprensa, aparições públicas em segunda mão, e não por uma ligação direta a experiências e perceções duradouras vinculadas ao núcleo do objeto referente. A compreensão do conceito de imagem impõe-se como primordial na medida em que se define como aquilo que os outros vêem de distintivo no objeto contemplado. Esta conceção assimila-se como o estágio primeiro de uma compreensão dúplice, visto que se determi-

²⁷⁸ HATCH, M.; SCHULTZ, M. (2002). The dynamics of organizational identity. p. 997

²⁷⁹ *Ibidem.* p. 996

²⁸⁰ *Ibidem.* p. 997

na pelas perspectivas *dos outros* (sua imagem) e não pelas convicções *per se* do *eu* (como sucede na cultura)²⁸¹. Existe portanto, uma dimensão externa e inacessível ao sujeito em que incide a interpretação, sujeito que, através das imagens que os outros produzem, tenta sistematicamente antecipar a forma como a sua cultura é vista aos olhos destes. Assim, admitindo que a identidade espelha as imagens dos outros, as autoras servem-se de um exemplo pertinente ilustrado por Dutton e Dukericj.²⁸²

Num estudo relativo à Autoridade Portuária de Nova Iorque e Nova Jérсия, foi identificado um problema relacionado com os sem-abrigos que se congregavam junto das estações de autocarros da entidade. Por consequência, os sem-abrigos tornaram-se um problema da Autoridade Portuária, na medida em que a imprensa e a comunidade local relacionaram diretamente o problema à organização. Dutton e Dukarich demonstraram como as imagens negativas percecionadas pela opinião pública relativamente a uma entidade, a encorajaram a tomar posição ativa no sentido de corrigir as aceções externas. Os autores sugerem que a identidade da autoridade portuária espelha assim a opinião pública em relação ao problema dos sem-abrigo e ao contributo da organização para o escalonamento do fenómeno. As imagens que a entidade viu neste espelho metafórico eram contraditórias com a forma como idealizava a sua própria identidade, o que a levou a tomar uma posição ativa em nome dos sem-abrigo, num esforço claro em preservar a identidade e mudar a sua imagem no exterior.²⁸³

Este exemplo elucidado sobre a forma como as opiniões e reações *dos outros*, através do efeito espelho, podem afetar a identidade de um sujeito a ponto de este se envolver diretamente na resolução dos problemas que indiretamente afetavam o seu prestígio junto da opinião pública.²⁸⁴ Pode então deduzir-se que a imagem funciona muitas vezes como elemento desestabilizador da identidade, obrigando-a a alterações e reconstruções contínuas.²⁸⁵

Em função da imagem, o sujeito não só desenvolve a sua identidade conforme interpretações alheias como também em relação à opinião que concebe sobre si próprio. Retornando ao exemplo acima retratado, na tentativa de impressionar *os outros* por via da expressão de identidade, a entidade portuária não

²⁸¹ *Ibidem.* p. 994

²⁸² *Ibidem.* p. 998

²⁸³ *Ibidem.* p. 998, 999

²⁸⁴ *Ibidem.* p. 999

²⁸⁵ *Ibidem.* p. 1000

só não se limitou à perpetuação da imagem que acreditava que a opinião pública tinha sobre ela, como tentou inclusive alterá-la. O que se enceta é que o sujeito tomou ação pelo senso de si próprio que partiu significativamente da imagem que acreditava que os outros tinham em relação a si. Nesta instância, constata-se que a compreensão do sujeito sobre si próprio é diferente da imagem que vê ao espelho.

No seguimento da aproximação feita aos conceitos do sistema relacional identidade-cultura-imagem de Mary Jo Hatch e Majken Schultz, regista-se que a identidade não é nem totalmente cultural, nem totalmente imagística, sendo sim constituída por um sistema relacional que articula e ajusta continuamente ambos os conceitos. Assim, a identidade é simultaneamente ligada a imagens que são mantidas pelos entendimentos culturais e históricos do *outro*.

Ao assumir um posicionamento extremado face ao binómio cultura/imagem, o sujeito incorre na possibilidade de adquirir formas disfuncionais. Existem, mais precisamente, duas disfunções passíveis de ocorrer nas dinâmicas identitárias do sujeito quando são negadas (ou ignoradas) as condições de acesso e exposição a agentes exteriores. Estas mutações, ou envolvem o sujeito em dinâmicas culturais auto-referentes (narcisismo), ou levam-no a uma excessiva adaptação, fruto da sobrevalorização da imagem.²⁸⁶

O conceito de identidade narcisista resulta de uma relação solipsista entre identidade e cultura, onde os quadros dos processos de reflexão são ignorados, ou nunca encontrados. Dentro desta exposição, nenhum esforço é feito no sentido da comunicação com o exterior, mantendo-se assim uma relação perigosamente unidimensional.²⁸⁷ No sentido inverso, o problema de se dar demasiada importância à opinião externa na definição própria do sujeito, edifica-se na forma como esta se torna o referente principal da definição do *eu*, secundarizando elementos nucleares como a herança cultural. A título de exemplo, assim como um político dá demasiada importância a sondagens e grupos de interesse, distanciando-se da compreensão dos sintomas mais profundos da sociedade, o Estado de Singapura ao dar demasiada importância ao sistema económico e à sua imagem externa, arrisca-se a perder o senso de si próprio. A herança cultural é assim substituída por adaptações hiperbólicas às imposições dos mercados, na esperança de se mudar ou adaptar às preferências dos consumidores de imagens dessubstanciadas. Os autores defendem

²⁸⁶ *Ibidem*. p. 1014

²⁸⁷ *Ibidem*. p. 1007

que a negação da herança cultural impede o sujeito de se refletir na sua identidade, na relação com as suas crenças e valores, levando-o para um vazio de significados, preenchido posteriormente por um processamento intensivo de imagens entre o sujeito e o exterior.²⁸⁸

A condição pela qual uma imagem substitui a substância deve-se à distância geográfica ou psicológica entre o sujeito e o seu habitat, proporcionada pela abstração exponencial, fruto dos meios advindos da globalização económica e tecnológica. Aquando da consumação deste processo, decorre o isolamento do núcleo duro do sujeito (a sua cultura), recuando para dimensões de autenticidade cada vez mais distantes. Quadro que, ao substituir as fortes ligações mantidas entre o sujeito, suas origens e valores culturais, condena-o, em última instância, a mero recipiente da não-substância travestida em imagens trépidas, superficiais e mediatizadas. O sujeito, na esperança de impressionar o *outro* entra assim num ciclo vicioso, produzindo uma insana torrente de projeções que diluem todos os significados culturais substantivos²⁸⁹, subvertendo aquilo que Heidegger classifica como *coisidade da coisa*.²⁹⁰

A razão pela qual a cultura e a imagem se tornam tão desassociadas, deve-se ao facto da imagem substituir a cultura na mente do próprio sujeito, levando à erosão da essência, e, por conseguinte, de uma identidade atávica, tornando-se reflexo passivo da cultura de massas. Quando as preocupações relativas às tendências dos mercados são os referentes primeiros que influenciam as estruturas e processos internos do sujeito, há uma maior vulnerabilidade perante a perspectiva de perda de cultura, da substância.²⁹¹

No livro *Simulacros e Simulação*, Jean Baudrillard estrutura em quatro fases o processo de transformação da substância em imagem. Na primeira fase, a imagem (ou signo) representa uma realidade que equivale à profundidade do objeto que representa. Na segunda fase, a imagem atua como máscara que cobre a realidade que reside por baixo da superfície. Na terceira fase, a imagem funciona praticamente sozinha, no sentido de que não representa a profundidade da realidade, mas sim a sua ausência. Por último, na quarta fase,

²⁸⁸ *Ibidem*. p. 1010

²⁸⁹ *Ibidem*. p. 1011

²⁹⁰ *A coisa não é, manifestamente, apenas o aglomerado das notas características, nem sequer o amontoado das propriedades mediante o qual, somente, o conjunto surge. A coisa é – como todos julgamos saber – aquilo em torno do qual as particularidades se reuniram. Fala-se do núcleo Kern das coisas.* HEIDEGGER, M. *A Origem da Obra de Arte*. In HEIDEGGER, M. (2012). *Caminhos de Floresta*. p. 15, 16

²⁹¹ HATCH, M.; SCHULTZ, M. *op. cit.* p. 1011

a imagem não tem implícito nenhum tipo de realidade nem pouco mais ou menos. Não existe nem referência, nem representação. Dada a rutura do elo entre a imagem e o seu referente e, na tentativa de seduzir os consumidores, a imagem funciona sozinha, tornando-se autorreferencial. Como exemplo deste desenvolvimento, no ensaio *Travels in hyper reality*, Umberto Eco apresenta uma interpretação da *Disneyland* onde se tem a garantia que se vão ver *alligators* todas as vezes que se percorrer o rio Mississípi. No entanto, o autor reivindica que tal não se verifica *in situ*, assinalando assim a experiência da *Disney* como uma hiper-realidade que não só produz imagens holográficas (ilusões), como estimula o desejo por elas, a ponto de se imporem sobre o objeto real.²⁹² *Entra-se assim naquilo que Baudrillard cunhou como hiper-realidade, onde a imagem se transforma ela própria na nova realidade, (...) um mundo virtual suspenso sobre o mundo real, flutuando no seu próprio envelope hermeticamente fechado. (...) num mundo que perdeu contato com os seus referentes do mundo real e onde, paradoxalmente, o termo “real” (...) se transformou num slogan publicitário vazio, reclamando a autenticidade precisamente contra a ausência de autenticidade, ao ponto da autenticidade se tornar questionável(...).*²⁹³

A desassociação entre cultura (que Hatch e Schultz defendem como sendo o referencial) e imagem transforma assim a identidade num simulacro. Este fenómeno surge quando as tentativas de impressionar *os outros* não têm qualquer referencial além das reflexões no espelho. A necessidade de causar uma impressão incita o sujeito a instrumentalizar as imagens, tornando-as fonte última (e primeira) de domínio e perversão da identidade. Isto implica que as imagens são escolhidas *a priori* pelo sujeito para definir a sua realidade, não lhe ocorrendo mais perguntar se estas de facto representam ou não a sua cultura.²⁹⁴ Neste processo, o sujeito é levado a pensar que pode projetar o que quiser no consumidor, não tendo que constar nesta equação a base histórica que sustenta, gerando uma cultura atomizada.²⁹⁵

Face a este cenário, algumas cidades prosperaram devido à implementação de valores estrangeiros nas suas estruturas compósitas (entretenimento, cultura, desporto) num claro assumir da identidade simulada. Estímulos sustentados através de uma extrapolação e antecipação do gosto invariavelmente depen-

²⁹² ECO, U. (1986). *Travels in hyper reality*. p. 44

²⁹³ LEACH, N. (2005). *A Anestésica da Arquitectura*. p. 16

²⁹⁴ HATCH, M.; SCHULTZ, M. *op. cit.* p. 1012

²⁹⁵ *Ibidem*. p. 1013



Cinema "Capitol Building", Singapura, 1964.

dentos de fatores externos como política, economia e moda, transformando o sujeito no epíteto do simulacro contínuo.

Todavia, não se pretende argumentar que a perda de identidade represente uma condição vitalícia; o que se procura é enquadrar o fenómeno da “perda” de cultura como parte integrante das dinâmicas identitárias num processo de autoipse constante, reflexo da exposição a elementos externos, da priorização da comunicação visual e de uma esquizofrénica torrente de imagens efémeras que, ao mais alto grau, resultam numa identidade anamórfica e autómata.²⁹⁶

Compreensões relativas à cultura e à imagem são necessárias no sentido de encorajar uma identidade equilibrada, passível de se desenvolver e crescer dentro do círculo das condições que mudam (a um ritmo alucinante), como muda a torrente de corpos exteriores ao sujeito.²⁹⁷

Esta reflexão vai ao encontro da realidade de ex-colónias como Singapura onde, a par do processo de afirmação no plano internacional, se moldaram segundo o *outro* (entidades internacionais), incorrendo numa lógica galerística com tendência para a sobreposição de um alinhamento de imagens iconográficas face à cada vez menos intencional e autêntica expressão cultural.²⁹⁸

As palavras de Salman Rushdie, inauguram uma realidade distorcida: *A cidade de Bombaim e talvez todo o país, era um palimpsesto, submundo por baixo de submundo, mercado negro por baixo de branco; quando toda a vida era assim, quando uma realidade invisível se movia fantasmagoricamente por baixo das ficções visíveis, subvertendo todos os significados, como poderia algum de nós ter escapado a essa mortal sobreposição? Como teríamos podido – nós, encurralados numa mistificação do real a cem por cento, na fantasia árabe kitsch e piegas do superficial – penetrar até à verdade plena e sensual da mãe perdida, lá no fundo de tudo? Como poderíamos ter vivido vidas autênticas? Como poderíamos ter evitado o grotesco?*²⁹⁹

Procurando incessantemente a consideração alheia, estas cidades, através do reconhecimento internacional e dos hábitos adquiridos, realizaram falsamente o seu ser, perdendo de vista o que Rushdie chama de *mãe perdida*. Identificando-se com lugares e funções programadas pelos *outros*, privilegiaram

²⁹⁶ *Idem.*

²⁹⁷ *Ibidem*, p. 1014

²⁹⁸ *Ibidem*, p. 1013

²⁹⁹ RUSHDIE, S. (1995). *O Último Suspiro do Mouro*. p. 228, 229

o exagero da forma em vez de questionar o seu papel no teatro de operações globais, resultando num grau de inautenticidade onde, segundo Edouard Delruelee, reside a alienação (<*alius* significa o *outro*). *O homem inautêntico mente para si próprio, “cobre o rosto” como se costuma dizer, substituindo a sua própria responsabilidade por todo o tipo de razões que justifiquem o facto de ser o que os outros querem que ele seja (...).*³⁰⁰

Segundo William Lim, o discurso relativo à identidade e à imagem de Singapura tem que começar pela identificação da sua falta de identidade. A constante perpetuação da mudança, numa cultura da cópia e da saturação, tem desvanecido a sua condição de autenticidade ao longo do tempo, numa clara rutura com premissas históricas e ambientais. O facto de Singapura se ter tornado nos últimos cinquenta anos um teatro de operações de grande escala, transformando toda a paisagem cultural da ilha, direccionou a crítica justamente para uma realidade que se diz não ter qualquer senso de contexto, escala e relação histórica, contribuindo diretamente para a sustentação do *status quo* político.³⁰¹

*Identify is always pluralistic, fluid and unstable. It is continuously constructed and reproduced by the collective imagination of the community. However, national identity formation in Singapore has tended to privilege official statism. Even though identity formulation has gone through different phases, adapting to time and circumstance, the fundamental understanding and approach towards identity is definitive. The state solely defines each stage of identity formation.*³⁰²

4.2 Singapura, missão e visão: place branding

No seguimento da desmistificação do conceito de identidade, procede-se a uma análise, num registo mais assertivo, de algumas das premissas que regem o corpo do discurso que trata da axiomática relação da realidade física face à dimensão identitária de Singapura. Assumindo que a identidade é um processo contínuo, simultaneamente modelado pelas compreensões culturais formadas dentro do sujeito e pelas imagens externas providenciadas pelos *outros*³⁰³, no caso de Singapura estas considerações edificam-se numa forma

³⁰⁰ DELRUELEE, E. (2004). *Metamorfoses do Sujeito*. p. 366

³⁰¹ LIM, W. S. W. *op. cit.* p. 133

³⁰² LIM, W. S. W. *op. cit.* p. 171

³⁰³ HATCH, M.; SCHULTZ, M. *op. cit.* p. 1015

sui generis preconizada por uma tempestade perfeita entre contextos geopolíticos, económicos, sociais e arquitetónicos. Os resultados advindos destas dinâmicas, induziram o Estado num sentido de conquista, providenciado por uma aparente fórmula de sucesso. No entanto, este facto, próspero em termos materiais, esconde uma realidade que tem vindo à superfície nos tempos correntes: qual o grau de autenticidade da expressão cultural na cidade? Atualmente, os novos fluxos internacionais impuseram nas cidades globais uma urgência de exposição e valorização premente, situação que despontou uma competição feroz, obrigando as cidades, quais organizações corporativas, a reconsiderar novamente o estatuto de conceitos como identidade, cultura e imagem, nos parâmetros sociopolíticos e territoriais. É na afirmação do *ethos* que se subentende o conceito de *place branding*.

A tentativa dos governos em moldar a forma, o espaço e o *genius loci* de uma cidade, visando tanto mercados externos como internos, é uma prática tão antiga quanto o próprio modelo de governo cívico.³⁰⁴ Ao longo da história, consciente ou inconscientemente, as cidades (pelo menos desde que existe a ideia de competição pelo comércio, população, dinheiro, prestígio e poder)³⁰⁵ têm vindo a promover os seus elementos compósitos e a sua imagem, derivado da necessidade de atrair colonos, visitantes, comerciantes, investidores, estudantes e, no computo geral, pessoas de influência.³⁰⁶ Atualmente esta proposição não é só uma realidade como se tem vindo a tornar decisiva na congeminação das cidades, influenciando diretamente nas suas perspetivas de sobrevivência e prosperação (a não ser que tenha um estatuto de reconhecimento bem sedimentado).³⁰⁷ Nos termos da globalização, o que se verifica é uma crescente concorrência entre forças transnacionais pela captação de turismo que obrigou os governos a assumir parte ativa nos processos de marketing de cidades e países. Na senda de ganhar um lugar de destaque na montra da economia mundial, o Sudeste Asiático testemunhou tremendas mudanças estruturais (em alguns países), na perseguição de objetivos como a afirmação económica, política, cultural, tecnológica e sociopsicológica.³⁰⁸ O crescimento a larga escala do setor do turismo na região (preponderante para a economia e criação de emprego) foi uma condição *sine qua non* para as campanhas

³⁰⁴ KAVARATZIS, M.; ASHWORTH, G. J. (2006). *City branding: An effective assertion of identity or a transitory marketing trick?*. p. 183

³⁰⁵ *Ibidem*. p. 187

³⁰⁶ ANHOLT, S. (2010). *Place Branding and Public Diplomacy*. p. 1

³⁰⁷ *Ibidem*. p. 3

³⁰⁸ KAVARATZIS, M.; ASHWORTH, G. J. *op. cit.* p. 183

de renovação e promoção face às “ameaças” do mercado da concorrência, da variabilidade tecnológica, e da instabilidade urbana, económica e social. Neste âmbito, noções como o *marketing*³⁰⁹ e o *place branding* têm vindo a ser sistematicamente associadas ao conceito de lugar no decorrer de um debate que incitava à promoção cénica da imagem da cidade com vista à valorização dos seus ativos. Deve ser então introduzida na equação a compreensão destes mecanismos, assim como referenciar as implicações destes no planeamento e gestão urbana.³¹⁰

As pessoas podem assimilar um lugar através da perceção e da imagem do meio ambiente. A interação com os lugares pode ser feita mediante a conexão direta com o ambiente ou de forma indireta através de representações dos *media*. São assim criados os mapas cognitivos que os indivíduos retêm, e que lhes permitem navegar pelo meio ambiente dado que, como refere Kavratzis: *our surroundings are often more complex than the sense that we make of them*.³¹¹ O *place branding* centra-se então em construir e envolver estas imagens numa narrativa de representações e significados ditos culturais, no intuito de influenciar a perceção do observador que as retém e articula, criando uma consciência positiva ou negativa do ambiente. Todavia, esta influência sobre a perceção do sujeito é dúbia e apresenta um grau de relatividade incontável visto que assim como a cidade (enquanto objeto de perceção) é instável e envolta em referências múltiplas, também a memória e o aparelho sensível do agente o são. De todo o modo, uma imagem positiva é um ativo decisivo que o país exporta e, sendo assim, traçando-se um paralelo entre a imagem de uma cidade e um produto, esta também necessita de ser gerida e orquestrada. *A positive place image, in short, makes it easier for producers to export and attract*.³¹² No entanto, e apesar desta lógica comparativa, verificam-se grandes diferenças entre as propriedades estáveis e finitas de um produto e as múltiplas dinâmicas que envolvem um organismo tão complexo como a cidade.

A estratégia de imbuir uma determinada cidade de significados simbólicos na expectativa de influenciar a opinião e ação de audiências externas e internas

³⁰⁹ A premissa primordial do *marketing* assenta na ideia de influenciar ou motivar o consumidor na compra de um produto e, caso o aprecie, esta ação irá projetar uma imagem poderosa no consumidor e por consequência o produto ganhará uma boa reputação. Esta reputação é posteriormente disseminada por outros potenciais consumidores e assim por diante crescendo paralelamente à sua reputação, num processo natural e indireto.

³¹⁰ KAVARATZIS, M.; ASHWORTH, G. J. *op. cit.* p. 184, 185

³¹¹ *Idem*.

³¹² ANHOLT, S. *op. cit.* p. 4



Circuito urbano do “Singapore Grand Prix”.

funciona muito na linha daquilo que corporações e marcas como a *Singapore Airlines* fazem - criar associações vinculativas com locais específicos projetando a marca e neste caso a cidade.³¹³ A palavra *brand* (marca) é casualmente descrita como um logótipo, símbolo e nome de um produto. *Slogans and logos may be usefull practical instruments in a place branding strategy but they are not the strategy itself.*³¹⁴ Todavia, verifica-se que esta definição é redutora face ao real potencial e abrangência deste conceito. Veja-se o caso do *place branding*, que estabelece uma interação direta entre uma marca e a identidade visual de um lugar, comprovativo da profundidade e do poder destes conceitos em tornar um país reconhecido.³¹⁵

Existem portanto práticas e técnicas específicas na promoção de uma cidade, existindo pelo menos três que estão atualmente na “moda” entre planeadores urbanos. O *Personality gambit*, também denominado de *Gaudi gambit* depois da sua aplicação em Barcelona, consiste na ideia de associar uma cidade a uma personalidade ou ícone (pintores, músicos, artistas); o *Flagship construction* que consiste na construção de projetos de relevo como o centro *Pompidou* na *Pais Beauborg* ou o *Guggenheim* em Bilbao, no intuito de despertar e revitalizar a forma urbana; e o *Events branding* que se pauta pela captação de eventos e atividades de renome internacional como forma de promover qualidades como a da organização de grandes eventos (*Singapore Grand Prix*). Todas estas iniciativas têm como pano de fundo não apenas atrair atenção e reconhecimento como também aumentar os índices de legibilidade no palco internacional, independentemente destas práticas serem (ou não) benéficas para a economia e desenvolvimento social da cidade.³¹⁶ O *place branding* articula e serve-se então das noções de identidade, diferenciação e personalidade de um lugar e exponencia-as, enfatizando o senso de individualidade visual, verbal e comportamental de um meio em comparação com outros.³¹⁷

O facto da incorporação destes elementos dinâmicos na cidade não ser muitas vezes suportada por uma estratégia global e estruturante no tecido urbano e nos processos sociais fez com que se tornassem práticas anódinas, despoleitando acusações como uma suposta manipulação seletiva dos significados, criação de tradições inautênticas, exaltação de motivos culturais inócuos e

³¹³ *Idem.*

³¹⁴ KAVARATZIS, M.; ASHWORTH, G. J. *op. cit.* p. 185

³¹⁵ ANHOLT, S. *op. cit.* p. 7

³¹⁶ KAVARATZIS, M.; ASHWORTH, G. J. *op. cit.* p. 189, 190

³¹⁷ KNOX, S.; BICKERTON, D. *apud Ibidem.* p. 187

exacerbação de desigualdades sociais, mero culto da impropriedade.³¹⁸ A crítica frequente a esta forma de aproximação à cidade consiste na ideia de que em abono da competição, de investimentos financeiros, da modelação social e do capital, desvirtuam-se conceitos para campos meramente quantitativos e pragmáticos, consoante tendências de mercado e proposições de governos que não são produtores, como os habitantes e/ou turistas não são apenas consumidores e os lugares não são produtos.³¹⁹ A redução conceptual de um país a uma marca, condena assim a população a um mero corpo performativo num teatro onde se faz por representar a si própria da melhor forma possível na perspectiva de agradar a um grupo de interesse pré-determinado.

Segundo Simon Anholt, a última coisa que um país deveria querer é ser associado a uma marca, visto que corre o risco de reduzir toda a sua complexidade e pluralismo a uma fórmula unidimensional ingénua (definição convencional deste conceito), que constringe qualquer entidade a estereótipos e rótulos prejudiciais sem uma real compreensão da substância. Sendo assim, a definição primária de *brand* apesar de ser vista como parte da solução é na realidade um problema. O autor alega que o processo de *branding* deve partir dos *media* e da opinião pública e não do governo. Neste sentido, é necessária uma interação cultural entre países, uma plataforma de compreensão e interpretação multilateral que permita a outras culturas ter um percepção mais profunda, completa e democrática que se guie por valores reais e não por estereótipos fabricados, mercantilizados ou herdados.³²⁰

*In this crowded global marketplace, most people and organizations don't have time to learn much about other places. We all navigate through the complexity of the modern world armed with a few simple clichés, and they form the background of our opinions, even if we aren't fully aware of this and don't always admit it to ourselves: Paris is about style; Japan about technology; Switzerland about wealth and precision; Rio de Janeiro about carnival and football; Tuscany about the good life; and most African nations about poverty, corruption, war, famine, and disease.*³²¹

Toda esta panóplia de rótulos, positivos ou negativos, verdadeiros ou falsos,

³¹⁸ GRIFFITHS, R. apud *Ibidem*. p. 192

³¹⁹ *Ibidem*. p. 188

³²⁰ ANHOLT, S. (2011). *Beyond the Nation Brand: The Role of Image and Identity in International Relations*. p. 6

³²¹ *Ibidem*. p. 3



Merlion, símbolo nacional de Singapura. Ao fundo o hotel Marine Bay Sands, com as suas três torres, Safdie Architects.

tem uma carga simbólica inerente que influência e determina o imaginário de um indivíduo sobre um país, cultura e população. Apesar de se poder considerar uma avaliação *a priori* e inconsistente, é uma realidade que se deve enfrentar e procurar inverter, apesar da noção da dificuldade que é persuadir consciências para um entendimento mais completo em detrimento de primarismos e extrapolações sobre “verdades” e imagens pré concebidas. Sinal da injustiça supramencionada revela-se em cidades ou países progressistas que apesar do forte investimento, vêm os seus índices turísticos, económicos e de investimento estagnados derivado da sua frágil reputação internacional e ultrapassados por países que vivem da imagem positiva adquirida em épocas transatas, sem pouco ou nada fazerem na atualidade para merecer tal reconhecimento, caso da Itália e da China.³²² Não obstante, face a esta realidade Anholt salienta (...) *one of the areas where Italy is increasingly failing to make a connection with global public opinion is in the area of its environmental standards and commitment: worse than being perceived as just another country that isn't doing very much about climate change, it is perceived as a country with a hugely important natural and cultural heritage that isn't doing enough to look after it. (...) and China's image is dragged down even more markedly by its weak scores for governance and human rights.*³²³

A ambição de construir uma reputação real, ajustada e atrativa, por forma a elevar o bom nome da nação, é uma das principais características que um governo deve procurar em pleno século XXI e que o governo de Singapura tão bem soube explorar.³²⁴

*(...)if the world's governments placed even half the value which most wise corporations have learned to place on their good names, the world would be a safer and quieter place than it is today.*³²⁵

Em Singapura, tem-se verificado um esforço do governo no investimento em pseudoculturas e símbolos como o *Merlion*, figura popular, metade leão, metade peixe, de parques temáticos como a reconstrução da *Bugis Street*, e reconstruções artificiais de tecido urbano que tentam gerar uma nova identidade visual.

Such images create, essentialize and caricaturize the Orient, and the

³²² *Idem.*

³²³ *Ibidem.* p. 5

³²⁴ *Ibidem.* p. 4

³²⁵ *Idem.*

*images do not correspond to empirical reality and reduce the significance of the varieties of language, culture, social forms and political structures in the so-called Orient.*³²⁶

A devastação perpetrada pelo planeamento moderno, a estruturação da habitação pública e o desenvolvimento desacerbado deixaram Singapura com pouco mais que uma fabricada e sobre regulada imagem de cidade. Neste processo, a cidade foi despida da sua vitalidade, espontaneidade e caos, características que persistem em cidades asiáticas como Hong Kong, Bangkok, Tóquio ou Shangai que aparecem como exemplos mais vibrantes e autênticos.³²⁷

O perfil dos turistas que visitam Singapura tem vindo a mudar drasticamente. Agora, caracteriza-se por classes de meia-idade asiáticas que procuram mais ofertas relacionadas com a gastronomia e comércio locais que propriamente hotéis de luxo e golf. Muitos exigem uma oferta cultural mais estridente e variada. Nesta perspetiva, Singapura tem procurado sustentar tais demandas introduzindo políticas e diretivas que orientam o desenvolvimento nacional no sentido das requisições externas e valores mais universais como a responsabilidade social e ambiental, saúde, sustentabilidade, progresso, inovação, confiança e qualidade.³²⁸

*The three National Museums of Singapore (...) were founded in 1997 through a tourism blueprint to make Singapore more oriental and more attractive to tourists. Each of these museums constructs different Singaporean identities. The SHM³²⁹ establishes Singapore as a unique country in Southeast Asia, the SAM³³⁰ presents Singapore as Southeast Asian and as the cultural centre of the region, and the ACM³³¹ traces Singaporeans' ancestral roots to China, India and the Middle East and celebrates different Singaporeans' ethnic identities.*³³²

Singapura emerge assim como o resultado das drásticas mudanças decorrentes da globalização nas últimas décadas de onde surgiram países em desenvolvimento que produziram alternativas exóticas aos secularizados arquétipi-

³²⁶ OOI, C.-S. (2005, May). *Orientalist Imaginations and Touristification of Museums: Experiences from Singapore*. p. 4

³²⁷ LIM, W. S. W. *op. cit.* p. 135

³²⁸ *Ibidem.* p. 169

³²⁹ *Singapore History Museum.*

³³⁰ *Singapore Art Museum.*

³³¹ *Asian Civilizations Museum.*

³³² OOI, C.-S. *op. cit.* p. 2



Vista aérea de Singapura.

pos europeus e ao próprio conceito clássico de cidade. Desafiando o pulsar do tempo, estes novos organismos urbanos proliferaram por entre África e Ásia, prosperando em contextos específicos, determinados por condições políticas, económicas, territoriais e culturais diferentes da realidade ocidental.

Em verdade, o que se constata, é que a cidade-estado tem história, uma história que apesar da sua imagística artificial, não só não é estéril, como representa uma realidade que não se constringe apenas a uma região geopolítica podendo identificar-se no léxico de muitas cidades ocidentais.³³³

*(...) the city-state is a kind of semantic laboratory where perplexing issues that define our age, such as racial coexistence, were tested before they became huge impasses or crises in our continent.*³³⁴

³³³KOOLHAAS, R. (2010). *Singapore Songlines Ritratto di una metropoli Potemkin... o trent'anni di tabula rasa* [Em linha].

³³⁴ *Idem.*

Considerações finais

*Numa espécie de mórbida ingenuidade, extirpamos o órgão e exigimos a sua função. Produzimos homens sem peito e esperamos deles virtude e iniciativa. Troçamos da honra e chocamo-nos ao encontrar traidores entre nós. Castramos e ordenamos que os castrados sejam férteis.*³³⁵

Desde os seus primórdios, Singapura caracterizou-se pela condensação de diferentes crenças, valores, culturas e etnias, numa atitude que resultou na diluição de todas estas coordenadas, produzindo uma organização social em que nenhuma delas se encontra presente com toda a sua força, nem contribui com tudo aquilo que é. Esta combinação de opostos, por vezes hostis, derivou num ambiente tão complexo quanto singular. No tramo desta realidade personagens como Lee Kuan Yew (1923-2015) surgiram como o suplemento parental ao eclipse paterno da então cidade portuária onde, num equilíbrio instável vingaram variáveis como o capitalismo e os valores asiáticos. Este modelo viria a inspirar a filosofia que moldou os contornos de países como a China dos tempos hodiernos³³⁶ onde mais do que a ideologia, prevaleceu o pragmatismo radical. *Does it work? If it works, let's try it. If it's fine, let's continue it. If it doesn't work, toss it out, try another one.*³³⁷

Dentro do universo de termos utilizados na construção desta reflexão, destacaram-se (sem ordem de apresentação) conceitos como cidade global, identidade, autenticidade, imagem, património, prestígio, sustentabilidade e reconhecimento, conceitos que marcaram o percurso histórico não linear de Singapura. Existe, no entanto, um grau de instabilidade inerente a tais conceitos que deve ser desconstruído com vista a uma mais fidedigna compreensão da problemática em análise. Tomando por exemplo o caso da identidade do objeto, se se recorrer à análise deste artefacto linguístico no horizonte estruturalista, o que se verifica é que este funciona dentro de um sistema de relações com outros artefactos culturais e é no seu papel no sistema e na sua

³³⁵ LEWIS, C. S. (2005). *A Abolição do Homem*. p. 13

³³⁶ *For China, that high praise might actually be underestimating Lee's importance. After the death of Mao Zedong, Beijing's leaders knew that Maoist philosophy was not the way forward for China – but they were loath to adopt Western alternatives such as democracy and a free market economy. In Lee's Singapore, Chinese leaders found an alternative path, a path they could sell as being uniquely suited for Asian (or "oriental," as China's FM put it) values. That choice, to combine economic reforms with authoritarianism, shaped China as we know it today.* TIEZZI, S. (2015). *Lee Kuan Yew: The Father of Modern China?*

³³⁷ *Idem.*

articulação com outros signos que se dita o seu significado aparente. Portanto, o processo de significação da palavra identidade, longe de ser um corpo inerte, deve ser compreendido como um organismo paramétrico dentro de uma estrutura sincrónica, que compreende o estado de relações diretas com outros artefactos e de uma estrutura diacrónica, que compreende o percurso histórico e a tradição contextual. No entanto, esta aproximação ao problema pode ser rebatida por uma narrativa pós moderna que defenda que a intenção de criar significados, sob a máscara bem-intencionada da aparente unidade e consenso, funciona como instrumento de repressão e de controlo da sociedade. À tentativa de definição do objeto, é imputada uma causa de perversa submissão da complexidade na medida em que para que dois objetos sejam tratados como iguais seja necessária a omissão das suas desigualdades, tentando assim contra a realidade da diferença. O antídoto contra esta premissa é pois o reconhecimento da alteridade e das múltiplas latitudes do *outro*.³³⁸

Retornando ao retrato do percurso pós colonial de Singapura, verifica-se que o discurso relativo começou por adquirir um corpo próprio e a construir uma opinião que, apesar do distanciamento, se afunilou naquilo que têm sido os dogmas da crítica contemporânea, um discurso dito impoluto onde se manifesta um cinismo realista que recai invariavelmente na imanência de uma pauta orientalista que reivindica a necessidade do artefacto lapidado, da exaltação religiosa do autêntico e do retorno às raízes, condenando tudo e todo o seu contrário. Traços de um sistema doutrinário paternalista e condescendente que, apesar da aparência liberal, contamina e reprime o objeto em análise, tendo uma ingerência direta na sua petrificação. Caso empírico comprovativo do grau de influência destas matérias é a atual demanda pela recuperação da autenticidade em Singapura que se tornou parte da agenda governativa. À superfície, esta postura poética do nobre retorno ao *eu* primitivo num processo de revirginização, é em verdade um mecanismo de resposta ao fetichismo ocidental pois é precisamente parte da sua cultura local não repetir sempre a mesma história, mudando consoante as circunstâncias correntes. E esta é também uma forma de tradição contrastante com a obsessão ocidental pelo autêntico, e pelo determinismo do vernáculo original. É aqui que se in-

³³⁸ A falácia deste argumento é que, se levado ao extremo, incorre na crítica da própria base da linguagem, motivando a imobilidade e a consecutiva manutenção do estado de coisas criticado.

corre num paradoxo curioso. Esta aparente atitude corruptiva e obscena de fabricação e adaptação é em verdade, muito mais autêntica e menos artificial que a ideia de permanecer com o pernicioso anacronismo da recaptura do passado das lides marítimas. Esta máquina de produzir ficções simbólicas é, em última instância, o dispositivo que sustem o aparato lógico que organiza a realidade de Singapura tendo-se tornado parte da sua substância.

O que se procurou mostrar foram portanto as sombras de diferença na aproximação a uma realidade que não se restringe meramente aos edifícios invíveis construídos pela crítica que, reiteradamente, converge na depreciação mais ou menos gratuita dos processos de *tabula rasa* e na forma como o património histórico e ambiental foi manipulado e branqueado sob motivações políticas e económicas. Proposições que sustentam um discurso que reivindica a alegada falta de espessura histórica de cidades como Singapura para justificar o seu défice de identidade e consequente imagem artificial com nomações sugestivas e perversas como *Potenkin Metropolis*³³⁹ e *Disneyland with Death Penalty*³⁴⁰. A principal crítica que faziam a Singapura era, curiosamente, o maior elogio que faziam a si mesmos; ora, parece haver aqui uma estranha injustiça na ininterrupta insistência neste argumentário.³⁴¹

Não pondo todavia em causa a validade dos diagnósticos e prescrições feitas, constata-se que estes pareceres, sendo compreensíveis, visam apenas metade de uma problemática dual, que não deve ser resumida estritamente à presença mas também à não presença. Para se perseguir uma ideia de totalidade é portanto necessária uma visão estereoscópica que jogue com esta dicotomia, sendo que por não-presença entenda-se as implicações indiretas, o que é dito sem ser dito, e que atribui um sentido implícito à presença. Na tradição dialética hegeliana, o conceito de totalidade envolve tanto aquilo que é como aquilo que não é ou que já foi, o excluído, o ausente. Seguindo assim numa análise dialética, não se almeja apenas um sentido holista de totalidade harmónica, dado que a dialética não é holista. Não se trata portanto de olhar para os fenómenos como se fossem hermeticamente isolados e analisá-los; isso não chega; o que se deve fazer é integrar num certo conceito todas as suas negações, falsificações, erros, contradições, fraturas e omissões. De modo a se atingir uma compreensão mais completa da(s) identidade(s) de Singapura é pois necessária uma noção universal que olhe para o outro lado, o negati-

³³⁹ KOOLHAAS, R.; MAU, B. *op. cit. vide capa*.

³⁴⁰ GIBSON, W. (1993). *Disneyland with the Death Penalty*.

³⁴¹ CHESTERTON, G. K. (2008). *Ortodoxia*. p. 126

vo como uma contingência (ser possível não ser) e como uma possibilidade (ser possível ser), pois a história move-se por entre erros, erros necessários (não ser possível não ser) que são parte da noção fundamental do todo. Tentar portanto imputar responsabilidades a uma entidade específica não é só a abordagem mais fácil, como impede uma análise profunda de um mundo globalizado onde estes fenómenos se multiplicam.

Para além dos instintos primários de sobrevivência ou autopreservação e das razões económicas, o fenómeno do desenvolvimento da cidade-estado pode ser também compreendido por vias de um processo inerente a toda a civilização e definido por Hegel como a luta pelo reconhecimento.³⁴² Este domínio aparentemente lateral à teoria da história da humanidade é, segundo Francis Fukuyama, o motor do progresso nos termos em que todos os grandes fenómenos da história podem ser interpretados: pela ambição de reconhecimento nos indivíduos, revendo-se na formulação da relação mestre/escravo; na definição da revolução francesa; na implantação da democracia liberal ou na ambição de uma nação em ser valorizada. Fukuyama a propósito desta questão defende que *recognition is the central problem of politics because it is the origin of tyranny, imperialism, and the desire to dominate. But while it has a dark side, it cannot simply be abolished from political life, because it is simultaneously the psychological ground for political virtues like courage, public-spiritedness, and justice.*³⁴³

As análises meramente económicas de uma sociedade não são de todo satisfatórias na medida em que o homem não é simplesmente um animal económico. De acordo com Hegel, o que realmente satisfaz o ser humano como agente moral não é tanto a prosperidade material mas o reconhecimento do seu *status* e dignidade e isso é o que realmente preenche a parte da alma que exige

³⁴² *The desire for recognition may at first appear to be an unfamiliar concept, but it is as old as the tradition of Western political philosophy, and constitutes a thoroughly familiar part of the human personality. It was first described by Plato in the Republic, when he noted that there were three parts to the soul, a desiring part, a reasoning part, and a part that he called thymos, or "spiritedness." Much of human behavior can be explained as a combination of the first two parts, desire and reason: desire induces men to seek things outside themselves, while reason or calculation shows them the best way to get them. But in addition, human beings seek recognition of their own worth, or of the people, things, or principles that they invest with worth. The propensity to invest the self with a certain value, and to demand recognition for that value, is what in today's popular language we would call "self-esteem." The propensity to feel self-esteem arises out of the part of the soul called thymos. It is like an innate human sense of justice. People believe that they have a certain worth, and when other people treat them as though they are worth less than that, they experience the emotion of anger.* FUKUYAMA, F. (1992). *The End of History and the Last Man*. p. 5

³⁴³ *Ibidem*. p. 8

reconhecimento, e que se define por *thymos*³⁴⁴, a par da razão e do desejo.³⁴⁵

Já Platão constatava que *a cidade justa era aquela em que as três partes da alma se sentissem realizadas, estivessem em equilíbrio sob a égide da razão. Era extremamente difícil obter o regime perfeito, por ser necessário satisfazer simultaneamente o homem total: a sua razão, o desejo e o thymos. Mas, mesmo que não fosse possível nos regimes existentes satisfazer totalmente o homem, o melhor regime oferecia um padrão pelo qual se poderiam aferir os regimes existentes.*³⁴⁶ A introdução desta variável é importante na medida em que Singapura depois de 50 anos de construção de um estatuto económico de primeiro mundo e após garantida (mesmo que virtualmente) a sua auto-preservação, pode por fim almejar a algo mais que apenas a sustentabilidade racional dos seus processos (desejo e razão). A lógica do *thymos* procura abrir espaço para uma reflexão sobre o estado atual da cidade-estado que se considera com margem de progressão para lutar por outros valores ou sistemas de organização social que não têm propriamente de entrar em conflito com os proclamados valores asiáticos como o comprovam países congéneres como a Coreia do Sul e Taiwan.³⁴⁷ Portanto, a pergunta que se impõe é: o que é que Singapura quer?

Mediante a resposta, disciplinas como a arquitetura vão desempenhar a sua função na reforma do país, reforma que segundo Chesterton sugere uma forma que pressupõe a tentativa de enformar o mundo conforme uma certa imagem ou ideal. Conceito distinto do da evolução que assenta no mero desenvolvimento automático e do progresso, mero avanço pela estrada fora que nem será, provavelmente, a estrada mais adequada.³⁴⁸ Em suma, ao invés de querer mudar o ideal para se adequar à realidade, Singapura corporiza uma postura muito mais audaz, a vontade de querer transformar a realidade para se adequar ao seu ideal.

³⁴⁴ *O thymos e o “desejo de reconhecimento” são, em certa medida, diferentes, porquanto o primeiro se refere à parte da alma que confere valor aos objetos, enquanto o último constitui uma atividade do thymos, que exige que essa valorização seja partilhada por outra consciência. O desejo de um sujeito em ser reconhecido como superior ao outro (para o bem ou para o mal) denomina-se de megalothymia enquanto que o desejo do sujeito em ser reconhecido como igual ao outro denomina-se de isothymia. FUKUYAMA, F. (1992). *O Fim da História e o Último Homem*. p. 170*

³⁴⁵ FUKUYAMA, F. *op. cit.* p. 4

³⁴⁶ FUKUYAMA, F. *op. cit.* p. 322

³⁴⁷ No plano das “afinidades eletivas”, é de ressaltar o facto de, atualmente as formas mais dinâmicas de capitalismo surgirem precisamente de onde não existe democracia liberal como comprovam os casos da China e Singapura com o “socialismo de mercado” e o “capitalismo autoritário”, também conhecido por capitalismo com valores asiáticos.

³⁴⁸ CHESTERTON, G. K. *op. cit.* p. 150

Bibliografia**monografias**

ABRAMS, C.; KOBE, S.; KOENINGSBERG, O. (1963). *Growth and Urban Renewal in Singapore*. Report to the United Nations.

ANHOLT, S. (2010). *Place Branding and Public Diplomacy*. New York: Palgrave Macmillan. pp 1-10.

ARENDDT, H. (2006). *Entre o passado e o futuro : oito exercícios sobre o pensamento político*. Lisboa: Relógio d'Água.

BAUDRILLARD, J. (1991). *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D'Água.

BAUMAN, Z. (2013). *Europa Líquida*. Funchal: Nova Delphi.

BAUMAN, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor.

BELL, D.; DE-SHAFITT, A. (2011). *The Spirit of Cities*. Princeton: Princeton University Press.

BENEVOLO, L. (1983). *História da Cidade*. São Paulo: Perspectiva.

BENEVOLO, L.; ALBRECHT, B. (2004). *As Origens da Arquitectura*. Lisboa: Edições 70.

BERMAN, M. (1982). *Tudo o que é sólido desmancha no ar. A Aventura da Modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.

BORGES, J. L. (1981). *Funes the Memorious, Labyrinths*. London: Penguin.

CAMUS, A. (2013). *O Mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*. Lisboa: Livros do Brasil.

CASTELLS, M. (1999). *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra.

CASTELLS, M. (2011). *A Era da Informação*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.

CHESTERTON, G. K. (2008). *Ortodoxia*. Lisboa: Alétheia Editores.

CHU, P. (2014). *Migration and the Politics of Multiculturalism in Singapore*. Singapore: Singapore Policy Journal.

- CONFÚCIO. (2010). *Os analectos de Confúcio*. Lisboa: Sociedade Editora de Livros de Bolso.
- DAN, Y. (2009). *Os ensinamentos de Confúcio: a sabedoria antiga no mundo actual*. Lisboa: Presença.
- DEBORD, G.; JOFRE, P. (2003). *A Sociedade do Espectáculo*. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>
- DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. (2008). *Singapore An atlas of Perpetual Territorial Transformation*. Singapore: NUS Press.
- DE KONINCK, R. (1990, Sep.). *Singapore on the Revolution of Territory. Part One: the Hypothesis*. Québec: Université Laval.
- DELRUELLE, E. (2004). *Metamorfoses do Sujeito*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ECO, U. (1986). *Travels in hyper reality*. Orlando: Harcourt Brace Jovanovich.
- ECO, U. (2000). *Tratado de Semiótica General*. Barcelona: Editorial Lumen.
- FUKUYAMA, F. (1992). *O Fim da História e o Último Homem*. Lisboa: Gradiva - Publicações.
- FOCAULT, M. (1984, Oct.). *Of Other Spaces: Utopias and Heterotopias*. Architecture/ Mouvement/ Continuité.
- FOCAULT, M. (2007). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes.
- HASSAN, R. (1976). *Singapore: Society in Transition*. Kuala Lumpur: Oxford University Press.
- HATCH, M.; SCHULTZ, M. (2002). *The dynamics of organizational identity*. London: Sage Publications. pp. 989-1018.
- HEGEL, G. W. F. (1988). *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Editora Vozes.
- HEIDEGGER, M. (2012), *Caminhos de Floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- HERRLE, P.; SCHMITZ, S. (2009). *Constructing Identity in Contemporary Architecture: Case Studies from the South*. Berlin: Lit.
- HO, K. C. (2006, Abril). *Where do community iconic structures fit in a globalizing city?*. Singapore: National University of Singapore.

- HWEE, Y. L.; TURNER, B. (2015). *50 Years of Singapore-Europe Relations: Celebrating Singapore's Connections with Europe*. Singapore: World Scientific Publishing.
- HUXLEY, A. (1979). *Admirável Mundo Novo*. Porto Alegre: Editora Globo.
- KAVARATZIS, M.; ASHWORTH, G. J. (2006). *City branding: An effective assertion of identity or a transitory marketing trick?*. New York: Palgrave Macmillan. pp. 183-194.
- KAVARATZIS, M.; HATCH, M. J. (2013) *The dynamics of place brands: An identity-based approach to place branding theory*. Sage journals.
- KOOLHAAS, R. [et. al.]. (2000). *Mutaciones*. Actar.
- KOOLHAAS, R.; MAU, B. (1995). *S, M, L, XL*. Rotterdam: 010 Publishers.
- LAU, L. (2005). *The Rise of the Major Maritime Hub. Maritime Heritage of Singapore*. Singapore: Suntree Media.
- LEACH, N. (2005). *A Anestésica da Arquitectura*. Lisboa: Antígona.
- LÉVI-STRAUSS, C. (2012). *A Outra Face da Lua*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- LEWIS, C. S. (2005). *A Abolição do Homem*. São Paulo: Martins Fontes.
- LIM, W. S. W. (2012). *Incomplete Urbanism: A Critical Urban Strategy for Emerging Economies*. Singapore: World Scientific Publishing.
- LIM, W. S. W.; J.-H. C. (2012). *Non West modernist past: on architecture & modernities*. Singapore: World Scientific Publishing.
- LIM, W. S. W. (2005). *Asian Ethical Urbanism: A Radical Postmodern Perspective*. Singapore: World Scientific.
- LIM, W. S. W. (2008). *Asian Alterity: With Special Reference to Architecture and Urbanism Through the Lens of Cultural Studies*. Singapore: World Scientific Publishing.
- LIPOVETSKY, G. (2009). *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LIU, G. (2013). *Singapore: A Pictorial History, 1819-2000*. Routledge.
- LYNCH, K. (2009). *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.

- MARCUSE, H. (2011). *O Homem Unidimensional*. Lisboa: Livraria Letra Livre.
- MARX, K.; ENGELS, F. (Feb. 1948). *Manifesto of the Communist Party*. Moscow: Progress Publishers.
- MOTE, F. W. (1973). *A Millenium of Chinese Urban History: Form, Time, and Space Concepts in Soochow*. Houston: Rice University.
- NIETZSCHE, F. (2008). *Além do Bem e do Mal*. Lisboa: Guimarães Editores.
- NIETZSCHE, F. *O Livro do Filósofo*. São Paulo: Escala.
- OLINS, W. (2014). *Brand New The Shape of Brands to Come*. Londres: Thames & Hudson.
- OOI, C.-S. (2005, May). *Orientalist Imaginations and Touristification of Museums: Experiences from Singapore*. Copenhagen: Asian Research Center; Copenhagen Business School.
- ORWELL, G. (2007). *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*. Lisboa: Antígona.
- PORTAS, N. (2007). *A Cidade como Arquitectura: apontamentos de método e crítica*. Lisboa: Livros Horizonte.
- RAJARATMAN, S. (1972, February). *Singapore: Global City*. Singapore: Singapore Press Club.
- RYCKMANS, P. (1989). *The Chinese Attitude Towards the Past*. Canberra: Australian National University.
- RODRIGUES, J. M.; [et. al.]. (2010). *Teoria e Crítica da Arquitectura - Século XX*. Lisboa: Ordem Arquitectos; Caleidoscópio.
- RUSHDIE, S. (1995). *O Último Suspiro do Mouro*. Lisboa: Dom Quixote.
- SAID, E. (2013). *Orientalismo*. Lisboa: Livros Cotovia.
- SASSEN, S. (2005, Winter/Spring). *The Global City: Introducing a Concept*. Journal of World Affairs. pp. 27-43
- SASSEN, S. (1991). *The Global City*. Princeton: Princeton University Press.
- SUSSER, I. (2001). *La Sociologia Urbana de Manuel Castells*. Madrid: Alinza Editorial.
- TAVARES, G. M. (2013). *Atlas do Corpo e da Imaginação*. Alfragide: Ca-

minho.

VENTURI, R. (1995). *Complexidade e contradição em arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes.

YEW, L. K. (2000). *From Third World to First*. Nova Iorque: HarperCollins Publishers.

YUEN, B. (1998). *Planning Singapore: From Plan to Implementation*. Singapore: NUS Press.

YUEN, B. (2007). *Guiding Spatial Changes: Singapore Urban Planning*. Singapore: NUS Press.

ŽIŽEK, S. (1996). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto.

ŽIŽEK, S. (2006). *Bem-vindo ao Deserto do Real*. Lisboa: Relógio D'Água.

ŽIŽEK, S. (2011). *Em defesa das causas perdidas*. São Paulo: Boitempo Editorial.

Contribuições em Monografia

ANHOLT, S. (2011). *Beyond the Nation Brand: The Role of Image and Identity in International Relations*. In *Exchange: The Journal of Public Diplomacy*: Vol. 2: Iss. 1, Article 1.

ANHOLT, S. (2004). *Branding places and nations*. In CLIFTON, R.; SIMMONS, J. *Brands and Branding (The Economist Series)*. London: Profile Books. pp. 213-226.

BANHAM, R. (1972). *L'effet Wampanoag en architecture*. In *Le sens de la ville*. Paris: Éditions du Seuil. pp. 61-85.

BANDEIRINHA, J. A.; FIGUEIRA, J. *Anos 60-70*. In RODRIGUES, J. M.; [et. al.]. (2010). *Teoria e Crítica da Arquitectura - Século XX*. Lisboa: Ordem Arquitectos; Caleidoscópio.

BENJAMIN, G. *The Cultural Logic of Singapore's Multiracialism*. In HASSAN, R. (1976). *Singapore: Society in Transition*. Kuala Lumpur: Oxford University Press.

EICK, A. V. (1961). *Team 10*. In RODRIGUES, J. M.; [et. al.]. (2010). *Teoria e Crítica da Arquitectura - Século XX*. Lisboa: Ordem Arquitectos; Ca-

leidoscópico.

FRAMPTON, K. (1983). *Em Direcção a um Regionalismo Crítico: seis pontos para uma arquitectura de resistência*. In RODRIGUES, J. M.; [et. al.]. (2010). *Teoria e Crítica da Arquitectura - Século XX*. Lisboa: Ordem Arquitectos; Caleidoscópico.

GRANDE, N. *Anos 80: (Re/Des)construindo a Modernidade*. In RODRIGUES, J. M.; [et. al.]. (2010). *Teoria e Crítica da Arquitectura - Século XX*. Lisboa: Ordem Arquitectos; Caleidoscópico.

HEIDEGGER, M. *A Origem da Obra de Arte*. In HEIDEGGER, M. (2012). *Caminhos de Floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

HALL, S. (2000). *Who needs 'identity'?*. In DU GAY, P.; EVANS, J.; REDMAN, P. *Identity*. London: Sage Publications in association with the Open University.

HOWARD, E. *A Ideia da Cidade*. In RODRIGUES, J. M.; [et. al.]. (2010). *Teoria e Crítica da Arquitectura - Século XX*. Lisboa: Ordem Arquitectos; Caleidoscópico.

LEFEBVRE, H.; LEVICH, C. (1987). *Everyday Life*. In Yale French Studies, No. 73. Yale University Press. pp. 7-11.

KEUNG, J. *Planning for Sustainable Urban Development: The Singapore Approach*. In YUEN, B. (1998), *Planning Singapore: From Plan to Implementation*. Singapore: NUS Press.

KOOLHAAS, R. (1987). *Em Direcção à Cidade Contemporânea*. In RODRIGUES, J. M.; [et. al.]. (2010). *Teoria e Crítica da Arquitectura - Século XX*. Lisboa: Ordem Arquitectos; Caleidoscópico.

KUROKAWA, K. (1977). *Metabolismo na Arquitectura*. In RODRIGUES, J. M.; [et. al.]. (2010). *Teoria e Crítica da Arquitectura - Século XX*. Lisboa: Ordem Arquitectos; Caleidoscópico.

PHILIPS, John. *The future of the past*. In HASSAN, R. (1976). *Singapore: Society in Transition*. Kuala Lumpur: Oxford University Press.

SENG, E. *Politics of Greening: Spatial Constructions of the Public in Singapore*. In LIM, W. S. W. (2004). *Non West modernist past: on architecture & modernities*. Singapore: World Scientific Publishing.

SENG, E. *Utopia or Euphoria? Six Sites of Resistance in Disneyland and Singapore*. In APOSTOL, I. (2004). *Citizenship and the transformations of the public*. Berkeley: Center for Environmental Design Research, University of California.

SMITHSON, A.; SMITHSON, P. (1962). *Team 10*. In RODRIGUES, J. M.; [et. al.]. (2010). *Teoria e Crítica da Arquitectura - Século XX*. Lisboa: Ordem Arquitectos; Caleidoscópio.

teses, dissertações e outras provas académicas

FURLUND, E. B. (2008). *Singapore, from third world to first world country*. Trondheim: Norwegian University of Technology and Science. Prova Final de Mestrado apresentada ao Departament of Geography.

artigos e outras contribuições em documentos electrónicos: publicações em série

CHANG, R. (2013, Fev. 1). *Plan to grow space for rising population* [Em linha]. Strait Times. [Consult. 18 Out. 2015]. Disponível em: <http://ifonlly-singaporeans.blogspot.pt/2013/02/land-use-plan.html>

CHEUNG, G. (2015, Aug. 08). *Frenemy cities: a look at Hong Kong, Singapore's rivalry and partnership as Lion City marks key anniversary* [Em linha]. South China Morning Post. [Consult. 18 Out. 2015]. Disponível em: <http://www.scmp.com/news/hong-kong/economy/article/1847695/hong-kong-and-singapores-transformations-story-both-rivalry>.

FUKUYAMA, F. (1992). *The End of History and the Last Man* [Em linha]. London: Penguin. [Consult. 27 Abril, 2016]. Disponível em: <https://www.marxists.org/reference/subject/philosophy/works/us/fukuyama.htm>.

GIBSON, W. (1993). *Disneyland with the Death Penalty* [Em linha]. Wired. [Consult. 18 Out. 2015]. Disponível em: <http://www.wired.com/1993/04/gibson-2/>.

History SG. (2015). *Singapore's First Concept Plan Complete* [Em linha]. [Consult. 18 Out. 2015]. Disponível em: <http://eresources.nlb.gov.sg/history/events/c4c0b6bf-d674-4851-a3d4-fcc0b9d785d2>.

History SG. (2015). *Singapore's First Concept Plan Complete* [Em linha]. [Consult. 18 Out. 2015]. Disponível em: <http://eresources.nlb.gov.sg/history/events/c4c0b6bf-d674-4851-a3d4-fcc0b9d785d2>.

KOOLHAAS, R. (2010). *Singapore Songlines Ritratto di una metropoli Potemkin... o trent'anni di tabula rasa* [Em linha]. Macerata: Quodlibet. [Consult. 18 Out. 2015]. Disponível em: https://stuff.mit.edu/afs/athena/course/11/11.337/www/MIT_Workshop_Material/MIT_Workshop_Material/readings/Singapore%20Songlines%20Italian%20Intro.pdf.

LOW, D. (2013, Jun.). *Rethinking Singapore Housing Policies* [Em linha]. Today. [Consult. 18 Out. 2015]. Disponível em: <http://www.todayonline.com/commentary/rethinking-singapores-housing-policies>.

Ministry of National Development. (2013, Jan.). *A High Quality Living Environment for All Singaporeans* [Em linha]. [Consult. 9 Jan. 2016]. Disponível em: <http://www.mnd.gov.sg/landuseplan/e-book/index.html#/1/>.

National Library Board Singapore. *G. D. Coleman* [Em linha]. [Consult. 18 Nov. 2015]. Disponível em: http://eresources.nlb.gov.sg/infopedia/articles/SIP_134_2004-12-10.html.

TAN, K.-M. T. *After the Tabula Rasa: Nodal City Singapore* [Em linha]. [Consult. 18 Out. 2015]. Disponível em: http://www.lucasjodogne.net/artic_in2.htm.

The Economist. (2013, Mar 10). *Bamboo capitalism* [Em linha]. [Consult. 18 Out. 2015]. Disponível em: <http://www.economist.com/node/18332610>.

TIEZZI, S. (2015). *Lee Kuan Yew: The Father of Modern China?* [Em linha]. The Diplomat. [Consult. 10 Maio, 2016]. Disponível em: <http://thediplomat.com/2015/03/lee-kuan-yew-the-father-of-modern-china/>.

Urban Redevelopment Authority. (2016). *Introduction to Concept Plan* [Em linha]. [Consult. 18 Out. 2015]. Disponível em: <https://www.ura.gov.sg/uol/concept-plan.aspx?p1=View-Concept-Plan>.

Urban Redevelopment Authority. (2016). *Introduction to Master Plan* [Em linha]. [Consult. 18 Out. 2015]. Disponível em: <https://www.ura.gov.sg/uol/master-plan/view-master-plan/Introduction-to-Master-Plan.aspx>.

WAKELY, P. (1999, Jan.). *Cities of light from slums darkness* [Em linha]. The guardian. [Consult. 18 Out. 2015]. Disponível em: <http://www.the->

guardian.com/news/1999/jan/26/guardianobituaries1.

ZAKAREVICIUS, P.; LIONIKAITE, J. (2013). *The most common elements among the place* [Em linha]. In *Organizacijų Vadyba: Sisteminiai Tyrimai*. [Consult. 21 Fev. 2016]. Disponível em: https://eltaipykla.vdu.lt/bitstream/handle/1/1067/ISSN2335-8750_2013_N_67.PG_143-160.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

ZHANG, T.-T.; TAN, W. *The Good the Bad and the Utilitarian: Singapore's Schizophrenic Urbanism* [Em linha]. [Consult. 18 Out. 2015]. Disponível em: http://www.textbild.com/download/Tan_Zhang.pdf.

outras fontes electrónicas consultadas

Air-Conditioned Nation. <http://www.airconditionednation.com/>

History SG. <http://eresources.nlb.gov.sg/history>.

National Library Board Singapore. <http://eresources.nlb.gov.sg/infopedia/index.htm>

National Museum of Singapore. <http://nationalmuseum.sg/>.

The Strait Times. <http://www.straitstimes.com/global>.

Urban Redevelopment Authority. <https://www.uragov.sg/uol/>.

Fontes de imagens

- (p. 18) DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. (2005). *Singapore An atlas of Perpetual Territorial Transformation*. Singapore: NUS Press.
- (p. 20) LIU, G. (2013). *Singapore: A Pictorial History, 1819-2000*. Routledge.
- (p. 20) LIU, G. (2013). *Singapore: A Pictorial History, 1819-2000*. Routledge.
- (p. 24) Disponível em: <http://time.com/3749975/lee-kuan-yew/>.
- (p. 26) FOCAULT, M. (2007). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes.
- (p. 28) Bishan park, atelier dreiseitl. Disponível em: <http://www.landezine.com/index.php/2012/06/kallang-river-at-bishan-ang-mo-kio-park-by-atelier-dreiseitl/bishan-park-by-atelier-dreiseitl-landscape-architecture-02/>.
- (p. 30) Disponível em: https://www.google.pt/search?q=gardens+by+the+ba+y&espv=2&biw=1920&bih=955&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi5v6mrr6XNAhVBVhoKHUgvC1QQ_AUIBigB#imgrc=iFsekhjdjpmomwM%3A.
- (p. 30) Disponível em: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/a2/30/16/a23016fee79bc4b1d9056f95852e9544.jpg>.
- (p. 32) Disponível em: <http://www.ourawesomeplanet.com/awesome/2014/11/sentosa-planning-guide-to-the-sentosa-fun-pass.html>.
- (p. 32) SENG, E. *Utopia or Euphoria? Six Sites of Resistance in Disneyland and Singapore*. In APOSTOL, I. (2004). *Citizenship and the transformations of the public*. Berkeley: Center for Environmental Design Research, University of California.
- (p. 34) DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. (2005). *Singapore An atlas of Perpetual Territorial Transformation*. Singapore: NUS Press.
- (p. 36) Disponível em: https://www.google.pt/search?q=Arab+street,+Singapore&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi8_PGVjrfNAh-WH2ywKHRXZC88Q_AUICCGb&biw=1745&bih=868#imgrc=amvfOjrUUhfcM%3A.
- (p. 36) Disponível em: <http://www.thousandwonders.net/Sri+Veeramakaliamman+Temple>.

(p. 38) Disponível em: <https://zwubin.wordpress.com/2010/09/18/unphotographable-2002-06-tay-kay-chin/>.

(p. 40) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bOM1947ek2k>.

(p. 40) Disponível em: <http://news.asiaone.com/news/singapore/pm-lee-refutes-sisters-claims-establishing-dynasty-after-lee-kuan-yews-death>.

(p. 44) Disponível em: <https://www.artnet.com/auctions/artists/andreas-gursky/singapore-ii>.

(p. 52) Disponível em: https://www.google.pt/search?q=Jean-L%C3%A9on+G%C3%A9r%C3%B4me,+O+encantador+de+serpentes,&espv=2&biw=1920&bih=955&site=webhp&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjqnOuat6XNAhWKuhoKHeULDV8Q_AUIBigB#imgrc=EWjx9VJULEyfhM%3A.

(p. 56) MOTE, F. W. (1973). *A Millenium of Chinese Urban History: Form, Time, and Space Concepts in Soochow*. Houston: Rice University.

(p. 60) MOTE, F. W. (1973). *A Millenium of Chinese Urban History: Form, Time, and Space Concepts in Soochow*. Houston: Rice University.

(p. 60) Disponível em: <http://www.detail.de/inspiration/technik-die-werks-taetten-am-grosschrein-von-ise-106460.html>.

(p. 66) Disponível em: <http://foundily.com/50-rare-photos-of-stunning-old-singapore-that-you-may-not-have-seen-before/>.

(p. 70) ABRAMS, C.; KOBE, S.; KOENINGSBERG, O. (1963). *Growth and Urban Renewal in Singapore*. Report to the United Nations.

(p. 78) Disponível em: <http://foundily.com/50-rare-photos-of-stunning-old-singapore-that-you-may-not-have-seen-before/2/>.

(p. 80) Disponível em: <http://www.rafchangi.com/archives/si-02/si0165/>.

(p. 84) Disponível em: https://www.google.pt/search?q=The+Pruitt-Igoe&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi3zY34yaXNAhXLAMAKHeApAGsQ_AUICCGB&biw=1920&bih=955#imgrc=soxhciVP5Wco1M%3A.

(p. 84) Disponível em: https://www.google.pt/search?q=pruit+st+louis&espv=2&biw=1745&bih=868&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj67NvzkrfNAhUL1xoKHZ9mADgQ_AUIBigB#tbn=isch&q=Pruitt%E2%8

0%93Igoe&imgrc=soxhciVP5Wco1M%3A.

(p. 88) Disponível em: <http://tamanjurong.sg/about-us>.

(p. 88) DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. (2005). *Singapore An atlas of Perpetual Territorial Transformation*. Singapore: NUS Press.

(p. 90) DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. (2005). *Singapore An atlas of Perpetual Territorial Transformation*. Singapore: NUS Press.

(p. 92) ABRAMS, C.; KOBE, S.; KOENINGSBERG, O. (1963). *Growth and Urban Renewal in Singapore*. Report to the United Nations.

(p. 92) Disponível em: https://www.google.pt/search?q=garden+city+ebenezer+howard&espv=2&biw=1920&bih=955&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiqxK7m06XNAhWJK8AKHaxwD1gQ_AUIBigB#imgrc=A7sDSPi48SYJrM%3A.

(p. 94) ABRAMS, C.; KOBE, S.; KOENINGSBERG, O. (1963). *Growth and Urban Renewal in Singapore*. Report to the United Nations.

(p. 96) ABRAMS, C.; KOBE, S.; KOENINGSBERG, O. (1963). *Growth and Urban Renewal in Singapore*. Report to the United Nations.

(p. 98) Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/advance1/5542893218/>.

(p. 100) Disponível em: <http://www.the-inncrowd.com/imagespaternal-grandmother/Raffles%20Place%201934.jpg>.

(p. 100) Disponível em: http://photos1.blogger.com/blogger/5727/90/1600/Raffles_Place_Garden.jpg.

(p. 102) Disponível em: <https://remembersingapore.org/2014/07/28/old-and-new-raffles-place/>.

(p. 102) Disponível em: https://www.google.pt/search?q=raffles+place&espv=2&biw=1745&bih=868&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjjae8nbfNAhXkDZoKHUFIABIQ_AUIBygC#imgrc=oKR_p2aWMLeIIM%3A.

(p. 104) DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. (2005). *Singapore An atlas of Perpetual Territorial Transformation*. Singapore: NUS Press.

(p. 106) Disponível em: http://3.bp.blogspot.com/_ehjL1tTOfeQ/SZKCD-

LyyzDI/AAAAAAAAAABU/ZmsbWoQxNew/S724/SIT006.jpg.

(p. 106) Disponível em: http://3.bp.blogspot.com/_kyJztgGLDh0/SPVn-GoZdTJI/AAAAAAAAAB7c/zlnNU-F8piA/s1600/SIT050.jpg.

(p. 108) Disponível em: <http://www.teoalida.com/singapore/WIAB1.jpg>.

(p. 108) Disponível em: http://farm3.static.flickr.com/2391/2157756527_3b5577baa0.jpg.

(p. 110) Disponível em: <http://www.toapayoh.com/ToaPayoh1967.jpg>.

(p. 110) Disponível em: <https://m1.behance.net/rendition/modules/15320442/disp/92492bcd7a783e3dc1e4d80b294fe3a2.jpg>.

(p. 112) DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. (2005). *Singapore An atlas of Perpetual Territorial Transformation*. Singapore: NUS Press.

(p. 114) DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. (2005). *Singapore An atlas of Perpetual Territorial Transformation*. Singapore: NUS Press.

(p. 116) Disponível em: <http://eresources.nlb.gov.sg/pictures/Details/9e2035cf-8bc2-42fd-a832-5aeade487538>.

(p. 118) KOOLHAAS, R.; MAU, B. (1995). *S, M, L, XL*. Rotterdam: 010 Publishers.

(p. 120) Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Jackson_Plan#/media/File:Plan_of_the_Town_of_Singapore_\(1822\)_by_Lieutenant_Philip_Jackson_original.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Jackson_Plan#/media/File:Plan_of_the_Town_of_Singapore_(1822)_by_Lieutenant_Philip_Jackson_original.jpg).

(p. 122) LIU, G. (2013). *Singapore: A Pictorial History, 1819-2000*. Routledge.

(p. 122) LIU, G. (2013). *Singapore: A Pictorial History, 1819-2000*. Routledge.

(p. 126) Disponível em: [http://4.bp.blogspot.com/-CLehQYg9VNQ/UaCviDd_k0I/AAAAAAAAADBw/sjc0jwSgJks/s1600/Singapore,+1950s-60s+\(3\).jpg](http://4.bp.blogspot.com/-CLehQYg9VNQ/UaCviDd_k0I/AAAAAAAAADBw/sjc0jwSgJks/s1600/Singapore,+1950s-60s+(3).jpg).

(p. 126) Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/travel/picturegalleries/8308524/Singapores-best-hawker-centres.html?image=2>.

(p. 128) KOOLHAAS, R.; MAU, B. (1995). *S, M, L, XL*. Rotterdam: 010 Publishers.

- (p. 134) Disponível em: <http://www.asianurbanepicenters.com/wp-content/uploads/2013/09/Untitled-1.jpg>.
- (p. 136) Disponível em: <http://www.asianurbanepicenters.com/wp-content/uploads/2013/09/Untitled-11.jpg>.
- (p. 136) Disponível em: <http://eresources.nlb.gov.sg/pictures/Details/32735d4d-c455-42cd-b9ce-7988019804c5>.
- (p. 138) Disponível em: <https://pt.pinterest.com/pin/250231323024517712/>.
- (p. 140) KOOLHAAS, R.; MAU, B. (1995). *S, M, L, XL*. Rotterdam: 010 Publishers.
- (p. 142) KOOLHAAS, R.; MAU, B. (1995). *S, M, L, XL*. Rotterdam: 010 Publishers.
- (p. 144) DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. (2005). *Singapore An atlas of Perpetual Territorial Transformation*. Singapore: NUS Press.
- (p. 148) DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. (2005). *Singapore An atlas of Perpetual Territorial Transformation*. Singapore: NUS Press.
- (p. 152) Disponível em: <http://ifonlaysiaingsaporeans.blogspot.pt/2013/02/land-use-plan.html>.
- (p. 160) Disponível em: <http://foundily.com/50-rare-photos-of-stunning-old-singapore-that-you-may-not-have-seen-before/>.
- (p. 162) Disponível em: <http://www.wisegeek.com/what-is-a-peregrine-falcon.htm#view-of-skyscrapers-from-the-ground>.
- (p. 168) Disponível em: <https://www.guggenheim.org/artwork/4327>.
- (p. 170) Disponível em: <http://america.pink/images/2/5/1/2/0/2/6/en/2-cour-neuve.jpg>.
- (p. 174) Disponível em: <http://foundily.com/50-rare-photos-of-stunning-old-singapore-that-you-may-not-have-seen-before/>.
- (p. 174) Disponível em: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/64/60/88/6460883e9aac046f09f8693a0d32cbc9.jpg>.
- (p. 176) Disponível em: <http://www.thelondoneconomic.com/property/in-pictures-the-evolution-of-london-docklands/22/04/>.

(p. 176) Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2325399/Canary-Wharf-How-busy-financial-centre-thriving-port-taking-sugar-rum-elephants.html>.

(p. 178) Disponível em: <http://www.portstrategy.com/news101/port-operations/safety-and-security/singapore-taps-big-data-benefits>.

(p. 180) DE KONINCK, R.; DROLET, J.; GIRARD, M. (2005). *Singapore An atlas of Perpetual Territorial Transformation*. Singapore: NUS Press.

(p. 182) Disponível em: <http://www.dezeen.com/2014/12/05/moshe-safdie-huge-greenhouse-singapore-changi-airport/>.

(p. 182) Disponível em: <http://www.dezeen.com/2014/12/05/moshe-safdie-huge-greenhouse-singapore-changi-airport/>.

(p. 184) Disponível em: <http://whenonearth.net/swim-marina-bay-sands-infinity-pool/>.

(p. 206) <http://foundily.com/50-rare-photos-of-stunning-old-singapore-that-you-may-not-have-seen-before/2/>.

(p. 214) Disponível em: <https://www.formula1.com/content/fom-website/en/championship/races/2016/Singapore.html>.

(p. 218) Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Merlion>.

(p. 222) KOOLHAAS, R.; MAU, B. (1995). *S, M, L, XL*. Rotterdam: 010 Publishers.

